

Carla Wille Kielwagen

**HISTÓRIA, CONFIGURAÇÃO E APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PÚBLICO:
A PRAÇA NEREU RAMOS EM JOINVILLE / SC.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientadora: Prof. Dr. Alicia Norma Gonzalez de Castells.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kielwagen, Carla Wille
HISTÓRIA, CONFIGURAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO :
A PRAÇA NEREU RAMOS EM JOINVILLE / SC / Carla Wille
Kielwagen ; orientadora, Alicia Norma Gonzalez Castells -
Florianópolis, SC, 2016.
148 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Praça Nereu Ramos. 3.
Espaço público. 4. História. 5. Evento. I. Castells, Alicia
Norma Gonzalez . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo. III. Título.

Carla Wille Kielwagen

**HISTÓRIA, CONFIGURAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO
PÚBLICO: A PRAÇA NEREU RAMOS EM JOINVILLE/SC.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Florianópolis, 23 de novembro de 2016.

Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Alicia Norma Gonzalez de Castells, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Mariluci Neis Carelli, Dr.^a
Univille

Este trabalho é dedicado aos meus amados avós, Eva e Buba, por serem parte importante do início de tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, professora Alicia Norma Gonzalez de Castells. Esta dissertação não existiria sem seus questionamentos e direcionamentos, que me guiaram e ao mesmo tempo me proporcionaram boa margem de liberdade.

Aos demais professores do PGAU, especialmente os professores Almir Francisco Reis, Nelson Popini Vaz, Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, Themis Fagundes e Gilberto Sarkis Yunes, pelas ótimas colaborações para o meu texto e pela dose de bom humor e amizade que dedicam aos alunos. Agradeço também à secretária do Programa, Adriana Vieira, pelo seu excelente trabalho.

Agradeço também à professora Mariluci Neis Carelli, pelas dicas valiosas e pela boa vontade para participar da minha banca.

A presente pesquisa também não seria possível sem o apoio financeiro da CAPES, que possibilitou dedicação exclusiva durante o período final da pesquisa e, assim, a obtenção de um melhor resultado.

Um muitíssimo obrigado ao Professor Douglas Vieira Aguiar, da UFRGS, por ter me inserido no universo da pesquisa ainda na graduação. Este agradecimento se estende à minha amiga e colega de profissão, Arq. Letícia Cortese Utermoehl, que me convidou para participar da pesquisa sendo desenvolvida pelo professor sobre o Camelódromo da Praça XV em Porto Alegre. Mal sabia ela que aquele convite mudaria meu futuro para sempre.

À minha mãe Melita, pelo apoio financeiro e emocional durante toda a minha vida acadêmica e pela ajuda me proporcionando conforto em seu ninho materno durante o processo de escrita. Ao meu irmão, Jefferson, pela ajuda com meu projeto de pesquisa e todo o incentivo ao longo do desenvolvimento deste texto. Ao meu pai, Carlos, e sua esposa Clarice, e a todo o restante da minha família, pela torcida. Agradeço especialmente aos meus avós paternos, Eva e Buba, pela paciência para longas conversas sobre meu objeto de estudo, regadas a café e deliciosos biscoitos caseiros.

Ao meu querido Marcus, que entrou na minha vida ao final deste processo e comprou a briga de me ajudar a finalizá-lo. Agradeço também a seus pais, Suzana e Orlando, por me receberem em sua casa durante a escrita desse texto.

À sábia amiga Cida Paes, pelo ‘empurrãozinho’ para que eu me inscrevesse no processo seletivo do mestrado e pelas ótimas conversas, que culminaram na decisão de trilhar este caminho.

À minha amiga Mariana, por ter me buscado na rodoviária semanalmente durante o primeiro ano do mestrado, me ajudado com registros fotográficos, e por todo o suporte emocional. O agradecimento se estende a seus pais, Cibele e Mario, que também torceram pelo meu sucesso.

Um agradecimento especial ao meu 'BFF' Lucas Reitz, pela colaboração imensa no meu desenvolvimento de ideias. Esta pesquisa e meu humor jamais seriam os mesmos sem nossas conversas e risadas. O agradecimento se estende ao seu parceiro, Gustavo Machado, que foi parte importante de tudo o que construímos juntos.

Agradeço também a outro grande amigo que ganhei no mestrado, Everton Rossete, que me aconselhou seguidamente sobre o processo de escrita, acreditou em minhas capacidades e também dividiu comigo sua experiência, seu carinho e sua conta no *Netflix*.

Agradeço também aos meus demais colegas de mestrado, sendo que cada um colaborou de alguma forma com esse texto: Maicon, Norberto, Guido, Caetano, Diego, Isabella, Vivian e Catalina. Obrigada por me fazerem pensar diferente.

Aos meus amigos e amigas que me enviaram mensagens de incentivo, além de terem me auxiliado imensamente a ter momentos de descontração durante os últimos dois anos: vocês estão em Joinville, Florianópolis, São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro, e sabem exatamente quem são! Obrigada!

Agradeço especialmente ao amigo Thiago, pela ajuda através de suas cartas; Ao amigo Adriano, pelas entrevistas e conversas sobre a história da Praça e seus personagens; À amiga e colega de profissão Tamires, pelo auxílio com desenhos e ideias até tarde da noite; Ao amigo Nandinho, pela sensibilidade. À minha prima Francine, por ter me acompanhado na entrevista do processo seletivo e pela compilação de fotos de incentivo que me enviou durante semanas. Por fim, um agradecimento especial aos amigos Gurcius, Flox e Andie: pelo amor incondicional e pela paciência com minhas ansiedades.

Um super agradecimento aos amigos e colegas que me receberam gentilmente em suas casas para que eu assistisse às aulas no primeiro ano de mestrado e durante o processo seletivo: Eduardo, Julia, Rafael, Mariana, Vivian, Denise, Camila, Fabiano, Danielle e Everton.

Por fim, agradeço também as pessoas que me ajudaram na mudança para Florianópolis e na minha adaptação à cidade, e que se tornaram também meus amigos: Camila, Vinicius, Gabriela, Julia e Cheryl.

Serei eternamente grata a todos vocês!

RESUMO

Esta dissertação diz respeito aos espaços públicos em centros urbanos e como estes se transformam ao longo do tempo, alterando também a forma como seus usuários apropriam-se de seu espaço físico. Para debater a questão, realizou-se um estudo de caso sobre a Praça Nereu Ramos em Joinville, Santa Catarina. Por ser uma praça central com origem na formação da primeira colônia de imigrantes europeus estabelecida no local, sua história é paralela à história de formação da região central da cidade, que é neste texto brevemente explanada, a título de contextualização. A Praça sofreu algumas transformações ao longo de sua existência, e estas são aqui narradas através de uma divisão em três períodos nos quais tratam-se não apenas das transformações em seu espaço físico, mas também das transformações referentes às formas de apropriação deste espaço pelas pessoas. Em um segundo momento, descreve-se a Praça Nereu Ramos atual no que diz respeito à sua inserção na malha urbana, sua configuração espacial, seus usuários e os eventos que ali ocorrem cotidianamente ou esporadicamente. Através da pesquisa histórica, documental, realização de inúmeras entrevistas, observações de campo e a criação de desenhos e mapas, a história da Praça e dos hábitos de seus usuários é contada e analisada, tendo como resultado algumas reflexões a respeito da relação entre história, transformações espaciais e uso do espaço pelas pessoas. Por fim, após a análise de todos os dados levantados, encerra-se este texto com algumas inferências de tendências sobre o futuro do objeto de estudo desta pesquisa, tanto em relação ao seu desenho quanto aos eventos que abriga e seus usuários.

Palavras-chave: Praça Nereu Ramos. Espaço público. História. Evento.

ABSTRACT

This dissertation concerns public spaces in urban centers and how they transform through time, also changing the way their users relate to the physical spaces. To discuss the issue, a case study about Nereu Ramos Square, located in Joinville, Santa Catarina, was carried out. As a central square originating from the formation of the first colony of European immigrants established on the spot, its history parallels the history of formation of the central region of the city, which is briefly explained in this text, to contextualize. The Square suffered some transformations throughout its existence, and these are here narrated through a division into three periods in which not only transformations in the square physical space are dealt with, but also the transformations regarding the way people appropriate its space is discussed. In a second moment, Nereu Ramos Square is described in its current form, regarding its insertion into the urban mesh, its space configuration, its users and the events that occur daily or sporadically. Through the historical and documental research, innumerous interviews, field observations and the creation of drawings and maps, the history of the Square and the habits of its users are told and analyzed, resulting in some reflections on the relation among history, space transformations and the use of space by people. Lastly, after the analysis of all data collected, this text is closed with some inferences of trends regarding the future of the study object, both in terms of its design and the events and users it hosts.

Keywords: Nereu Ramos Square. Public space. History. Event.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Joinville no Estado de Santa Catarina.....	32
Figura 2 – Centro de Joinville na metade do Século XIX.....	34
Figura 3 – Centro de Joinville no início do Século XX.....	35
Figura 4 – Centro de Joinville a partir da metade do Século XX.....	36
Figura 5 – Rua do Príncipe durante o período colonial.....	40
Figura 6 – Mapa Ilustrativo do espaço da Praça durante o período inicial, em1898.....	42
Figura 7 – Corte Ilustrativo do espaço da Praça Inicial, em1898.....	43
Figura 8 – <i>Ziegelei-strasse</i> - Início do século XX.....	45
Figura 9 – Em vermelho, um dos percursos muito utilizados por pedestres desde os tempos da colônia, conectando as mais antigas praças centrais.....	46
Figura 10 – Praça Carlos Gomes, pouco antes da mudança de nome em 1937.....	48
Figura 11 – Rua do Príncipe / Praça Carlos Gomes, 1937.....	48
Figura 12 – Mapa Ilustrativo da Praça da Era Vargas, em 1940.....	52
Figura 13 – Mapa da Praça no período crescente, em aproximadamente 1960.....	55
Figura 14 – Corte Ilustrativo da Praça no período crescente, em aproximadamente 1960.....	56
Figura 15 – Praça Nereu Ramos e seus bancos circulares.....	57
Figura 16 – Feira Hippie na Rua do Príncipe em 1990.....	59
Figura 17 – Praça Nereu Ramos no fim do período crescente.....	60
Figura 18 – Bairros de Joinville. Em amarelo, o bairro Centro.....	63
Figura 19 – Em amarelo, Bairro Centro. Em vermelho, área de estudo.....	63
Figura 20 – Mapa de Cheios e Vazios.....	64
Figura 21 – Biblioteca Rolf Colin na Praça Lauro Muller.....	66
Figura 22 – Playground da Praça Lauro Muller. Ao fundo, feira de artesanato.....	66
Figura 23 – Rua das Palmeiras em Novembro de 2014.....	67
Figura 24 –Praça da Bandeira.....	68
Figura 25 – Praça Dario Salles.....	69
Figura 26 – Uma das inúmeras galerias da área central, aberta, interliga a Rua Nove de Março à Rua XV de Novembro.....	70
Figura 27 – Cadeira em calçada sem boa acessibilidade. Esquina da Rua Nove de Março com a Rua São Francisco.....	71
Figura 28 – Rua do Príncipe.....	72

Figura 29 – Mapa de Usos da área edificada da região onde está inserida a Praça Nereu Ramos.	73
Figura 30 – Planta-baixa da Praça Nereu Ramos.	78
Figura 31 – Corte AA’ da Praça Nereu Ramos.	79
Figura 32 – Corte BB’ da Praça Nereu Ramos.	8026
Figura 33 – Praça Nereu Ramos vista de cima, a partir do terraço do Hotel Colon.	81
Figura 34 – Esfera espacial tridimensional representada no Corte BB’	83
Figura 35 – Fachadas Leste e Oeste da Praça Nereu Ramos.	85
Figura 36 – Fachadas Norte e Sul da Praça.	86
Figura 37 – Praça Nereu Ramos.	87
Figura 38 – Praça Nereu Ramos.	88
Figura 39 – Ipreville. Ao fundo o Edifício Manchester.	9026
Figura 40 – Ipreville em contraste com o Edifício Manchester e o Hotel Colon.	9026
Figura 41 – Mapa de Áreas abertas e cobertas.	93
Figura 42 – Planta-baixa da Praça Atual, com desenho de piso e canteiros.	95
Figura 43 – Desenho de piso e palco.	97
Figura 44 – Mesa e bancos de concreto revestidos em pedra. Tabuleiro de gamão.	97
Figura 45 – Ponto de Táxi na Rua Eng. Niemeyer.	98
Figura 46 – Vista do Bar a partir da Praça.	99
Figura 47 – Bicicletário novo.	99
Figura 48 – Sábado de manhã. Transeuntes e jogadores ao fundo, e trabalhadoras locais em primeiro plano utilizando os canteiros como bancos.	10026
Figura 49 – Transeuntes em um sábado de manhã.	10262
Figura 50 – Jogadores em fim da tarde de Domingo.	10263
Figura 51 – Músicos.	10264
Figura 52 – Músicos.	10264
Figura 53 – Apresentação de Dança no palco da Praça.	10265
Figura 54 – Ambulante.	10266
Figura 55 – Ambulante.	10266
Figura 56 – Ambulante.	10267
Figura 57 – Observadores.	10267
Figura 58 – Mapa de percursos comuns.	115
Figura 59 – Feirantes e transeuntes ao longo da Rua do Príncipe.	117
Figura 60 – Praça Nereu Ramos a partir do sétimo andar do Hotel Colon, durante Festival de Dança de Joinville.	118

Figura 61 – Bailarinos utilizam espaço da praça para aquecer, alongar e trocar de roupa antes de suas apresentações no palco coberto.	119
Figura 62 – Jogatina durante o Festival de Dança.....	12026
Figura 63 – Dinâmica espacial durante o Festival de Dança.....	121
Figura 64 – Eventos cotidianos que tendem a atrair curio.	125
Figura 65 – Eventos cotidianos que tendem a repelir usuários da Praça.	127
Figura 66 – Configuração espacial da Praça Nereu Ramos em quatro períodos: Inicial, da Era Vargas, Crescente e Atual.....	137

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	23
1 BREVE HISTÓRIA DE JOINVILLE	31
2 A PRAÇA DE ANTES	39
2.1 A PRAÇA INICIAL.....	39
2.2 A PRAÇA DA ERA VARGAS.....	49
2.3 A PRAÇA CRESCENTE.....	53
3 A PRAÇA DE AGORA	61
3.1 A REGIÃO CENTRAL.....	62
3.1.1 Espaços Públicos Centrais	62
3.1.2 Integração e Mobilidade	69
3.1.3 Atividades e Usos	72
3.2 A PRAÇA NEREU RAMOS.....	76
3.2.1 Configuração Espacial	76
3.2.2 Equipamentos e Materiais	96
3.2.3 Usuários	100
3.2.4 Eventos	108
4 HISTÓRIA, ESPAÇO E EVENTO	129
4.1 Sobreposição de tempos.....	129
4.2 Transformações espaciais.....	134
4.3 Usuários e eventos.....	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
APÊNDICE A – Observação 01	145
APÊNDICE B – Observação 02	147

APRESENTAÇÃO

O estudo dos espaços públicos nas cidades é um tema que se mostra frequente e relevante nas discussões contemporâneas sobre o espaço urbano e tem sido de meu interesse desde os tempos da graduação. Enquanto aluna de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, o assunto chamou minha atenção em disciplinas teóricas de urbanismo, e então desenvolvi a curiosidade de explorar teorias quanto à distribuição dos espaços públicos nas cidades, seu funcionamento e seus atributos físicos. Envolvendo-me em monitorias e projetos de pesquisa, planejei o início desta pesquisa, ainda que de forma embrionária.

Foi quando passei a fazer parte de um projeto de pesquisa no Núcleo de Estudos da Espacialidade coordenado pelo professor PhD Douglas V. Aguiar, na UFRGS, através da pesquisa que realizamos sobre o agora extinto Camelódromo da Praça XV de Porto Alegre, que passei a refletir a respeito da relação entre a forma geométrica dos espaços e a forma como as pessoas os utilizam no cotidiano. Passei a observar a cidade do ponto de vista do deslocamento das pessoas em seus espaços, que de acordo com o Prof. Douglas, é como tentar apreender uma dimensão invisível da arquitetura. Ele definia esta dimensão topológica como uma “arquitetura do movimento, do encontro e do diálogo entre objetos, paisagem e pessoas”. Ao invés de fazer uma leitura apenas geométrica do espaço urbano, abordávamos o que era por ele considerado um ponto de vista complementar e imaterial: a fruição espacial, ou seja, o modo como nos deslocamos na cidade através de estratégias de movimento, e também o modo como utilizamos os espaços para realizar diversas atividades comuns ao meio urbano, como sentar, comprar, consumir alimentos, etc. Esta forma de pensar a cidade proporcionou uma grande mudança na minha visão de arquitetura e urbanismo, e também despertou meu interesse pelo universo da pesquisa, já que o assunto me deixou, naquela época, bastante intrigada.

Também me chamou a atenção, ao longo de minha experiência de pesquisa no Núcleo de Espacialidade da UFRGS, a afirmação de que “A história da arquitetura é mais uma história de estilos do que de arranjos espaciais” (AGUIAR, 2002). O autor explica em seu artigo intitulado *Alma Espacial* que não há outra categoria profissional que se ocupe de modo sistemático do tema da distribuição espacial e, mais especificamente, com a dimensão de fruição do espaço arquitetônico, que é condição de suporte para a sucessão de eventos que constitui a vida das pessoas na cidade. Concordando com essa afirmação, e acreditando que deveria, então, aprofundar meus conhecimentos sobre distribuição

espacial, iniciei a leitura de outros autores que tratavam do espaço do ponto de vista de seus usos pelas pessoas, como Bernard Tschumi, Christopher Alexander e Jan Gehl.

A partir da imersão nos estudos da espacialidade durante a graduação, passei a acreditar que mudanças naturais decorrentes das novas formas de se relacionar e de se comunicar vinham alterando as apropriações dos espaços públicos pelas pessoas, e também os modos de obter lazer, alterando as dinâmicas espaciais. Entrou em jogo então, neste ponto, a compreensão da importância da história e das transformações sociais sofridas em um lugar para realizar uma análise que possa relacionar a morfologia urbana aos usos de um espaço.

Além de todas as descobertas que fiz durante meu contato com este Núcleo de Pesquisa, simultaneamente às mudanças na minha forma de pensar os espaços públicos e a profissão do arquiteto-urbanista, passei a observar o papel das políticas públicas na questão urbana, e as consequências de certas ações com fundamentos higienistas, que vinham ocorrendo com frequência nas cidades brasileiras. Um bom exemplo disso foi o que aconteceu com a Praça XV em Porto Alegre, que teve seu camelódromo tradicional e popular removido de sua posição privilegiada de passagem, de encontro de fluxos de pedestres, o que resultou em uma grande ruptura na dinâmica cidadina. A justificativa para a obra era uma suposta devolução do espaço para a população, mas este acabou por ser posteriormente destinado ao estacionamento de veículos em quase toda a sua área, em um cenário triste e atualmente bastante comum nas grandes cidades, no qual pedestres e atividades para eles ficam à mercê de ‘sobras’ de espaço. Essa percepção me fez desenvolver ainda maior interesse sobre como devem ser planejadas as Praças e demais espaços públicos para que estes sejam democráticos, atraentes para a população e adaptados às novas formas de obter lazer.

Alguns anos depois, já graduada e iniciando meu mestrado na UFSC, através de algumas disciplinas do programa, entrei em contato com outras formas de pensar o espaço e autores que me levaram a um amadurecimento das ideias que eu trazia como bagagem da UFRGS.

Esta trajetória de aproximadamente 12 anos pensando sobre o assunto me induziu a este momento, de digestão e elaboração de uma dissertação de mestrado, um estudo de caso, que tenha como base todo este repertório de ideias constituído por diversas leituras e pela minha própria experiência do espaço. Este repertório aparece em meu trabalho desde a escolha de vocabulário, até métodos de análise utilizados, e se traduz de forma simplificada em uma escolha de prioridades: há uma preocupação norteadora em compreender como a vida pública é afetada

pela morfologia urbana e como esta se transforma ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que também é parcialmente definida pelas transformações sociais e pelas formas de apropriação do espaço pela população.

INTRODUÇÃO

Uma cidade pode ser entendida como um organismo vivo. Pode ser percebida como um campo de possibilidades: é mutante, sujeita a transformações e fonte inesgotável de estudos e descobertas. O cotidiano, o modo de vida de um povo, pode muitas vezes ser responsável por transformações no espaço físico das cidades, visto que novas demandas surgem com o desenvolvimento e o crescimento das cidades para adaptá-las às novas necessidades de seus habitantes. Deste modo, a vida pública está muitas vezes refletida nos espaços construídos, principalmente nos espaços públicos ou privados de uso coletivo. Consequentemente, as transformações espaciais que ocorrem em um lugar ao longo de sua história podem muitas vezes revelar também a história de suas transformações sociais, e vice-versa.

O espaço público é, para muitos estudiosos, o lugar eleito para reconhecer-se a vida na cidade. Uma das formas possíveis de tentar sistematizar conhecimento sobre a vida pública de um lugar específico é através da observação de como se ocupam e se utilizam seus espaços, nos eventos do cotidiano. A forma de circular, de utilizar os equipamentos públicos, o sistema viário e demais espaços abertos pode dizer bastante sobre a cultura local, e consequentemente, sobre as pessoas que lá habitam e como estas apreendem os espaços urbanos.

A observação do comportamento humano no espaço urbano é também bastante utilizada como forma de avaliar o quão bem-sucedido é um projeto quando este é idealizado para um propósito específico. Um projeto de urbanismo que preveja uma praça para fins de lazer, por exemplo. Se a observação da realidade posterior à sua construção revelar que a praça está constantemente vazia, e esta se tornou uma área perigosa ao pedestre, conclui-se que aquele foi um projeto malsucedido. Uma praça deserta ou um edifício vazio/abandonado são considerados indesejados na arquitetura. É através do movimento, e da apropriação dos espaços pelas pessoas que a cidade tem vida.

Além disso, no cotidiano do espaço público aprende-se sobre a conduta cidadina. O confronto com o desconhecido e as noções de civilidade fazem parte deste aprendizado, quando o habitante da cidade define, a partir de sua apreensão da cidade, espaços de sociabilidades e estratégias de sobrevivência e de circulação. Por consequência, essa ocupação territorial, essa apropriação do espaço, cria experiências urbanas singulares.

Sob a influência de acontecimentos globais e locais da contemporaneidade, e ao longo de adaptações de diferentes épocas

vividas na cidade, os centros urbanos e seus espaços públicos assumem novas configurações sobrepostas aos antigos tecidos urbanos. A somatória desses tempos vividos pode ser descrita em um lugar, como por exemplo, uma praça, onde espaço e eventos nele contido são produtos de vivências do cotidiano. Assim, os espaços guardam as características dos tempos vividos no patrimônio construído, na proporção dos espaços abertos e na singularidade dos tecidos urbanos, bem como nas estratégias de uso dos espaços pelas pessoas.

Esta pesquisa é uma tentativa de apreender um pouco do cotidiano específico de um lugar, uma praça urbana central no município de Joinville, cidade catarinense de porte médio. Esta é uma narrativa sobre os valores arquitetônico-urbanísticos e socioculturais de uma praça que está muito próxima ao ponto de fundação da cidade: trata-se da Praça Nereu Ramos e seu entorno imediato. Localizada no centro histórico de Joinville, é uma porção de espaço público pertencente à malha urbana estabelecida pelos primeiros colonos que ali se fixaram.

A Praça Nereu Ramos foi escolhida como objeto deste estudo de caso por dois motivos principais. O primeiro é a constatação de que esta é intensamente utilizada pela população de Joinville desde sua origem e dificilmente é excluída de qualquer descrição que se faça do centro da cidade por seus moradores, hipótese comprovada através das entrevistas realizadas para o desenvolvimento deste texto. O segundo motivo é sua importância histórica e a conjuntura de seu surgimento: a Praça é parte integrante de uma **sequência espacial** que inclui duas praças, uma alameda e algumas ruas, todas tendo surgido durante o período inicial da colônia que ali se instalou. É notável a qualquer observador mais atento que estes espaços públicos são frequentemente utilizados como um conjunto, integrando diferentes percursos muito utilizados pelo joinvilense que caminha pelo centro da cidade, tanto para acessar compras e serviços, como equipamentos públicos de lazer e cultura da cidade.

A expressão ‘sequência espacial’ é aqui utilizada no sentido de definir uma sequência de espaços não apenas fisicamente conectados, mas topologicamente articulados:

“Entende-se, no contexto disciplinar arquitetônico, topologia como o estudo de relações espaciais que independem de forma e tamanho. Topologicamente o que conta é a condição relacional, a articulação ou inflexão, a proximidade ou distanciamento, enfim, o modo como espaços se

relacionam ou se articulam. A descrição de ordem, desde um ponto de vista topológico, implica na descrição do modo como os espaços de uma edificação se articulam, o que por sua vez evidencia o modo como a edificação é utilizada ou apreendida, tanto pelo usuário regular, seus habitantes, quanto pelo usuário ocasional, os visitantes.” (AGUIAR, 2002, p. 2)

Esta dimensão topológica a qual se refere Douglas Aguiar pode ser estudada através de linhas de movimento. Neste caso, a cidade é entendida como um sistema de barreiras e passagens, sendo que a massa edificada, os quarteirões, são as barreiras, e os espaços abertos como ruas e praças, as passagens.

A forma de percorrer os espaços implica na sequência espacial, assim como no modo de utilizar e ocupar os espaços para diversas atividades. Apesar de que o modo como percebemos os espaços é pessoal e difícil de descrever, a forma como nos apropriamos e circulamos nos espaços é perfeitamente passível de descrição objetiva, como afirmou Bernard Tschumi: “se a sequência espacial inevitavelmente implica no movimento do observador, então tal movimento pode ser objetivamente mapeado e formalizado sequencialmente”. Neste trabalho, há a tentativa de apreender o cotidiano desta Praça deste ponto de vista, através de uma descrição não apenas das principais formas de circular por seu espaço, mas através de uma descrição dos tipos e de como estão distribuídas ali diversas atividades, aqui denominadas de **eventos**. Os eventos, aqui, não se resumem a formalidades: considera-se evento qualquer ação simples praticada por um usuário no espaço da Praça, como caminhar ou sentar-se a um banco.

A área de estudos dessa pesquisa sofreu algumas transformações ao longo de sua existência, tanto em relação a suas formas de usos, como em relação a seu desenho urbano. Apesar disso, manteve parte de sua configuração espacial inicial, como será demonstrado a seguir, e foi bastante movimentada desde a época da colônia.

A presente pesquisa se propõe, então, a revelar uma leitura das transformações sócio espaciais sofridas pela Praça Nereu Ramos ao longo de sua história. As experiências singulares vivenciadas na praça em seus diferentes períodos são possíveis de serem identificadas através de alguns instrumentos de pesquisa científica, dentre eles, as entrevistas, a pesquisa documental e as observações de campo. A proposta é pensar a Praça e a cidade combinando dois pontos de vista: o primeiro, com a ajuda dos

olhos e das memórias dos outros (entrevistas); O segundo, através de uma análise do espaço e suas transformações físicas (mapas, projetos e documentos).

Aprender as particularidades da vida pública em uma determinada área é bastante complexo e envolve inúmeras variáveis, sendo que estas são por vezes fáceis de medir, e por vezes demasiado complexas, a ponto de suas abordagens em estudos acadêmicos muitas vezes beirarem à abstração e à percepção individual do autor. Neste contexto, se impôs o desafio de revelar e analisar este espaço da forma mais coerente possível, levando em consideração diferentes aspectos e entrevistando pessoas de diferentes grupos frequentadores da área.

A descrição histórica dos eventos contidos na Praça Nereu Ramos e de seus usuários, bem como os trechos que falam de transformações no espaço físico da Praça realizadas em um passado anterior ao tempo de vida da autora, se basearam tanto em entrevistas como em reportagens de jornais locais encontradas no Arquivo Histórico de Joinville, de diferentes épocas. Com o objetivo de descrever melhor os pormenores da utilização da Praça nos períodos não vividos pela autora, foi necessário realizar uma série de entrevistas, que aconteceram entre outubro de 2014 e maio de 2016. As entrevistas foram realizadas no próprio espaço da Praça, com tempos de duração variados, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. As entrevistas totalizaram o número de 27: dos 27 entrevistados, 9 (nove) eram idosos, incluindo 1 (um) trabalhador do entorno, 2 (dois) jogadores de dominó da praça, 2 (duas) donas de casa moradoras do centro e 4 (quatro) aposentados moradores do Centro histórico. Os 18 demais entrevistados estavam na faixa entre 18 e 60 anos de idade, e dentre eles estavam: 1 (um) artista visual joinvilense; 1 (um) músico que utiliza a praça como lugar para realizar performances informais; 3 (três) skatistas frequentadores da Praça no período noturno; 7 (sete) transeuntes – pessoas que estavam simplesmente de passagem no local e foram pela autora abordadas (4 mulheres e 3 homens); 2 (dois) ambulantes: um vendedor de DVDs e uma vendedora de cocadas; 1 (uma) profissional da área de tecnologia da informação, que cresceu brincando na Praça nos anos 60 e reside no centro até a atualidade; 1 (um) arquiteto, o responsável pelo projeto arquitetônico da última reforma da Praça; 1 (um) dono de salão de cabeleireiros; 1 (uma) estudante do ensino médio.

Para melhor descrever a situação atual da Praça Nereu Ramos, utilizou-se o método de observação passiva, atividade que foi realizada simultaneamente às entrevistas. Estas observações foram realizadas em diferentes épocas do ano, em diferentes dias da semana e diferentes horários do dia e noite, objetivando a diversidade de situações. Tais

observações foram registradas em forma de 36 diários de campo, 14 mapas de linhas de movimento, e 323 fotos.

Para estudar a forma como as pessoas circulam no espaço e que percursos utilizam em diferentes circunstâncias, seguiu-se diferentes indivíduos e grupos de indivíduos, resultando nos 14 mapas com linhas de movimento citados anteriormente. Estes mapas foram compilados em um mapa síntese, apresentado no capítulo onde se descreve a Praça atual, com o intuito de discorrer sobre as estratégias de circulação mais utilizadas no local.

Os 36 diários de campo foram escritos pela autora, à mão, durante a observação da Praça, em um caderno que foi posteriormente consultado para listar as atividades atuais e usuários mais comuns à paisagem da Praça. Por conter um tom mais pessoal e literário, foram utilizados apenas como fonte, não aparecendo diretamente neste texto. Apesar disso, dois deles foram colocados ao final deste trabalho como apêndices, como exemplos de como foi experimentar o espaço-objeto desta pesquisa do ponto de vista da pesquisadora.

A análise das diferentes configurações espaciais da Praça Nereu Ramos ao longo de sua história e no presente foi realizada com base em alguns conceitos estabelecidos por Camillo Sitte. O autor define uma série de formas de avaliar o espaço no que diz respeito às proporções entre suas áreas abertas e áreas construídas, bem como na relação de proporção e continuidade entre edificações, seus alinhamentos e o ritmo gerado por elas na percepção da paisagem da cidade.

A análise das formas de uso e apropriação do espaço da Praça Nereu Ramos se baseia tanto na percepção da cidade como um sistema de barreiras e percursos, como descrito anteriormente, quanto com o corrente conceito de **urbanidade**, termo atualmente bastante utilizado pela comunidade acadêmica, tendo inclusive definições um pouco diferentes para autores distintos. Aqui, o termo é utilizado para se referir a um espaço público quando este atende a certos requisitos que o tornam movimentado, repleto de atividades e interações entre ser humano/ambiente.

[...] os espaços públicos têm que convidar e acolher o maior número de pessoas as mais diversas, pelo maior período de tempo possível. Dessa forma, neles poderá florescer aquilo que Gehl chama de vida entre os edifícios, que é o mesmo que ele e outros autores chamam de *vida pública*: o conjunto das ações, programadas ou não, protagonizadas

pelos indivíduos nos espaços públicos. Em uma palavra: urbanidade. (TENÓRIO, 2012, p. 14)

De acordo com esta definição, diz-se que um local possui urbanidade quando este atende a alguns requisitos, aqui utilizados como itens de verificação ao longo das descrições realizadas sobre os diferentes tempos da Praça Nereu Ramos.

O primeiro destes itens de verificação diz respeito ao número de pessoas: verificar se muitas pessoas ocupam seus espaços. É necessário também que haja uma grande diversidade de perfis (idade, classe social, etc.). Outra característica diz respeito às fachadas das edificações, sua permeabilidade e as atividades que ocorrem em seus interiores: em um espaço com urbanidade, há uma grande interação entre os espaços públicos e privados, com pessoas entrando e saindo das edificações com frequência. Também vale como interação interior/exterior a colocação de mesas nas calçadas, por exemplo, ou ainda os olhares das janelas para a rua em sua frente.

Outro item de verificação de grau de urbanidade diz respeito ao deslocamento: o espaço deve possibilitar opções de transporte e diferentes percursos possíveis aos pedestres. Por fim, é necessário que o espaço tenha traços do cotidiano ali vivido: se todos parecem turistas, por exemplo, não há real urbanidade. É necessário que haja atores comuns à cena, como crianças com suas mochilas indo à escola, pessoas uniformizadas realizando seus trabalhos, para que se possa ter a sensação de que ali há, de fato, urbanidade.

Com os requisitos desta urbanidade descrita por Gabriela Tenório em mente, iniciou-se um levantamento através de entrevistas e pesquisa histórica sobre os diferentes períodos vividos pela Praça Nereu Ramos. Os eventos, ou simplesmente ações e apropriações do espaço pelas pessoas, são aqui tratados tanto como consequência quanto definidores do espaço, e nessa relação mútua de adaptação, prestam um grande serviço à arquitetura e ao urbanismo na medida em que podem ser analisados e utilizados como ferramenta para pensar a cidade e o modo como nela se vive.

A hipótese de que a análise das formas de usos e apropriações do espaço da Praça por seus usuários é fundamental para compreender seu cotidiano e as transformações morfológicas por ela sofridas ao longo da história da cidade foi amplamente explorada neste trabalho. Viver um espaço, atravessá-lo ou ocupá-lo, é aqui compreendido como a experiência última da arquitetura: a cidade é o palco do cotidiano, a

arquitetura e sua história um complexo cenário, e todos nós, os atores em cena.

Através da análise de diferentes variáveis objetiva-se, então, compreender as transformações sofridas pelo espaço objeto desta pesquisa, bem como definir algumas tendências para seu futuro. Deste modo, através da leitura teórica dos elementos para este trabalho levantados e aqui expostos, pretende-se colaborar com o debate emergente a respeito das necessárias transformações que virão a seguir nos espaços públicos das cidades.

Optou-se, então, por uma estratégia que organiza os dados em ordem cronológica. No capítulo intitulado *Breve História de Joinville*, uma descrição do contexto histórico no qual a Praça está inserida é realizada, contando com a história da cidade e da formação da região central.

No segundo capítulo, *A Praça de Antes*, a história dos espaços e dos usos e apropriações deles pelas pessoas é narrada através da descrição de três períodos, definidos tomando marcos históricos significativos como limites entre os períodos, marcos estes cujas consequências reverberaram diretamente no espaço da Praça. Com os levantamentos histórico, documental e as entrevistas teve-se a intenção de verificar como diferentes grupos de pessoas se apropriaram do espaço público da Praça ao longo do tempo, bem como as transformações espaciais sofridas e suas possíveis motivações.

Para ser possível então, narrar os diferentes tempos de vida da Praça, sua história foi dividida nos seguintes períodos: *A Praça inicial*, *A Praça da Era Vargas* e *A Praça crescente*. Estas narrações foram construídas através das entrevistas com usuários da Praça de diferentes idades e procedências, bem como através de um levantamento histórico, de configuração espacial, de distribuição de usos e atividades, patrimonial, etc, a partir de observação de campo, fotografias e levantamento de dados no Arquivo Histórico, IPPUJ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville), Fundação Cultural de Joinville e na Coordenadoria de Patrimônio Cultural. Para melhor compreender as transformações espaciais dos tempos mais antigos da Praça, de quando não há registros oficiais como fotografias ou desenhos de projetos, alguns mapas e outros desenhos ilustrativos foram criados, em uma tentativa de representar graficamente as conclusões deste levantamento.

A seguir, no capítulo intitulado de *A Praça de Agora*, adentra-se nas questões referentes à Praça atual, a partir de sua última grande

reforma até a atualidade. Primeiramente, ocorre uma descrição da região central onde a Praça objeto de estudo desta pesquisa está inserida. Descreve-se o conjunto de espaços públicos centrais que formam a sequência espacial na qual a Praça Nereu Ramos está inserida, suas principais características e como estão relacionados. Além disso, discorre-se sobre questões de morfologia, integração, mobilidade e principais atividades realizadas na área central de Joinville na atualidade. Posteriormente atenta-se especificamente para a Praça Nereu Ramos e seu entorno imediato, quando descrições detalhadas de sua configuração espacial, de seus usuários e suas atividades no espaço da Praça são realizadas, a partir de observação de campo, levantamento de dados e entrevistas.

No capítulo final, História, Espaço e Evento, uma análise comparativa entre os diferentes tempos vividos na praça é realizada, e há uma tentativa de apresentar algumas conclusões sobre suas transformações, bem como levantar algumas hipóteses quanto à direção para a qual o espaço em questão está indo, tanto no sentido arquitetônico-urbanístico quanto das formas de usos e eventos cotidianos que possam ali ocorrer.

1 BREVE HISTÓRIA DE JOINVILLE

Para melhor compreender as mudanças ocorridas na Praça Nereu Ramos ao longo do tempo e analisar as consequências sócio espaciais destas transformações, se faz necessário explicar o contexto histórico no qual está inserida. A história da formação do território joinvilense, suas características, seus principais agentes e feitos são cruciais para a definição do cenário de imigrações e ocupações territoriais que culminaram na morfologia da porção urbana onde hoje está localizada a praça-objeto desta pesquisa. Este cenário será descrito brevemente a seguir, para que então seja possível atentar mais especificamente ao espaço da Praça nos capítulos seguintes.

Os registros dos primeiros habitantes na região onde hoje está localizada a cidade de Joinville datam de 4800 a.C. Os indícios de sua presença encontram-se nos mais de quarenta sambaquis e sítios arqueológicos do município. O homem-do-sambaqui praticava a agricultura, mas tinha na pesca e coleta de moluscos as atividades básicas para sua subsistência.

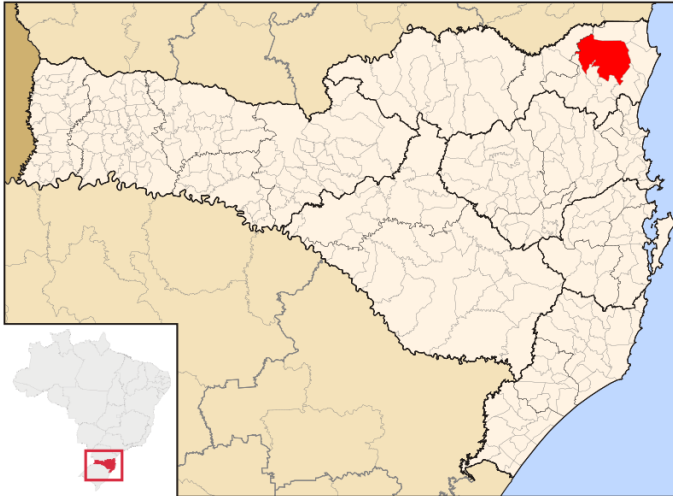
Índios tupis-guaranis (especificamente carijós) ainda habitavam a região quando lá chegaram os primeiros imigrantes europeus. No século XVIII estabeleceram-se famílias de origem portuguesa no local, com seus escravos negros, vindos provavelmente da capitania de São Vicente (hoje estado de São Paulo) e da vizinha cidade de São Francisco do Sul. Adquiriram lotes de terra (sesmarias) nas regiões do Cubatão, Bucarein, Boa Vista, Itaum, Morro do Amaral (atualmente bairros periféricos) e passaram a cultivar mandioca, cana-de-açúcar, arroz, milho, entre outros produtos.

Joinville está localizada no nordeste do estado de Santa Catarina, próxima a divisa com o Paraná (Figura 1). Foi oficialmente fundada em 9 de março de 1851, e a nova terra foi denominada Colônia Dona Francisca, em homenagem à princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I e herdeira de uma área de 25 léguas quadradas. As terras faziam parte do dote de casamento da princesa com o príncipe François Ferdinand Phillipe Louis Marie, de Joinville, cidade situada na França.

Uma residência de verão foi construída para abrigar o príncipe e a princesa de Joinville, com um caminho de palmeiras em frente ao palacete. Entretanto, nenhum dos dois chegou a conhecer a cidade. A casa construída para os príncipes é atualmente o Museu Nacional de Imigração e Colonização – Palácio dos Príncipes de Joinville, e o

caminho à sua frente tornou-se a Rua das Palmeiras, um importante ponto turístico da cidade.

Figura 1: Localização de Joinville no Estado de Santa Catarina.



Fonte: [SantaCatarina_MesoMicroMunicip.svg](#), Raphael Lorenzeto de Abreu.

A chegada dos imigrantes europeus à região foi possível depois de o príncipe ceder, em 1849, oito léguas de área para a Sociedade Colonizadora Hamburguesa, de propriedade do senador Christian Mathias Schroeder. Os imigrantes vieram da Alemanha, Suíça e Noruega, juntando-se aos portugueses, negros e indígenas já estabelecidos na região. A principal diferença deste grupo para os anteriores era o grau de instrução e o poder aquisitivo. Nesta ocasião vieram engenheiros, médicos, professores e homens de posses junto de suas famílias. Estas famílias, ao contrário dos colonizadores anteriores, se estabeleceram próximo ao Rio Cachoeira (hoje na área central), abriram e nomearam inúmeras ruas, construíram muitas edificações e deram a partida nas atividades comerciais onde hoje está o centro da cidade. Estabeleceram, portanto, a configuração da malha urbana central onde está localizada a Praça Nereu Ramos.

Em 1852 a colônia passou a ser chamada de Joinville e em 1877 recebeu o status de cidade. A partir de 1880 a colonização se intensificou e Joinville chegou a contar com mais de 18 mil habitantes. Mesmo com as dificuldades do terreno alagadiço, pantanoso e insalubre, a direção da Sociedade Colonizadora conseguiu estabelecer, a partir do traçado inicial, em forma de cruz, a Rua do Porto (atual Rua Nove de Março) - a *Schweizer-Pikade*¹, depois a *Mittelweg*², atual Rua XV de Novembro e abriram-se dois novos caminhos, respectivamente para o Norte, a *Nordstrasse*³, atual avenida Dr. João Colin, e para o Sul, pela *Deutschstrasse*⁴, atual Visconde de Taunay. O núcleo embrionário partia do local onde presentemente está a Praça Lauro Müller, na Rua Nove de Março. A partir deste nó central a cidade foi expandindo-se para todas as direções ao longo do século XX (Ver figuras 2, 3 e 4).

As figuras mostram a evolução dos espaços públicos (ruas e praças) na área conhecida como ‘coração’ do centro de Joinville, local onde está localizada a Praça Nereu Ramos. Esta região foi ocupada pelos imigrantes europeus a partir da metade do Século XIX. A Figura 2 mostra as primeiras vias estabelecidas pelos colonizadores, que chegaram através do Rio Cachoeira, e o local que foi considerado o Marco Zero da cidade, a atual Praça Lauro Muller. A figura 3 mostra a sequência de duas praças e uma alameda que surgiu no início do Século XX, espaços de proporções coloniais e espacialmente conectados por algumas vias. Na época, a Praça Nereu Ramos ainda se chamava Carlos Gomes, e a Rua das Palmeiras era conhecida como *Alameda Bruestlein*⁵. A figura 4 mostra a configuração da malha urbana central após o acréscimo de mais dois espaços públicos na ocasião da comemoração do centenário da cidade, a Praça da Bandeira e a Praça Dario Salles, em meados da metade do Século XX. Neste ponto as Ruas e Praças centrais que possuíam nomes em alemão já haviam sido renomeadas em português, e a Praça Carlos Gomes já havia passado a se chamar Nereu Ramos. Esta é a configuração que permanece até hoje na região central.

¹ Em alemão, “schweizer” significa *suíço*, e “pikade” é dialeto para *ruela* ou *picada*.

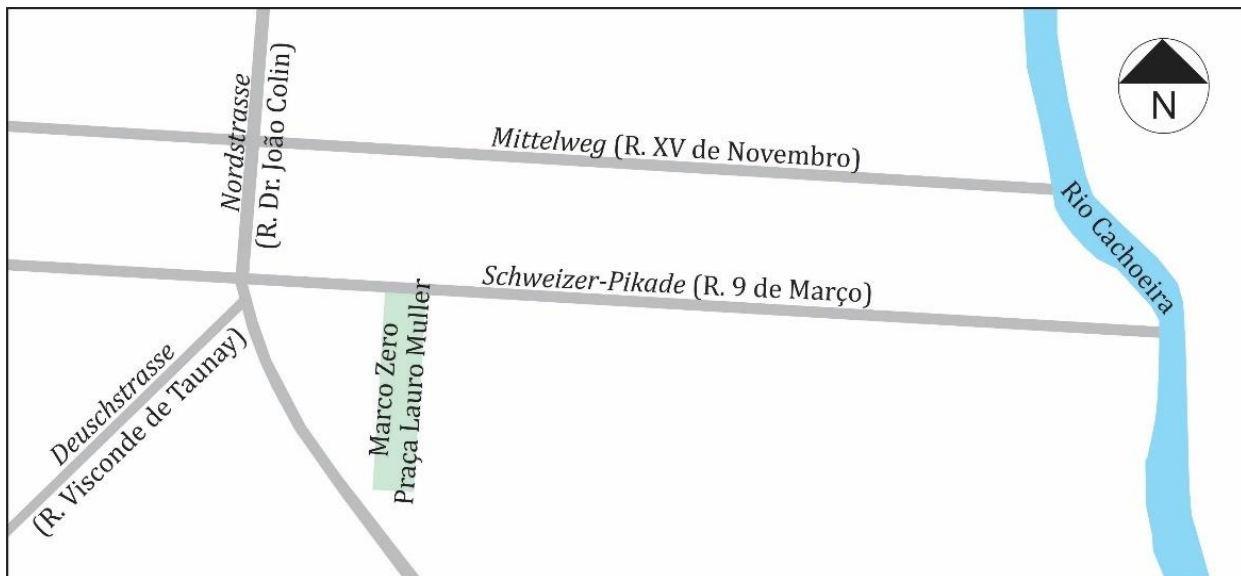
² Em alemão, “mittel” significa médio ou meio, enquanto “weg” significa caminho.

³ Em alemão, “nord” significa norte, e “strasse” é traduzido como rua.

⁴ Em alemão, “deutschstrasse” significa Rua Alemã.

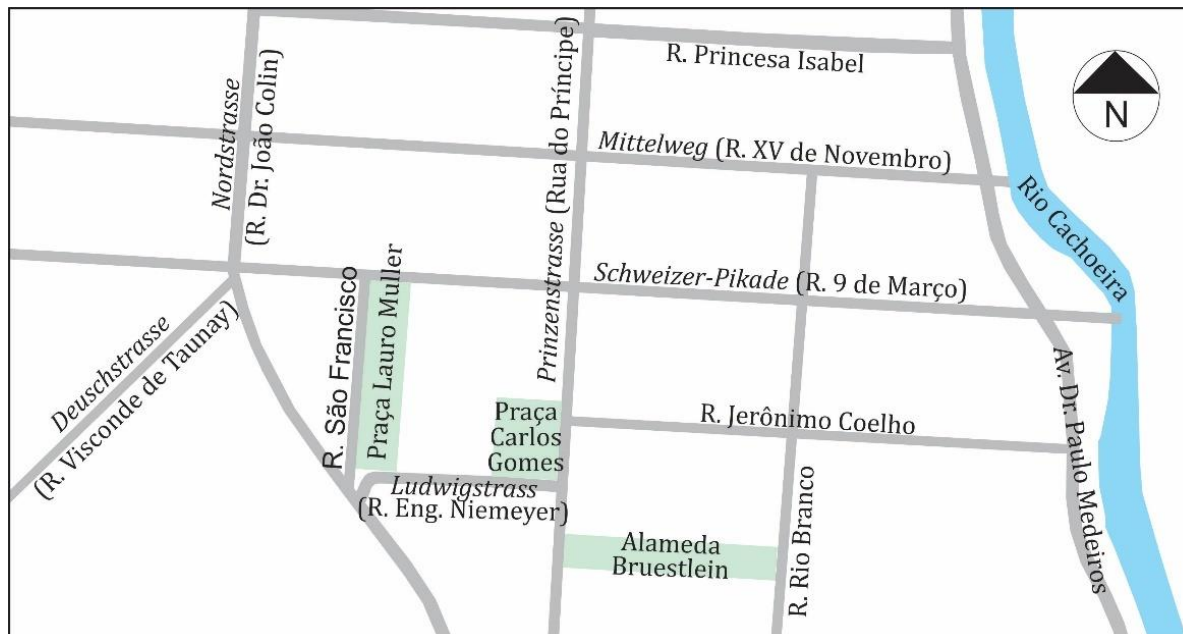
⁵ O nome ‘Bruestlein’ foi dado em homenagem a Frederico Bruestlein, administrador dos bens do Príncipe de Joinville.

Figura 2: Centro de Joinville na metade do Século XIX.



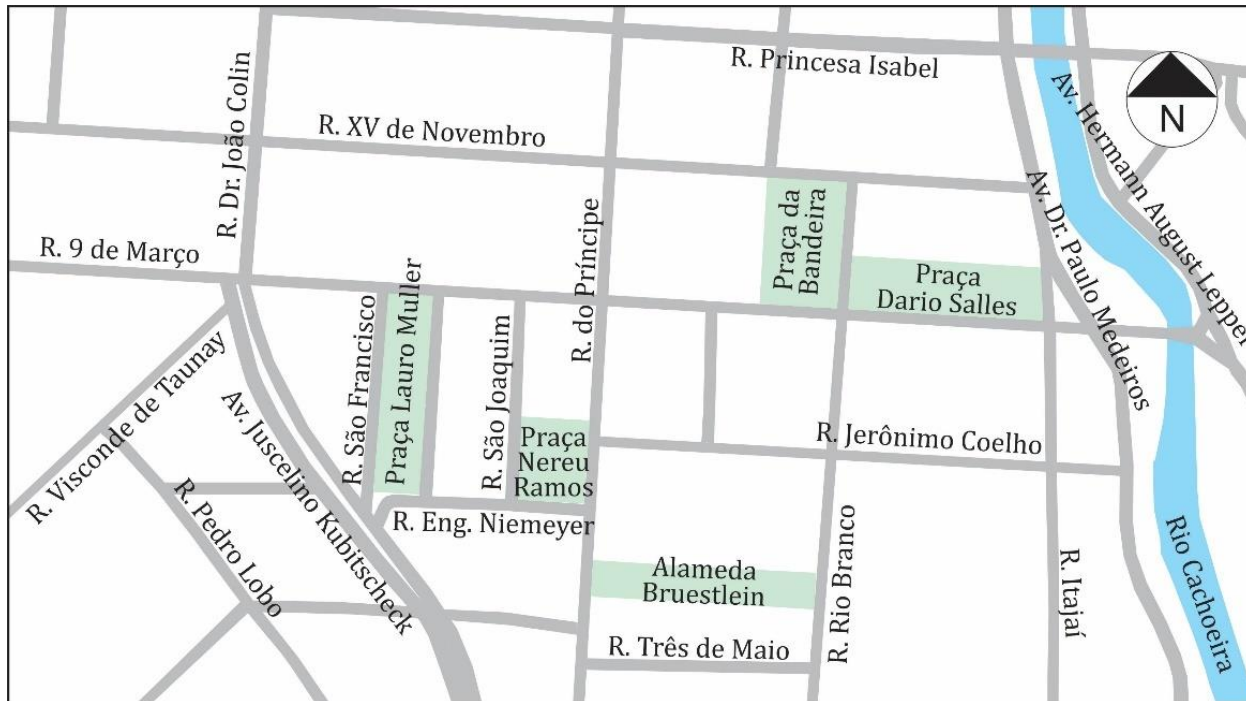
Esquema da autora. Sem escala.

Figura 3: Centro de Joinville no início do Século XX.



Esquema da autora. Sem escala.

Figura 4: Centro de Joinville a partir da metade do Século XX.



Esquema da autora. Sem escala.

Em meados do século XX a cidade mostrou grande crescimento com a industrialização e atraiu um movimento migratório de todo o Brasil. Apesar de ser comum classificar Joinville como uma cidade de colonização germânica, e de que várias festividades do município tenham relação com a cultura europeia, sabe-se que imigrantes de outras origens também participaram da formação de Joinville, porém com influência menor na configuração da malha urbana, justamente porque os alemães se instalaram nas áreas mais privilegiadas e centrais. Estes estabeleceram rapidamente as regras de uma sociedade onde os valores vigentes eram os familiares e favoreciam sua própria cultura, dando início a um sistema de Clubes e Sociedades que fortalecia o caráter colonial alemão.

Joinville passou por um grande crescimento no início do século XX, mas foi no final da década de 50 que Joinville presenciaria grandes transformações econômicas e sociais que a levariam a ser citada pela imprensa como a *Manchester Catarinense*. Novas empresas foram abertas e empreendimentos tradicionais se solidificaram e ampliaram as atividades, fazendo com que um ar de prosperidade surgisse no município.

Atualmente Joinville é uma cidade essencialmente industrial e possui uma das economias mais diversificadas do Sul do país. É o município mais populoso do Estado, com mais de 500 mil habitantes. Ocupa o primeiro lugar do PIB *per capita* no Estado de Santa Catarina, e além da importância econômica, possui alguns apelidos, como "Cidade das Flores", "Cidade dos Príncipes", "Cidade das Bicicletas" e "Cidade da Dança" – todos com origem em sua cultura e história.

Por fim, Joinville é cortada por várias rodovias e linha férreas que contribuíram para tornar a cidade o 3º maior polo industrial da Região Sul do Brasil. Apesar da progressiva terceirização do centro, a atividade industrial continua com grande relevância, laborando, na sua cintura industrial, grandes conglomerados do setor metal-mecânico, químico, plásticos, têxtil e de desenvolvimento de *software*, tornando-a um grande polo dessa tecnologia.

2 A PRAÇA DE ANTES

Para bem delimitar o cenário específico da Praça Nereu Ramos, se faz necessário atentar para a história de formação deste espaço, ou pelo menos, para os fatos históricos de que se tem notícia sobre sua morfologia. Tanto quanto sua configuração espacial, suas edificações e seus equipamentos urbanos, a história faz parte de um conjunto de variáveis que coloca a ação humana e os acontecimentos em um determinado contexto singular. Além disso, configuração do espaço e história são, neste caso, interdependentes, sendo que uma é consequência da outra e vice-versa. A tentativa de apreender o cotidiano deste local é indissociável tanto de suas formas espaciais, quanto das memórias daqueles que a utilizam. Para esta etapa do trabalho, então, interessam os fatos e memórias que explicam as transformações sofridas pelo espaço da Praça ao longo do tempo.

2.1 A PRAÇA INICIAL

O período aqui definido como inicial abarca desde a apropriação do território pelos primeiros colonizadores, até seu desenvolvimento como colônia, sua elevação ao status de cidade, o estabelecimento da malha urbana, nomeação de ruas e construção de importantes edifícios até hoje presentes no local. Esta descrição se concentrará a partir da metade do século XIX até 1937, ano marcado por significativas mudanças políticas que viriam a transformar o espaço da Praça e suas formas de usos pelas pessoas, como será visto mais adiante neste texto.

Não há consenso sobre a origem exata da Praça Nereu Ramos, tampouco há uma data de fundação oficial ou idealizador do espaço conhecido. O que se tem conhecimento, de acordo com dados obtidos no Arquivo Histórico de Joinville e entrevistas, é que na primeira metade do século XIX o local era dividido em lotes, dos quais dois pertenceram aos dois primeiros ex-prefeitos de Joinville: Dr. João Adolpho Haltenhoff e Frederico Lange. Os lotes eram inicialmente terrenos ocupados apenas com vegetação nativa e se encontravam em um ponto de convergência de fluxos já naquela época. O local estava próximo a algumas das primeiras e mais importantes vias da cidade, como a Rua Nove de Março, a Rua XV de Novembro, e a própria Rua do Príncipe, que hoje tangencia a Praça lateralmente. Não foram encontrados desenhos ou fotos da área da Praça nesta época, no entanto a Figura 5 mostra a Rua do Príncipe neste mesmo período, nas proximidades do local da Praça, colaborando para a

apreensão do que viria a ser este espaço na Joinville daquele tempo. A imagem mostra o estilo de vida no início do século: residências, vegetação nativa, estrada de terra, carroças e pedestres.

Figura 5: Rua do Príncipe durante o período colonial.



Fonte: Arquivo Histórico. Sem data definida.

A Praça possuía um público frequentador composto por comerciantes, trabalhadores e moradores do local. Não havia equipamentos que justificassem a permanência das pessoas no espaço, portanto, a maioria estava apenas de passagem, e também não havia eventos realizados no local que atraíssem os joinvilenses. Pelo fato de que a Rua do Príncipe era de grande importância e, ainda naquela época, uma das poucas no centro da cidade, o fluxo de comerciantes ocorria de modo constante e natural ao longo do dia. Havia predominância de homens às ruas em função da divisão de trabalho imposta aos diferentes gêneros nessa época. Estes pertenciam a diferentes classes sociais. Alguns traziam seus filhos para acompanhar as negociações, que somados às crianças moradoras do entorno geravam também um certo fluxo de crianças no local.

As transações comerciais ocorriam em sua grande maioria no próprio espaço da Rua do Príncipe. A cavalo ou a pé, os comerciantes passavam em ambos os sentidos na do Príncipe, vindo ou indo para a Rua Quinze de Novembro. Comerciantes de erva mate chegavam de carroça e paravam em alguns pontos da rua para negociar. Outros vendiam mercadorias de necessidade básica, como escovas, panelas, tecidos e demais utensílios domésticos, como ambulantes, de porta em porta. Também ocorriam muitas trocas ao longo do percurso, prática comum entre os colonos, que se por um lado facilitava as transações, também gerava certo atrito. De acordo com alguns moradores antigos entrevistados para esta pesquisa, algumas famílias contam, através das gerações, histórias sobre brigas entre famílias geradas em função de divisas de lotes e negociações comerciais que datam dessa época.

Em 1898 instalou-se no local a Prefeitura e a Câmara de Vereadores, na construção que pertencia anteriormente ao comerciante Gustavo Hasse. Ali também ocorriam as sessões do Tribunal do Júri de Joinville. Esta ficava sobre o espaço atual da Praça. O local, então, já concentrou também funções políticas, jurídicas e cívicas, atividades de importância central para o desenvolvimento da cidade e que ocorreram durante alguns anos.

As Figuras 6 e 7 mostram, além da posição aproximada da antiga Prefeitura e Câmara de Vereadores, uma possível configuração urbana da época no local, baseando-se em fotografias e relatos. Mostra também os nomes originais das Ruas que tangenciam o espaço central onde hoje está a Praça Nereu Ramos ‘oficial’. A *Ziegelei-strasse*⁶ foi aberta e pouco depois a *Ludwigstrass*⁷. Alguns comércios e residências ali se estabeleceram. A futura São Joaquim surgiu como uma picada aberta a mão no mato do lote pertencente à família *Haltenhoff*⁸. Nota-se nas figuras que as vias eram de chão batido, que havia muita vegetação nativa presente no local e que o solo era pouquíssimo impermeabilizado.

Na Figura 7, ainda é possível perceber que o espaço que futuramente seria destinado à Praça tinha, nesta época, características similares aos lotes vizinhos, sendo ocupado por vegetação nativa e construções de um ou dois andares.

⁶ Em alemão, “strasse” significa *rua*, e “ziegelei” é traduzido como *olaria*.

⁷ Em alemão, “ludwig” é um nome próprio.

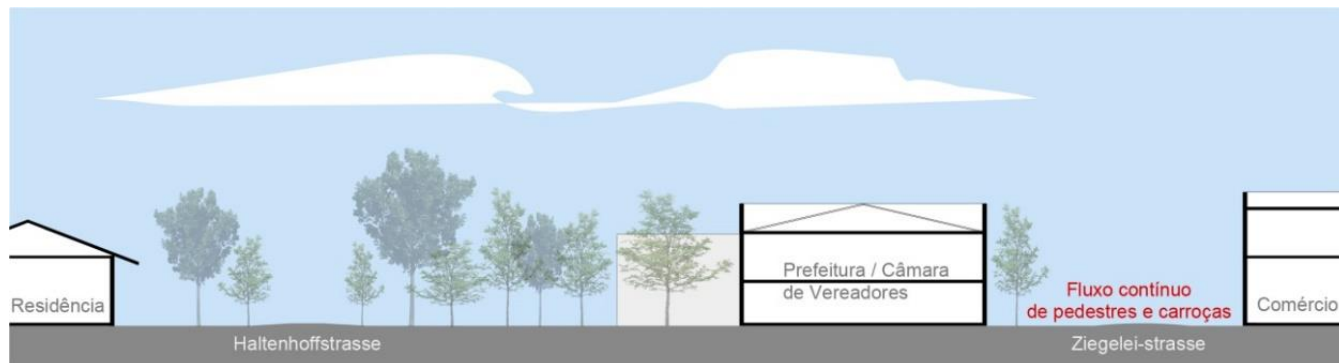
⁸ Em alemão, “haltenhoff” é um nome próprio que significa *manter a esperança*.

Figura 6: Mapa Ilustrativo do espaço da Praça durante o período inicial, em 1898.



Desenho da autora. Sem compromisso com medidas reais e sem escala.

Figura 7: Corte Ilustrativo do espaço da Praça Inicial, em1898.



Desenho da autora. Sem compromisso com medidas reais e sem escala.

Este período emblemático na história do espaço que o colocava como centro da cidade, no entanto, pouco durou. Logo no princípio do século XX, a prefeitura, a câmara e o tribunal foram realocados para outro ponto do centro de Joinville, que embora não fosse muito distante, pertencia à outra ambiência e rede de percursos.

Estima-se que a alocação do espaço a que se refere esta pesquisa como uma praça data do início do século passado, por volta de 1918, levando em consideração a data de construção de edifícios importantes em seu entorno imediato, as aberturas das ruas que a limitam e os relatos de pessoas que nasceram na época. Sendo assim, é possível afirmar que o local possui aproximadamente um século de história com o uso de praça em centro urbano.

A formação do sistema viário no entorno da Praça e a história das três ruas que a tangenciam são também fundamentais para o sentido deste trabalho e para o objetivo de compreender sua morfologia. As Ruas do Príncipe (antiga *Ziegelei-strasse*), Engenheiro Niemeyer (antiga *Ludwigstrass*) e São Joaquim (antiga *Haltenhoffstrasse*) fazem parte da história da colonização da cidade e estão entre as primeiras ruas a serem abertas na colônia.

A mais importante e mais antiga é com certeza a Rua do Príncipe, que foi ocupada inicialmente por sobrados destinados ao comércio no térreo e residência nos andares superiores, como mostrado na Figura 7. Sempre foi um caminho de ligação e com uma grande circulação de pessoas. Além de dar acesso a um dos principais cartões postais joinvilenses — a Rua das Palmeiras — a do Príncipe concentra o maior número de edificações tombadas da cidade. Ao longo dos 900 metros da via, encontram-se 18 imóveis protegidos pela lei do patrimônio cultural, muitos deles datando deste período inicial (Figura 8).

Já a Rua São Joaquim, na extremidade oeste da Praça, é também bastante importante. Estreita e curta, a rua liga a Nove de Março à Engenheiro Niemeyer. O espaço ocupado pela via era um lote de terra que pertencia ao primeiro prefeito de Joinville, que neste lote abriu um caminho que ficou conhecido como *Haltenhoff-strasse* e chega aos nossos dias como a Rua São Joaquim.

Por fim, a última rua a conformar a Praça Nereu Ramos, em sua extremidade sul, chamada atualmente de Engenheiro Niemeyer, era conhecida no passado como *Ludwigstrass*. Aberta também no século passado tinha a função de comércio no pavimento térreo e moradia no pavimento superior, aos moldes da Rua do Príncipe.

Figura 8: *Ziegelei-strasse* - Início do século XX.

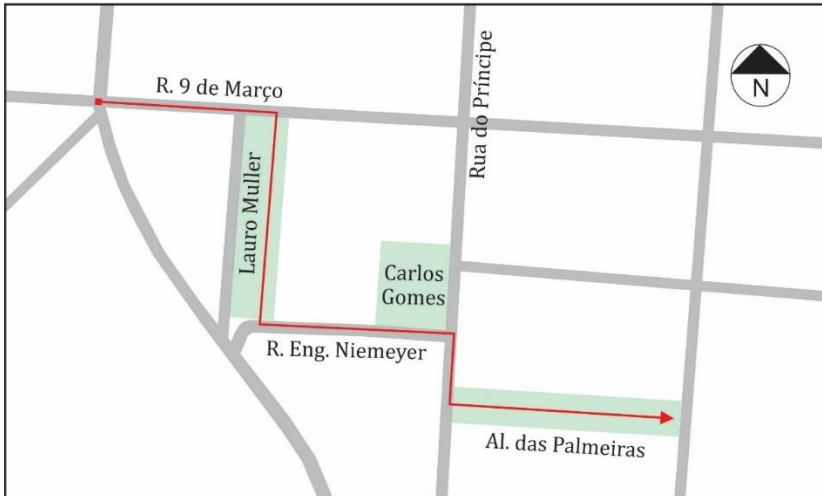


Fonte: Arquivo Histórico. Sem data definida.

Com a construção da Agência de Correios e Telégrafos (atual Ipreville⁹) e do Fórum, o local começou a ser gradativamente limpo. Ao final deste período as ruas do entorno já estavam abertas, e a Alameda das Palmeiras já existia, bem como a Praça Lauro Muller, espaços públicos da cidade que se relacionam diretamente com a Praça até hoje, formando juntos uma **sequência espacial**. Este é um conjunto de espaços que, conectados fisicamente, formam um percurso comumente utilizado para deslocamento da população, cujos pontos focais se configuram em marcos da arquitetura e da história do lugar. O percurso formado por estas três praças (Lauro Muller, Carlos Gomes e Alameda das Palmeiras) ocorre naturalmente desde sua implantação até os dias atuais (Figura 9): chegar pela Rua Nove de Março, atravessar a Praça Lauro Muller (marco zero da cidade e que na época, de acordo com relatos, possuía lindos jardins e chafariz), caminhar pela Rua Engenheiro Niemeyer até a Praça Carlos Gomes, vislumbrar o Edifício dos Correios e Telégrafos e o Palacete Schlemm, percorrer a porção sul da Praça em direção à Rua do ¹⁰Carlos destacou-se pelo estilo romântico, com o qual obteve carreira de destaque na Europa. Durante o processo de colonização da região de Joinville o compositor era conhecido na Europa, fato que possivelmente colaborou para que os imigrantes alemães escolhessem este nome, o único nome em português da região na época.

Príncipe, e por fim, dirigir-se para a Alameda das Palmeiras, finalizando o trajeto atravessando-a e encarando de frente o Palácio do Príncipe (atual Museu Nacional de Imigração e Colonização).

Figura 9: Em vermelho, um dos percursos muito utilizados por pedestres desde os tempos da colônia, conectando as mais antigas praças centrais.



Desenho da autora. Sem escala.

Com a organização de canteiros e colocação de bancos e iluminação no final do período inicial, mais a construção de alguns edifícios importantes, oficializou-se a Praça Carlos Gomes, em homenagem ao mais importante compositor brasileiro de ópera na época em que Joinville estava sendo colonizada, entre 1851 e 1890⁹.

Neste ponto o público frequentador da Praça foi ampliado. A Praça Carlos Gomes passou a ser também local de permanência, pois com a instalação de bancos, iluminação e canteiros e a construção de edifícios de grande porte com usos necessários à população, como a Agência de Correios, esta passou a ser muito mais frequentada por motivos que iam além das transações comerciais que marcaram a fase inicial de ocupação deste espaço. Além disso, o padrão de vida dos habitantes já estabelecidos começou a mudar, juntamente com seus costumes, o que também colaborou para esta ocupação mais intensa.

⁹ IPREVILLE: Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Joinville.

A partir destas mudanças, outras atividades começaram a ocorrer no espaço da Praça: contemplar a cidade; sentar à sombra de uma árvore para descansar quando em um longo percurso a pé; namorar nas tardes de domingo; encontrar os amigos para andar de bicicleta; ler o jornal, e algumas outras formas de interação comuns à época, muito descritas em entrevistas com os usuários mais

antigos do local, que frequentaram a Praça quando crianças, ou ouviram de seus pais e avós relatos sobre ela.

Nas Figuras 10 e 11 é possível observar a Praça Carlos Gomes em sua primeira forma organizada e ‘oficial’. A ordenação de elementos como bancos, canteiros e postes de luz estabelece um caráter de sociabilidade para a Praça. Na Figura 10 é possível perceber o protagonismo exercido pelo Edifício dos Correios e Telégrafos (à esquerda da foto), bem como do Palacete Schlemm (à direita). Na Figura 11 é possível notar a conexão visual já existente entre Praça Carlos Gomes e Alameda das Palmeiras, que já naquela época eram conectadas por uma galeria até hoje muito utilizada pela população, a Galeria das Palmeiras.

Alguns edifícios importantes que fazem parte do cenário da Praça ainda atualmente surgiram ao final deste período que aqui se chama de inicial. A Agência dos Correios e Telégrafos, em posição central na Praça, é o principal deles, tendo sido construído por volta dos anos 30. Este foi o primeiro edifício a ser considerado do estilo moderno na cidade, atualmente conta com uma exposição de sua história em seu hall de entrada. O prédio foi uma grande inovação e trouxe formas retas e limpas, sem elementos clássicos ou germânicos.

Figura 10: Praça Carlos Gomes, pouco antes da mudança de nome em 1937.



Fonte: Arquivo Histórico.

Figura 11: Rua do Príncipe / Praça Carlos Gomes, 1937.



Fonte: Arquivo Histórico.

Outro edifício importante construído nesta época que é um marco visual no espaço da Praça até hoje é o *Palacete Schlemm*¹¹, de 1930. Idealizado por Jorge Schlemm nos anos 20, seus descendentes ainda são proprietários do local. Há registros de que Jorge deu entrada na Prefeitura para a construção na Rua do Príncipe em 1929, mesma data em que fundou a empresa Jorge Schlemm e Filhos. Os primeiros usos do prédio foram como barbearia, casa de negócios e restaurante, enquanto os pavimentos superiores eram apartamentos. Atualmente, funciona como um hotel, o *Hotel Príncipe*. O térreo está alugado para lojas e parte dos pisos superiores está desativada por falta de verbas por parte da família para restaurá-la.

As lembranças dos joinvilenses entrevistados para este trabalho sobre esse período são distantes, porém marcantes: as diferenças de comportamento e dificuldades de deslocamento nas ruas de terra durante períodos de chuva estão entre os tópicos mais lembrados nos relatos sobre o início do século em Joinville, bem como as histórias das principais famílias que ocupavam os lotes ao redor da Praça. Contar a história da Praça colonial foi, para os entrevistados, o mesmo que contar as histórias das famílias que ali moravam: quem construiu o quê; quem brigou com os irmãos para ficar com qual imóvel; quem foi assassinado ou ficou louco; quem perdeu tudo. De acordo com Dona Eva, 82 anos, joinvilense e moradora do centro, as lembranças sobre as famílias, seus sobrenomes e seus negócios denunciam uma Joinville que era organizada por clubes, dividida com base nas origens dos cidadãos e fechada aos forasteiros, embora a própria colônia fosse, ironicamente, uma idealização de forasteiros que ali se estabeleceram ao longo do século que precedeu aquele ponto da história.

2.2 A PRAÇA DA ERA VARGAS

O segundo período vivido pela cidade e pelos joinvilenses, marcado por transformações no espaço da Praça e em suas formas de uso, foi aqui denominado de *Praça da Era Vargas*. Este inicia em meados de 1937, com o advento da mudança de nome da Praça, que passou a ser conhecida como Nereu Ramos. Este é o período mais curto aqui delimitado, constituído de apenas oito anos.

¹¹ A fachada do palacete tem detalhes de relevos assinados pelo escultor alemão Fritz Alt. Na face do prédio que se volta para a Rua do Príncipe está a cabeça de Mercúrio, as iniciais JSF e a data de 1930; já para o lado da Rua Jerônimo Coelho, há a representação de Minerva e o brasão da família.

Entre 1937 a 1945, período da Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas, o caráter da Praça-objeto deste estudo viria a mudar consideravelmente. Havia entre os joinvilenses um grande temor em relação aos poderes discricionários de Nereu Ramos, um interventor nacionalista de Getúlio Vargas designado para atuar em Santa Catarina. O conjunto de medidas da campanha vinha com o propósito de diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e reforçar sua integração junto à população brasileira. Ficou proibido o uso do alemão, seja falado ou escrito, e o medo se instalou na população de descendentes de alemães em Joinville. Pessoas foram presas, programas de rádio em alemão cancelados e muitos livros escritos na língua estrangeira foram queimados em praça pública. Nereu Ramos também foi o principal responsável pelo fechamento da tradicional *Escola Alemã*, pelo fim do jornal *Kolonie Zeitung*¹², então com 80 anos de existência, e também sofreu graves acusações de perseguição a "gente graúda" da cidade. A atual Praça Nereu Ramos, portanto, ganhou este nome como uma maneira que as elites da cidade encontraram para abrandar o espírito nacionalista de Nereu Ramos. Com o mesmo intuito de acalmar os ânimos do interventor, mudaram-se os nomes das ruas do centro no entorno da Praça, de nomes em alemão, para nomes em português.

Em relação ao público frequentador da Praça neste período, pode-se dizer que houve uma continuidade em relação ao final do período anterior: comerciantes, trabalhadores, e jovens frequentavam o local. De bicicleta, cavalo, carroça ou a pé, o local tinha muitas *passagens* e algumas *permanências*. Por outro lado, outro grupo de usuários passou a fazer parte do cenário da Praça com grande frequência: militares, policiais e autoridades, em concordância com o momento político que o país então vivia.

Neste momento de tensão política a ambiência da Praça mudou drasticamente, bem como seus usos: se antes o espaço era utilizado informalmente para sociabilidade e comércio, agora o clima predominante em todos os espaços públicos da cidade havia se tornado mais severo. Eventos cívicos, políticos e artísticos começaram a ocorrer com frequência, mas somente aqueles que se alinhavam com o governo vigente. Nesta época construiu-se um coreto na Praça, onde se apresentava nos finais de tarde de domingos e feriados, a banda do então 13º Batalhão de Caçadores, atual 62º Batalhão de Infantaria.

¹²'Kolonie', do alemão, traduz-se como 'colônia'; 'Zeitung' corresponde à 'jornal' em português.

Por ali acontecia o *footing*, tradicional passeio de final de tarde, quando as famílias passeavam pelo centro realizando diversos percursos que grande parte das vezes cruzavam a Praça. De acordo com os entrevistados, muitos casamentos começaram dos namoros nos bancos de concreto da Praça Nereu Ramos, como era costume na época. O local era um ponto central que normalmente servia como descanso ou ponto de encontro aos adeptos do *footing*.

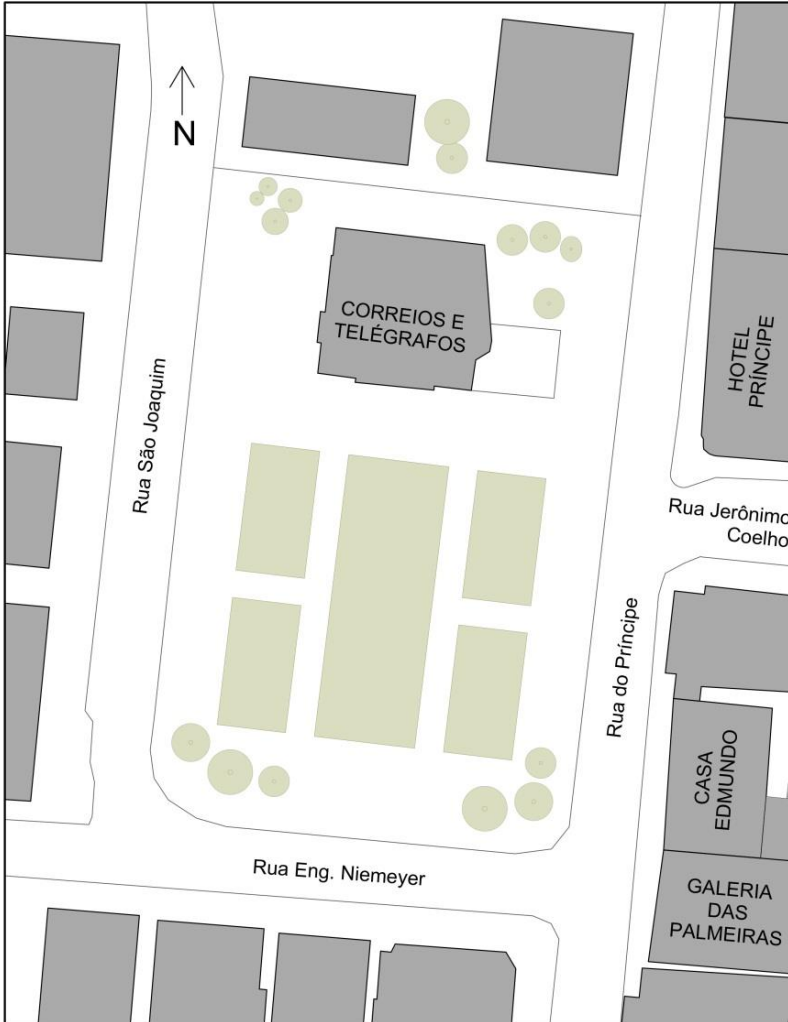
A configuração espacial da Praça pouco mudou em relação ao final do período anterior, sendo que as grandes mudanças se deram mais nos modos de usar o espaço do que na materialidade do lugar em si. A questão política alterou significativamente os usos no espaço, já que diminuiu as permanências isoladas e informais, e aumentou consideravelmente as permanências em grandes grupos, em eventos organizados pela prefeitura, militares e outras autoridades. Outra consequência sentida no espaço, de acordo com os relatos e reportagens encontradas no Arquivo Histórico, foi o esvaziamento da Praça e seu entorno no período da noite. Ao que parece, instalou-se um clima de desconfiança e formalidade que diminuía a espontaneidade das apropriações dos espaços públicos da cidade.

Por volta de 1946 foi o fim da campanha de nacionalização, mas as marcas deste período foram sentidas ainda por décadas, e são profundas até hoje na cidade, seja na memória dos mais antigos, seja na ambiguidade presente nas esquinas do centro, nas placas que identificam as Ruas. Atualmente, estas possuem seus dois nomes, um em Português, imposto durante a Campanha de Vargas, e outro, original em alemão, resgatado posteriormente em um projeto da Prefeitura.

Observando-se a Figura 12, uma ilustração da Praça Nereu Ramos deste período baseada em fotografias e relatos, nota-se o desenho de canteiros em linhas retas e a intenção de organizar o espaço com simetria e alinhamentos. Fogueiras com livros em alemão foram feitas nas extremidades sudoeste e sudeste da Praça, de acordo com um dos entrevistados que presenciou algumas destas demonstrações públicas. As apresentações da Banda do Batalhão eram frequentes e sempre contavam com a presença das autoridades, que assistiam a passagem da banda pela Rua do Príncipe a partir do espaço da Praça, concentrando-se em uma pequena área cercada na lateral dos correios. Na imagem também estão marcados os principais edifícios construídos no período anterior, que permanecem na Praça até os dias de hoje: além do Edifício dos Correios e Telégrafos, de 1937 (atual Ipreville), há o Palacete Schlemm (atual Hotel Príncipe), de 1929, bem como a Casa Edmundo, de 1925 (atual Casa China). Por fim,

já nesta época funcionava a Galeria das Palmeiras, que continua bastante utilizada até a atualidade.

Figura 12: Mapa Ilustrativo da Praça da Era Vargas, em 1940.



Desenho da autora. Sem escala.

2.3 A PRAÇA CRESCENTE

O terceiro período estudado foi caracterizado principalmente pelos inúmeros novos investimentos na cidade e na Praça, e foi chamado aqui de *crecente*. Este período, o mais longo analisado neste trabalho, é marcado pela ruptura com a ditadura, em 1945, e vai até a última reforma, realizada em 2003 pela Prefeitura de Joinville.

Com o fim da Campanha de Nacionalização e do governo Vargas a Praça Nereu Ramos passou, mais uma vez, por uma série de mudanças significativas que vieram a alterar completamente as formas de uso e apropriação de seus espaços, e neste caso, a configuração do próprio espaço. De acordo com um dos entrevistados nesta pesquisa ‘uma onda de otimismo’ tomou conta da população e deu um grande impulso em atividades culturais e artísticas na cidade. Também nesta época Joinville firmava-se como polo industrial e uma série de novos investimentos começaram a surgir. Além disso, novas construções, de gabarito mais alto e linhas geométricas começaram a ser construídas no centro da cidade. Nesta época também ocorreu a abertura de cinemas, teatros, pista de patinação e Clubes de Bailes, acompanhando o clima de liberdade que se instalou no pós-guerra.

Um dos pontos altos da história da Praça Nereu Ramos durante este período certamente se deu quando, em novembro de 1956, surgia na Rua São Joaquim o *Cine Colon*, que por 27 anos iria marcar a vida social da cidade. Com 1,2 mil lugares e instalações luxuosas, o Colon em pouco tempo se firmou como o principal cinema de Joinville e ponto de encontro de jovens e das famílias. Aos domingos, as pessoas se reuniam na Praça para esperar a sessão, conversar, tomar sorvete e namorar. A Praça funcionava então como uma grande sala de espera ao ar-livre, um estar público compartilhado por diferentes classes sociais, que acabou se tornando por si só um evento. Aqueles que não tinham dinheiro para o cinema frequentavam a Praça em horário de pico para ver o movimento, flertar, encontrar amigos, etc. A sessão mais tradicional era a da tarde no Domingo, quando passavam desenhos animados como *Tom e Jerry* e *Pernalonga*.

Ao lado do cinema, onde hoje funciona um estacionamento de carros, havia um amplo bicicletário, que lotava durante as sessões. Frequentar a Praça era, portanto, um evento familiar, tradicional e abrangia todas as idades. Era comum ver aos fins de semana famílias inteiras chegando ao local em duas ou três bicicletas: o pai, a mãe e uma escadinha de filhos amontoados nas garupas. Vale lembrar que pouquíssimas famílias possuíam televisão, que não existiam shoppings ou

grandes centros comerciais e tampouco recreativas nas empresas, como é comum na atualidade. O convívio na Praça era, então, uma das poucas opções disponíveis de lazer.

Observando-se as Figuras 13 e 14 é possível notar as mudanças na configuração espacial da Praça ao longo deste período. Esta perdeu o desenho geométrico de seus canteiros e novos usos foram adicionados ao local. As imagens mostram a posição aproximada do primeiro palco da praça, que junto das árvores de grande porte obstruíam a visão da fachada do edifício dos correios. Este também teve parte de sua fachada adulterada, descaracterizando sua arquitetura inicial. Na Figura 14 nota-se que a Praça Nereu Ramos era, finalmente, um espaço conformado por limites contínuos, e que o Edifício dos Correios e Telégrafos já se encontrava na posição de protagonista, mesmo que parcialmente coberto por outros elementos. As alturas ainda eram moderadas nesta década. As setas em vermelho em ambos os desenhos representam o grande fluxo de pedestres que surgiu no local com o advento da construção do cinema, alterando a dinâmica espacial da Praça e seu entorno durante os horários de início e término das sessões de cinema do Colon.

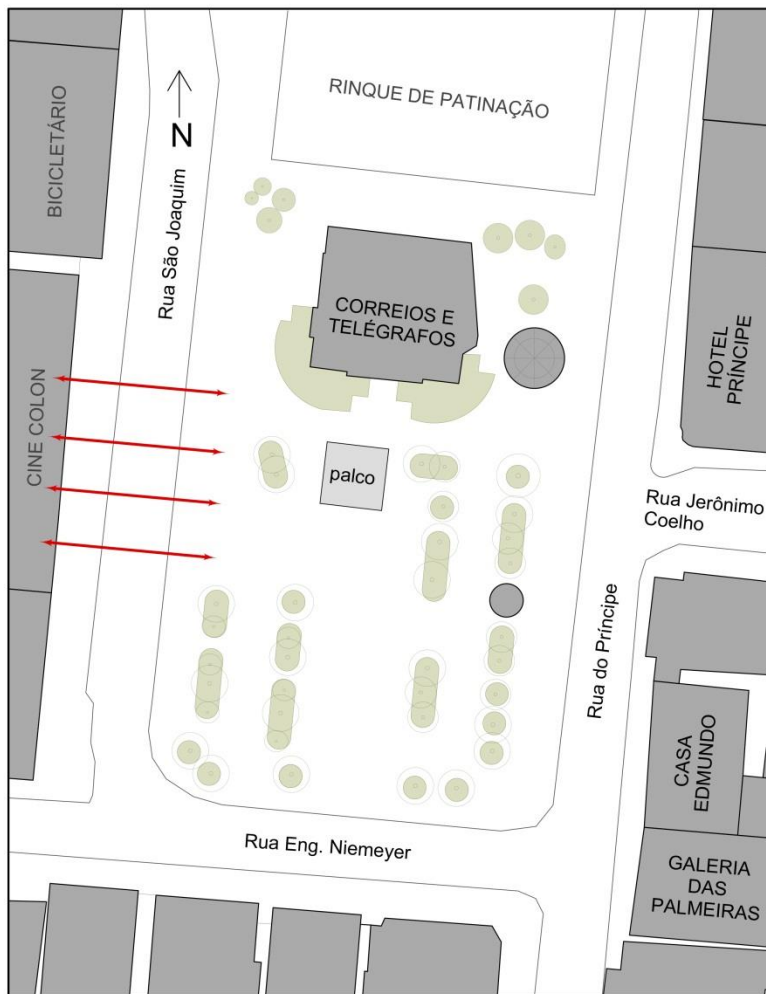
Durante este período também se iniciaram duas tradições no local: a jogatina dos aposentados e as apresentações de dança ao ar-livre. O comércio fluía a todo vapor e surgiram na região as primeiras feiras de artesanato.

O *Hotel Colon*, existente até os dias de hoje, fazia parte do mesmo empreendimento do cinema, mas este só ficou pronto em Novembro de 1963, quando o cinema já era um sucesso na cidade. Infelizmente, na madrugada de 14 de Novembro de 1983, o cinema foi inteiramente destruído pelas chamas, por conta de um incêndio causado por má conservação que se iniciou na sala de projeção. O Hotel foi pouco atingido pelo fogo e pôde ser reformado. Os escombros do cinema foram transformados em estacionamento de apoio ao Hotel. O edifício que abrigava o bicicletário ao lado do cinema permaneceu, mas houve uma ampliação de uso: este tornou-se um dos primeiros estacionamentos de veículos motorizados no centro da cidade.

Em 1970, ocorreu a construção do Edifício Manchester, de 14 andares, imediatamente atrás do Edifício dos Correios e Telégrafos, ao norte da Praça Nereu Ramos. Este era o mais alto edifício da cidade até então. Sua inauguração veio simbolizar a força industrial de Joinville, que na época já tinha o maior parque fabril de Santa Catarina e um dos mais importantes do País. O prédio causava admiração aos joinvilenses, que estavam acostumados com construções de no máximo cinco pavimentos,

de acordo com o Sr. Afonso, 85 anos, entrevistado para a elaboração desse texto.

Figura 13: Mapa da Praça no período crescente, em aproximadamente 1960.



Desenho da autora, baseado em relatos e fotografias. Sem escala.

Figura 14: Corte Ilustrativo da Praça no período crescente, em aproximadamente 1960.



Desenho da autora, baseado em relatos e fotografias. Sem escala.

Neste ponto, a Praça já possuía configuração espacial quase idêntica a existente no local atualmente. Em função da construção do Manchester e de outros Edifícios mais altos e residenciais no Centro, a densidade de moradores aumentou consideravelmente no entorno da Praça. O número de permanências no espaço aumentou, e as atividades realizadas no local se diversificaram ainda mais.

Os bancos de concreto circulares que foram colocados ao redor de algumas das grandes árvores presentes na Praça colaboraram para que esta se tornasse um ponto de encontro de aposentados da região central, que se reuniam para jogar dominó ou cartas, hábito que perdura até os dias de hoje como uma das principais atividades no local (Figura 15). Observando-se a foto é notável o uso intenso dos bancos ao redor das árvores. Também é possível perceber o quanto o Edifício dos Correios perdeu seu protagonismo em relação ao período anterior, por estar escondido atrás de outros elementos, como explicado anteriormente.

Figura 15: Praça Nereu Ramos e seus bancos circulares.



Fonte: Arquivo Histórico. Sem data definida.

Em 1982 nascia na cidade o Festival de Dança de Joinville, atualmente o maior do mundo em variedade de categorias e número de participantes. A competição e apresentações oficiais ocorriam no Ginásio Ivan Rodrigues, na zona norte da cidade, mas a programação do evento incluía apresentações diárias e gratuitas em alguns pontos da cidade, e a Praça Nereu Ramos era um destes pontos. Esta se tornou também uma tradição que perdura até a atualidade, ocorrendo anualmente durante o festival.

A vocação para o comércio acompanhou toda a história das edificações ao longo da Rua do Príncipe justamente por seu intenso fluxo de pedestres e veículos. Em 1986, a construção de um calçadão entre a Rua Nove de Março e a Praça Nereu Ramos aumentou ainda mais o potencial de vendas do local. Um trecho da Rua do Príncipe foi então fechado para carros, e uma feira de artesanato reuniu ali os artesãos da cidade durante 15 anos. Esta chegou a ser conhecida como a "maior feira hippie do Sul do País" (Figura 16). As barracas montadas em frente às lojas começaram a causar tensões com os lojistas. Apesar dos produtos não serem os mesmos, podendo até serem considerados alternativos, os artesãos eram vistos pelos lojistas como concorrentes. Por fim, a Feira foi abolida e a Rua do Príncipe reaberta para a passagem de veículos pouco tempo depois. Na imagem também se vê a Alameda das Palmeiras, ao fundo, e o piso de Petit Pavé em primeiro plano, que foi bastante lembrado durante as entrevistas como uma qualidade positiva da Praça da época.

Foi durante o período crescente, então, que a função da *permanência* finalmente se intensificou: com a construção de quiosque de lanches, cinema, cabines telefônicas e até posto policial, o local passou a ser frequentado por razões bastante distintas. A partir desta fase também passou a existir um grande número de trabalhadores locais: feirantes, atendentes, vendedores, ambulantes regulares. Se até então os trabalhadores estavam confinados aos edifícios, agora tomavam a rua, o espaço público. Isso também intensificou o número de *passagens*, de compradores e observadores, que acabavam utilizando a Praça também como estar, como local de descanso.

Tornaram-se frequentes também os artistas de rua a partir dos anos 60 e 70, apesar de que em menor número do que atualmente.

Em relação à configuração do espaço e suas transformações, o que se sucedeu foi descrito em entrevista pelo arquiteto responsável pela última reforma, Sr. Vânio Lester Kuntze, como 'um amontoado aleatório de caixinhas', sendo as 'caixinhas' o conjunto de pequenas construções espalhadas pelo local ao longo do tempo. Na época, não havia um desenho de piso ou alinhamento das edificações sob a Praça. Tampouco havia

hierarquia dos espaços, cujos usos variavam de acordo com a necessidade, sem muita organização ou conforto. Havia uma série de construções pequenas ‘soltas’ sob o espaço da Praça, aparentemente sem conexão entre si, bem como algumas árvores de grande porte. As ‘caixinhas’ foram sendo alocadas de acordo com a necessidade, e ao longo do tempo: um posto da polícia; uma cabine telefônica; um quiosque de lanches; um palco.

Figura 16: Feira Hippie na Rua do Príncipe em 1990.



Fonte: Arquivo Histórico.

A Praça do final do século XX, pouco antes da última reforma, já era muito próxima da atual em seus usos. Ao final deste período, no início do século XXI, algumas construções pequenas foram removidas e um novo palco foi construído em oposição ao Ipreville, na mesma posição onde se encontra hoje. Esta foi a primeira mudança que desencadearia na reforma que levou à atual configuração espacial da Praça (Ver Figura 17).

Em uma vista aérea, a imagem mostra um pouco da coleção de ‘caixinhas’ existente no local, embora no ponto em que esta foto foi tirada a Praça já estivesse em vias de transformar-se para livrar-se delas. No canto inferior esquerdo, o quiosque onde se vendiam lanches, localizado na mesma posição do antigo coreto. O palco já se encontra em oposição ao Edifício dos Correios. É possível notar também a ausência de um desenho de piso ou alinhamento de canteiros.

Figura 17: Praça Nereu Ramos no fim do período crescente.



Fonte: Arquivo de Imagens do IPPUJ¹⁴. Sem data definida.

¹⁴ Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville.

3 A PRAÇA DE AGORA

A partir de 2003 a Praça Nereu Ramos passou por uma grande reforma realizada pelo IPPUJ. Esta reforma teve como base o projeto do Arquiteto Vânio Kuntze, ainda hoje funcionário do Instituto. Esta transformação marcou o início de uma nova era de configuração espacial e de usos da Praça, que perdura até a atualidade. A Praça de hoje, pela facilidade de coleta de dados através da observação intensiva em campo, será descrita muito mais detalhadamente que as anteriores, bem como desenhada com maior precisão no capítulo que segue.

O objetivo desta última reforma, de acordo com o arquiteto Vânio, foi tanto melhor adaptar a Praça aos novos usos que surgiram ao longo do período anterior, quanto organiza-la do ponto de vista geométrico, atentando para seu patrimônio edificado e suas tradições. As demandas advindas das novas formas de uso do espaço foram levantadas através de conversas diretas com os usuários da Praça por funcionários do IPPUJ, bem como da observação de seu comportamento no espaço em período que antecedeu a reforma. Este projeto foi, de certo modo, um balanço entre as duas fases anteriores: se por um lado o espaço foi organizado de acordo com os princípios da simetria e ordem, este é mais maleável e adaptado às novas necessidades de seus usuários. Nesta análise, mais do que as motivações para a realização desta reforma, importam suas consequências, e que tipos de atividades ocorrem no local hoje e caracterizam sua urbanidade.

Ao mesmo tempo em que ocorreu a reforma da Praça Nereu Ramos, uma série de outros espaços centrais estavam sendo ou em vias de ser reformados. Fazia parte de um projeto da prefeitura com o intuito de devolver ao centro sua historicidade e proporcionar um percurso turístico de maior interesse histórico-arquitetônico. Inúmeras edificações foram tombadas, as principais vias centrais tiveram seus nomes originais em alemão resgatados e os espaços públicos centrais passaram por um processo de padronização, tanto em relação aos materiais utilizados quanto em relação ao desenho urbano e alocação de sinalização de todo tipo.

Seria bastante difícil compreender a situação atual da Praça analisando-a de modo isolado. Como explicado no capítulo anterior, o espaço está alocado em um ponto central de Joinville e se conecta a outros espaços importantes da cidade. Além disso, está inserida em uma sequência de praças centrais que formam um conjunto coeso.

O capítulo que segue, portanto, encontra-se dividido em duas partes: na primeira se esmiuçará a região central, suas características e

principais espaços públicos que formam junto da Praça Nereu Ramos uma sequência, bem como a forma como estão conectados; a segunda se encarregará de descrever a Praça em diferentes aspectos, todos aqueles que se possa utilizar para explicar suas formas de usos e apropriações por seus usuários.

3.1 A REGIÃO CENTRAL

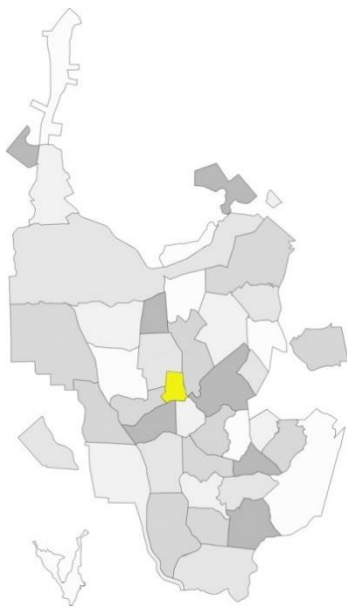
3.1.1 Espaços Públicos Centrais

O Bairro Centro de Joinville, onde está localizada a Praça Nereu Ramos, é aproximadamente o centro geométrico da cidade (Figuras 18 e 19). Dentro do bairro há um conjunto de praças que, junto das ruas circundantes, formam uma sequência espacial, na qual está inserida a Praça Nereu Ramos. Esta região conta com uma grande quantidade de espaços públicos em comparação ao restante da cidade, podendo ser mais facilmente compreendida observando-se novamente a Figura 4, no primeiro capítulo.

Esta porção da malha urbana contém quatro praças e uma alameda, além das primeiras ruas a serem abertas na antiga Colônia. Possui também alguns equipamentos importantes, como o Terminal Central, a Prefeitura, o Museu da Colonização e da Imigração, o Ipreville a Biblioteca Municipal, dentre outros.

Joinville tem um centro histórico relativamente espalhado pelo tecido urbano e de um modo geral pouco denso, com muitas edificações soltas no lote, em maioria de baixo gabarito. O tecido urbano é composto por uma malha xadrez com algumas irregularidades em função do Rio Cachoeira e algumas vias antigas que fugiam do esquema em malha, mas foram mantidas por sua importância ou conveniência. Ainda que o centro não seja muito denso, é nele que estão localizadas algumas das quadras mais densas da cidade, como se pode observar no Mapa de Cheios e Vazios (Figura 20). Estas têm predominância de edifícios e de comércio popular, portanto tem fluxo mais intenso de pedestres. As quadras menos densas, abrigam antigos casarões e edificações isoladas no lote, no geral de um ou dois pavimentos e com uso predominante de serviços, com portões fechados voltados à rua e maior presença de vegetação nas calçadas e lotes.

Figura 18: Bairros de Joinville. Em amarelo, o bairro Centro.



Esquema da autora. Sem escala.

Figura 19: Em amarelo, Bairro Centro. Em vermelho, área de estudo.



Esquema da autora. Sem escala.

Figura 20: Mapa de Cheios e Vazios.



Desenho da autora. Sem escala.

O mapa de cheios e vazios mostra a relação entre massa edificada e espaço aberto. Um é inverso do outro. Como formas congruentes, se complementam em um sistema de **barreiras** e **passagens**. As barreiras são compostas em sua maioria por espaços privados, e as passagens, em sua grande maioria por espaços públicos. Nota-se que a Praça Nereu Ramos (em vermelho) está localizada entre algumas das quadras mais densas do centro de Joinville.

Para uma cidade que possui poucas praças de um modo geral, esta região certamente pode ser considerada bem sucedida no número de locais reservados à vida pública, contando com quatro praças e uma alameda que também funciona como um estar, como um ambiente de transição e de passagem, além de inúmeras galerias interligando ruas por caminhos alternativos ao pedestre.

As quatro praças inseridas na região, assim como a Alameda das Palmeiras, formam junto às ruas do entorno um conjunto de espaços públicos que é de grande relevância para a cidade, tanto no contexto histórico quanto em relação à funcionalidade do centro. Além da proximidade física, as praças formam uma teia complexa de interação e sociabilidade. Em descrições do centro feitas pelos joinvilenses entrevistados para esta pesquisa, todos citaram ao menos um destes espaços. E por sua proximidade física e conexão de usos, também é difícil falar de um e deixar de lado os demais.

A Praça Lauro Muller ocupa uma faixa inteira da quadra entre a Rua Nove de Março e a Rua Engenheiro Niemeyer, sendo de grande importância para a cidade por representar seu marco zero oficial. É uma Praça que passou por uma transformação fatal para o seu funcionamento: Teve seu coreto, torre, chafariz e arborização eliminados para a construção da Biblioteca Municipal, localizada atualmente no centro da Praça, com seu acesso principal voltado para o interior da quadra, acessível apenas a pedestres (Figura 21). Essa construção transformou a Lauro Muller em um lugar muito mais de passagem do que de permanência, já que ocupou boa parte do espaço da Praça. Alguns moradores mais antigos da área falam da antiga Praça como a mais bonita do centro, embora quando perguntados sobre a Biblioteca concordem que este é também um equipamento importante e que merece um local de destaque. O espaço da Lauro Muller conta com um Parquinho infantil e abriga uma Feira de artesãos locais, que ocorre em determinados dias e horários da semana (Figura 22).

Figura 21: Biblioteca Rolf Colin na Praça Lauro Muller.



Foto da autora. Dezembro de 2014.

Figura 22: Playground da Praça Lauro Muller. Ao fundo, Feira de artesanato.



Foto da autora. Novembro de 2015.

A Alameda das Palmeiras, ou Rua das Palmeiras como é popularmente conhecida, antiga Alameda Brustlein, conecta a Rua do Príncipe à Rua Rio Branco, formando um caminho com o alinhamento de suas palmeiras que conduz diretamente ao antigo Palácio dos Príncipes, atual Museu Nacional de Imigração e Colonização (Figura 23). Rodeada por galerias de lojas, construções embargadas e prédios depredados se encontra o símbolo do que um dia foi o poderio e glamour da época imperial. A Rua das Palmeiras já teve seus dias de glória e passa hoje por uma fase de relativo abandono, embora tenha sido reformada recentemente. A paisagem é composta por cinquenta e duas palmeiras reais alinhadas em duas fileiras, com um caminho no centro. A imagem mostra a Rua das Palmeiras em uma segunda-feira à tarde, do ponto de vista do pedestre. No ponto de convergência da perspectiva, ao fundo, vê-se parcialmente a fachada do Museu.

Figura 23: Rua das Palmeiras em Novembro de 2014.



Fonte: Site Panoramio/Google Maps - Gabriel Hernan (Leirbag).

A Praça da Bandeira está localizada na Rua Rio Branco, ao lado do Terminal Central de Ônibus. Possui o Monumento ao Imigrante, de autoria do escultor Fritz Alt, nome de grande importância no meio artístico da cidade. Praça e obra foram inauguradas por ocasião dos

festejos do primeiro centenário da cidade, em março de 1951 (Figura 24). Por sua localização e em função do Terminal de ônibus urbano, tem intenso fluxo de pedestres. Eventualmente há mendigos dormindo na base do monumento e/ou bancos. Ocorrem também algumas apresentações artísticas no local, principalmente de teatro e música. As bandeiras do município, estado e país localizadas na Praça podem ser um dos motivos porque ela é comumente utilizada como ponto de partida de manifestações de movimentos sociais e comícios políticos. Juntamente com a Praça Nereu Ramos, é um dos espaços públicos centrais mais movimentados de Joinville.

Figura 24: Praça da Bandeira.



Foto da autora. Dezembro de 2014.

A Praça Dário Salles (Figura 25), em frente à Praça da Bandeira e se estendendo quase até o Rio Cachoeira, é a menos movimentada da região. No momento encontra-se desativada para ser utilizada como canteiro de obras, portanto cercada por tapumes e inacessível para a população. As obras estão sendo feitas no Rio Mathias, que de acordo com especialistas, é um dos grandes motivos de alagamento na área central. O canteiro de obras foi montado na Praça Dario Salles justamente porque esta é considerada de pouco movimento, de acordo com a equipe

do IPPUJ. A Praça tem um caráter contemplativo, contando com um espelho d'água e uma escultura de Edson Machado, alguns bancos e poucas árvores. Observando-se a figura, nota-se em primeiro plano a Praça, o espelho d'água e o monumento de Edson Machado; Em segundo plano, a Av. Beira-rio e o monumento à Barca Colon, ambos à margem do Rio Cacheira; Mais ao fundo, a Prefeitura de Joinville; Por fim, o Morro do Floresta.

Figura 25: Praça Dario Salles.



Foto da autora. Janeiro de 2013.

3.1.2 Integração e Mobilidade

Com exceção de alguns trechos, a região central da cidade é bastante plana – iniciou-se no marco zero (Praça Lauro Muller) e foi expandida gradualmente em todas as direções, apesar do terreno alagadiço. As primeiras vias ali abertas jamais foram fechadas, e são até hoje as principais ruas do centro, com o maior movimento de automóveis e pedestres. Com o crescimento da cidade, vias arteriais foram abertas periféricamente, mais largas e adaptadas à função do carro, e estas vias conectam as diversas regiões da cidade diretamente com o centro. Conseqüentemente, o maior grau de integração viária de toda a cidade

está em sua região central, onde inúmeros percursos bairro-centro convergem.

Em relação ao nível de integração para o pedestre, dentro da área central, pode-se dizer que é bastante grande. Além de poderem circular pelas ruas veiculares, nas calçadas, a região conta com diversos ‘atalhos’ em forma de galerias, ampliando as possibilidades de deslocamento. Essas galerias são comerciais e de serviços, a céu aberto ou no interior de edifícios. As galerias cobertas ficam abertas apenas durante o dia, mas nelas os pedestres circulam em grande número, havendo uma grande diversidade de rotas possíveis entre dois pontos dados da área central da cidade (Figura 26).

Figura 26: Uma das inúmeras galerias da área central, aberta, interliga a Rua Nove de Março à Rua XV de Novembro.



Foto da autora. Agosto de 2015.

Para o pedestre, existem então inúmeras rotas possíveis, formadas por calçadas, alamedas e muitas galerias. Ainda assim, há inúmeros lugares onde é difícil atravessar a rua por conta do intenso fluxo de veículos, e em alguns pontos não há faixa de pedestres ou semáforos. Além disso, as condições das calçadas não são boas: estreitas, de materiais

variados e em alguns trechos em péssimo estado de conservação. Para o(a) cadeirante ou deficiente visual, é basicamente impossível circular sozinho(a). Não há acessibilidade em diversos trechos (Figura 27), dificultando o acesso aos equipamentos públicos e eventos.

Figura 27: Cadeirante em calçada sem boa acessibilidade. Esquina da Rua Nove de Março com a Rua São Francisco.



Foto da autora. Agosto de 2015.

Em relação ao espaço das principais ruas da área escolhida, pode-se dizer que estão subdimensionadas considerando-se o atual tráfego de carros, ônibus e pedestres, ao menos em horário comercial. Tais ruas foram dimensionadas em um tempo de carroças e população significativamente menor. Pode-se afirmar, portanto, que as ruas desta área se tornaram estreitas para a função que exercem hoje, gerando um trânsito lento e ineficaz, com poucas opções de estacionamento ao longo das ruas (Figura 28). As calçadas não são muito largas, entre 1,5 e 2,5 metros. Apesar disso, a presença de praças e galerias ao longo das ruas ajuda a dispersar melhor os pedestres e as atividades que ocorrem na região.

Para os automóveis, que tem preferência óbvia no fluxo presente no local, a situação também não é ideal. Ruas estreitas, pouco estacionamento e o intenso movimento dos ônibus que partem e se dirigem ao Terminal de Ônibus Central tornam o tráfego bastante lento em horários de pico. Os ônibus, por sua vez, ironicamente oferecem risco aos seus próprios usuários na área próxima ao Terminal. Ali frequentemente não se respeitam as poucas faixas de pedestres, com inúmeros casos de acidentes ocorrendo ao longo dos últimos vinte anos, depois de um aumento considerável das linhas e frotas de ônibus.

Para os ciclistas e motoristas de outros veículos alternativos ao carro e ao ônibus, como por exemplo o patinete e o skate, a situação nessa região é ainda mais difícil: não há espaço seguro para eles no centro de Joinville, com exceção da via junto ao Rio Cachoeira, que conta com uma ciclovia bastante utilizada por ciclistas e pedestres. O restante do centro é basicamente de domínio dos veículos motorizados.

Figura 28: Rua do Príncipe.



Foto da autora. Julho de 2015.

3.1.3 Atividades e Usos

Observando-se o Mapa de Usos da área edificada (Figura 29), é possível perceber que a área de estudo apresenta grande diversidade de uso e ocupação do solo, com predominância de comércio popular e serviços.

As atividades comerciais são em sua grande maioria de lojas de roupas, calçados, artigos esportivos, lojas de departamentos, de variedades, de cosméticos e bijuterias. Os serviços na área são bastante variados: bancos públicos e privados, restaurantes, bares de todos os tipos, consultórios médicos e odontológicos, escritórios de advocacia e escolas de música e de línguas.

Figura 29: Mapa de Usos da área edificada da região onde está inserida a Praça Nereu Ramos.



Desenho da autora. Sem escala definida.

Considerando a localização central e o fato de que a região originou a cidade, parece fazer sentido a quantidade de equipamentos públicos existentes no local, possivelmente a maior concentração deste uso em toda a cidade. Há o Terminal Central de Ônibus, o Teatro Harmonia Lyra, o Museu Dos Imigrantes e Colonizadores, a Prefeitura, a Justiça Federal, a Biblioteca Municipal, etc. Sem falar nas praças e na Rua das Palmeiras, que também são equipamentos públicos de lazer.

Em menor proporção aparecem os usos mistos, predominantemente de comércio e serviços. Chama atenção no mapa o inexpressivo número de habitações e estacionamentos. Também há poucas atividades permanentes ocorrendo em horários além da jornada comercial, tornando a maior parte das ruas desertas a noite. Além da escassez de estacionamentos privados, também é difícil encontrar vagas ao longo das ruas durante o dia, já que estas são estreitas e normalmente é permitido estacionar apenas em um lado delas.

Além das atividades formais permanentes, que ocorrem na área construída, esta região é também bastante servida de usos ocasionais ou temporários. Comércio informal (ambulantes) é recorrentemente identificado em alguns pontos da área. As praças, principalmente a Praça Nereu Ramos e a Praça da Bandeira, recebem muitos eventos cívicos, celebrações, manifestações culturais e artísticas gratuitos.

Como já citado anteriormente, a área possui um índice baixíssimo de moradias. Conta apenas com uma casa, sobrevivente na Rua Jerônimo Coelho, onde mora uma família tradicional alemã que se recusa a vendê-la, apesar de já ter recebido inúmeras propostas de construtoras e empresas, de acordo com um dos entrevistados para esta pesquisa. Todos os casarões antigos no entorno já foram vendidos e agora abrigam serviços dos mais diversos. A rua se torna perigosa a essa família à noite, já que não possuem vizinhos. Recentemente, a rua tem se tornado também um ponto de prostituição.

Além da casa, há apenas cinco edifícios de uso misto na região, com térreo comercial e alguns apartamentos nos pavimentos superiores. Quatro destes edifícios tem três ou quatro pavimentos, ou seja, abrigam também poucos moradores. Por serem edifícios bastante antigos e em péssimo estado de conservação, tem aluguéis baratos, condicionando estas moradias à classe média/baixa.

O maior conjunto de habitações da área reside no Edifício Manchester, localizado ao norte da Praça Nereu Ramos. Com catorze pavimentos, possui térreo comercial e pavimentos-tipo de apartamentos construídos nos anos 70, em sua maioria ocupados por idosos ou famílias

tradicionais de Joinville, que adquiriram o imóvel na ocasião da construção do edifício. Atualmente está um tanto decadente, em estado de conservação questionável. Apesar disso, quando perguntados, alguns moradores do Edifício não mostram vontade de sair ou vender seus apartamentos, alegando ser uma ótima localização. Alguns frequentam a Praça diariamente para jogar dominó ou cartas.

Não há, portanto, diversidade de habitação na área central, assim como não há grande quantidade ou boa distribuição. O resultado é que a área se torna perigosa à noite em alguns trechos. Há também outra consequência: há poucas pessoas zelando pelo espaço público como se este fosse uma extensão de suas casas, como é costumeiro em áreas residenciais, portanto há lixo no chão, que é constantemente varrido e recolhido por funcionários da prefeitura, e equipamentos públicos como cabines telefônicas, lixeiras, placas de sinalização e postes de luz são frequentemente depredados.

Em compensação, é área de moradia para muitos mendigos e andarilhos na região. Exatamente pela movimentação mínima durante a noite, já que não há fluxo de pessoas entrando e saindo de suas casas ou muitas atividades comerciais que funcionem muito além do horário comercial, as ruas e praças tornam-se espaço de disputa entre desabrigados, adolescentes, prostitutas e usuários de drogas, dentre outros indivíduos que vivem à margem da sociedade.

Os mendigos ocupam preferencialmente as praças, e deitam em bancos, gramados e canteiros, ou abrigam-se embaixo de alguma marquise comercial quando há chuva. Prostitutas e usuários de drogas se concentram mais nas proximidades do Rio Cachoeira, Rua Jerônimo Coelho e Rua das Palmeiras no período da noite. Já os adolescentes se dividem em alguns bandos e realizam diferentes atividades. A Rua das Palmeiras foi escolhida como ponto preferencial para o encontro de jovens punks. Ali se concentram durante a noite para beber, fumar e conversar. Os skatistas e ciclistas circulam por todas as ruas e sentam-se preferencialmente na Praça Nereu Ramos. Praticam o skate ou ciclismo realizando manobras, bebem, e às vezes entram em conflito com o primeiro grupo nas proximidades da Rua das Palmeiras.

3.2 A PRAÇA NEREU RAMOS

3.2.1 Configuração Espacial

Aproximando-se novamente do objeto de estudo propriamente dito, a Praça Nereu Ramos e seu entorno imediato, se faz necessário, tanto pela minha formação como arquiteta quanto pelos objetivos desta pesquisa, realizar uma delimitação, descrição e análise do espaço da Praça como esta se encontra atualmente. Através de levantamentos de dados junto à prefeitura, observação em campo e análises com base na bibliografia deste trabalho, foi possível fazer uma série de considerações sobre o espaço e como este se articula com seu entorno.

A princípio é interessante especificar o que se considera como espaço da Praça Nereu Ramos: nesta pesquisa este é definido por seus limites físicos, e não pelo seu desenho de piso, como delimitamos as Praças com frequência no desenho arquitetônico. Aqui, trata-se como espaço da praça não apenas sua área ‘oficial’, esta que é definida por um desenho de piso e exclui ruas e calçadas. Tratar-se-á do espaço a partir de como é percebido e também utilizado: o entorno imediato da Praça Nereu Ramos, ou seja, as ruas, calçadas e edificações que a rodeiam são parte do espaço, na medida em que as atividades ali desenvolvidas, eixos visuais e formas de circulação não se limitam a um desenho de piso, acontecendo de modo contínuo até que sejam interrompidos por barreiras físicas (edifícios e outros objetos construídos ou fixos).

As ruas São Joaquim, Engenheiro Niemeyer e a Rua do Príncipe tangenciam um espaço central onde está localizado um palco coberto, canteiros com vegetação, mesas de concreto e bancos. As três ruas estão localizadas a oeste, sul e leste, respectivamente. Portanto, os limites do espaço da praça são quatro barreiras: três delas formadas pelas edificações pertencentes às ruas que tangenciam o espaço central, e a última, pelas edificações localizadas ao norte da Praça, o Ipreville e o Edifício Manchester (Ver Planta-baixa e Cortes da Praça atual – Figuras 30, 31 e 32; Ver fotografia geral do espaço – Figura 33).

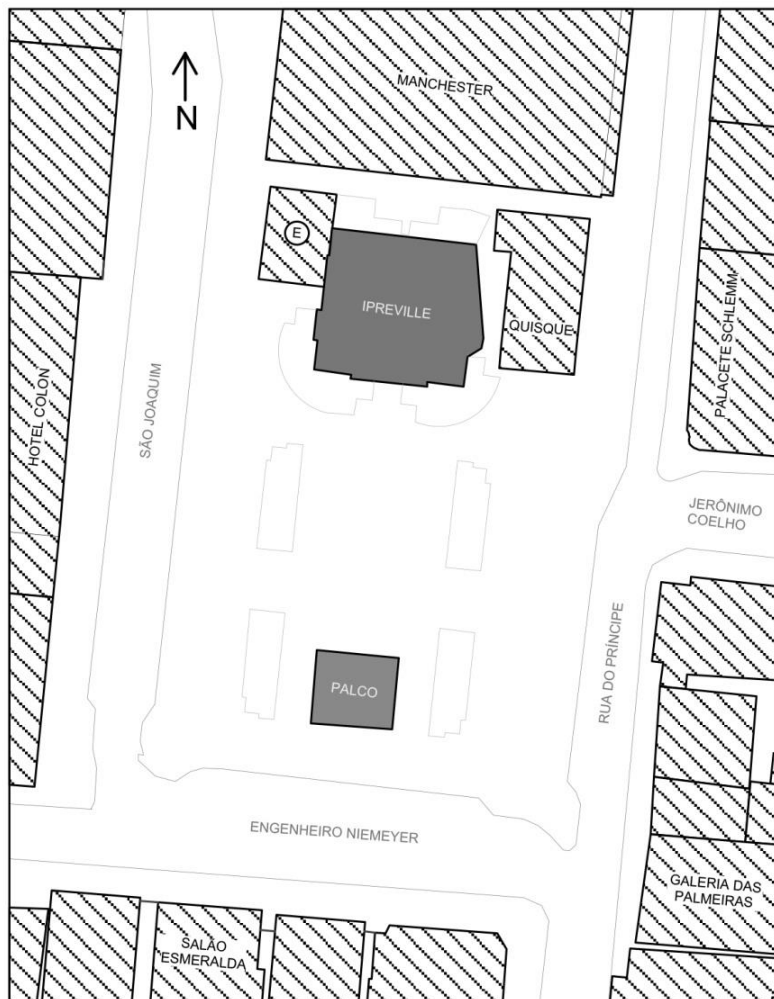
Observando a Figura 30 notam-se em cinza escuro as construções aqui eleitas como ‘protagonistas’ da Praça, por serem os principais pontos focais do espaço. Foram colocados em posição de destaque no projeto realizado pelo IPPUJ em 2003, mas por motivos distintos, de acordo com um dos projetistas: o palco por concentrar inúmeras atividades e o edifício do Ipreville por sua importância histórica. As áreas hachuradas com linhas pretas inclinadas a 45 graus representam todas as edificações, ou seja, a área construída no entorno imediato da Praça (barreiras). O que está em

branco, ao contrário, é o espaço aberto aqui considerado como espaço da Praça, incluindo ruas e calçadas (passagens).

O corte AA´ mostra a relação entre alturas e larguras no sentido leste-oeste da Praça, e em relação ao Edifício Manchester, que aparece centralmente ao fundo. O desenho também mostra que as Ruas São Joaquim e do Príncipe fazem parte do espaço da Praça, sendo fisicamente contínuas ao espaço inicialmente reservado a ela. Além disso, o corte mostra a relação interior/exterior dos limites estabelecidos pelas fachadas das edificações circundantes da Praça Nereu Ramos: há marquises fazendo a transição entre o que é espaço público e o que é espaço privado, funcionando como as antigas arcadas. Por fim, o desenho explicita a posição de centralidade e destaque do Ipreville, que apesar de pequeno, acaba se destacando ainda mais com a presença do gigante Edifício Manchester atrás dele, que o emoldura com sua textura uniforme.

O corte BB´ mostra a relação entre alturas e larguras no sentido norte-sul da Praça, explicitando um crescente em altura na direção do Edifício Manchester ao longo da fachada da São Joaquim. Do mesmo modo que o corte AA´, este mostra também como a Rua Eng. Niemeyer faz parte da Praça, sendo fisicamente contínua ao espaço inicialmente reservado a ela. Além disso, o corte evidencia a viela atrás do Ipreville, uma peatonal que apesar da proximidade, está fora do foco de visão dos usuários da Praça. Por fim, o desenho representa o eixo de simetria existente no desenho da Praça, que atravessa o espaço no sentido do corte colocando tanto o Palco, como o Ipreville como elementos centrais e que se encaram frontalmente.

Figura 30: Planta-baixa da Praça Nereu Ramos.



Desenho da autora. Sem escala.

Figura 31: Corte AA' da Praça Nereu Ramos.



Desenho da autora. Sem escala.

Figura 32: Corte BB' da Praça Nereu Ramos.



Desenho da autora. Sem escala.

Figura 33: Praça Nereu Ramos vista de cima, a partir do terraço do Hotel Colon.

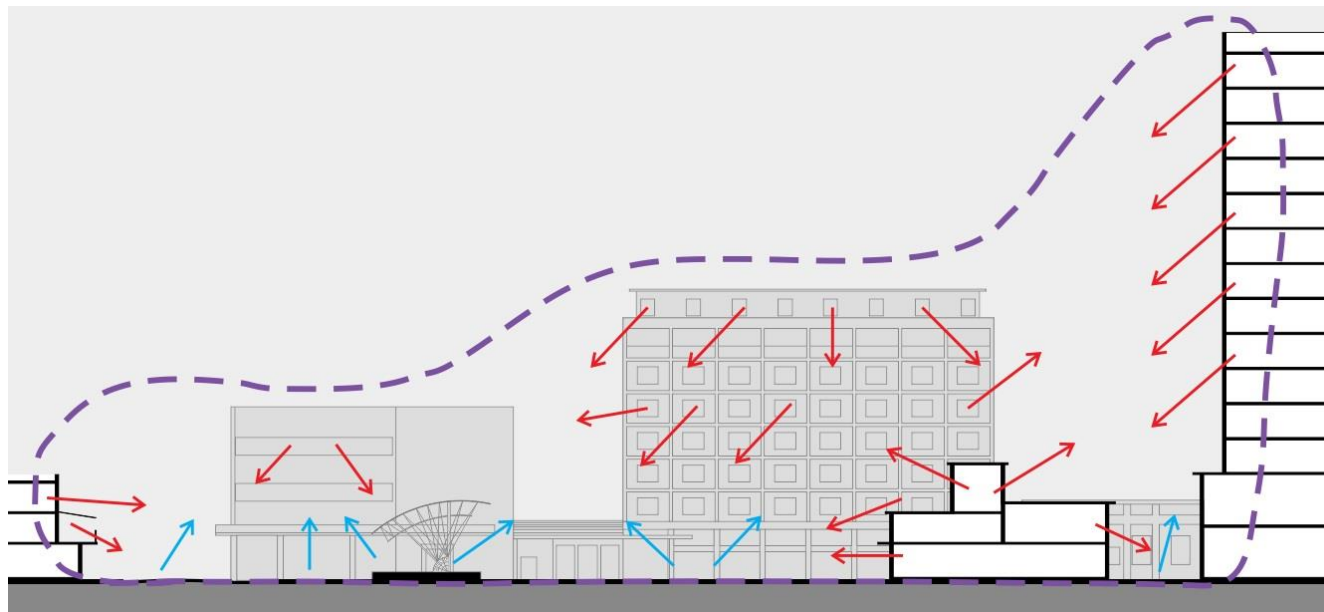


Foto da autora. Segunda-feira, 10 horas, Fevereiro de 2016.

Mas o espaço aqui analisado tampouco é bidimensional, ou seja, não se resume a uma leitura em plantas, cortes ou fachadas. As diferentes atividades se desenvolvem num espaço que é tridimensional, definido tanto pelos limites físicos do corpo humano e pelo deslocamento das pessoas no espaço, quanto pela interação interior-exterior que ocorre entre edificações circundantes e atividades na praça, em diferentes alturas e direções. Na Figura 34 há uma tentativa simplificada de representar esta esfera espacial em curvas tracejadas, representando este espaço flexível e tridimensional, onde ocorre a interação entre esferas pública e privada, principalmente através do sentido da visão, do *olhar*. Do interior dos Edifícios é possível observar a Praça, os usuários da Praça e os eventos que ali ocorrem, além de ser possível observar a movimentação de carros, transeuntes, e entra e sai de lojas e serviços. Esta relação está representada pelas setas vermelhas na figura. As setas azuis, ao contrário, mostram o inverso. É possível, a partir do espaço público, observar a cidade, os edifícios e até mesmo as pessoas no interior de seus espaços. Esta troca entre público e privado é constante e mutante, surgindo como uma consequência direta do cotidiano de um lugar, e ocorre em todas as direções, mas seguindo alguns padrões. É mais comum, por exemplo, ver pessoas às janelas quando há eventos de teatro ou dança no palco da Praça.

As dimensões da Praça são condizentes com os demais espaços públicos criados na mesma época na cidade e com as proporções de ruas e edificações daquele tempo. Em planta-baixa, tem oficialmente 42,9m de comprimento no sentido norte/sul, e 52,5m no sentido leste/oeste, na área interna às ruas e calçadas. Sendo assim, tem um desenho de forma quase quadrangular. Porém o lote adjacente à praça, onde está localizado o Ipreville, é visualmente contínuo à Praça, e a edificação um pouco afastada de sua divisa, dando a impressão de que esta é, de fato, quadrada. As dimensões do espaço da praça e seu entorno, como este será trabalhado nesta pesquisa, de fachada a fachada e incluindo toda a área que é pública e fisicamente contínua, é um pouco maior: aproximadamente 69,3 metros no sentido norte/sul (da fachada do Ipreville até a fachada da lanchonete) e 77,25 metros no sentido leste/oeste (da fachada da lotérica até a fachada da Show Modas).

Figura 34: Esfera espacial tridimensional representada no Corte BB'.



Desenho da autora. Sem escala definida.

O espaço aberto pode ser lido como um negativo da área construída, e as fachadas das edificações circundantes como uma película de transição entre espaço público e privado. Toda fachada pode ser entendida como uma parede de espaço público. O espaço é constituído de edifícios e outros objetos (barreiras) e de ruas, espaços abertos e passagens (percursos). Em um centro urbano, na maior parte dos casos, o interior das barreiras é espaço privado, e tudo que é percurso, é majoritariamente público. Assim, a fachada se apresenta como uma delicada interface, uma pele entre corpo e fora-do-corpo, que pode ser permeável ou não, voltar-se para a rua ou não, abrir-se e conectar-se com a esfera pública ou não.

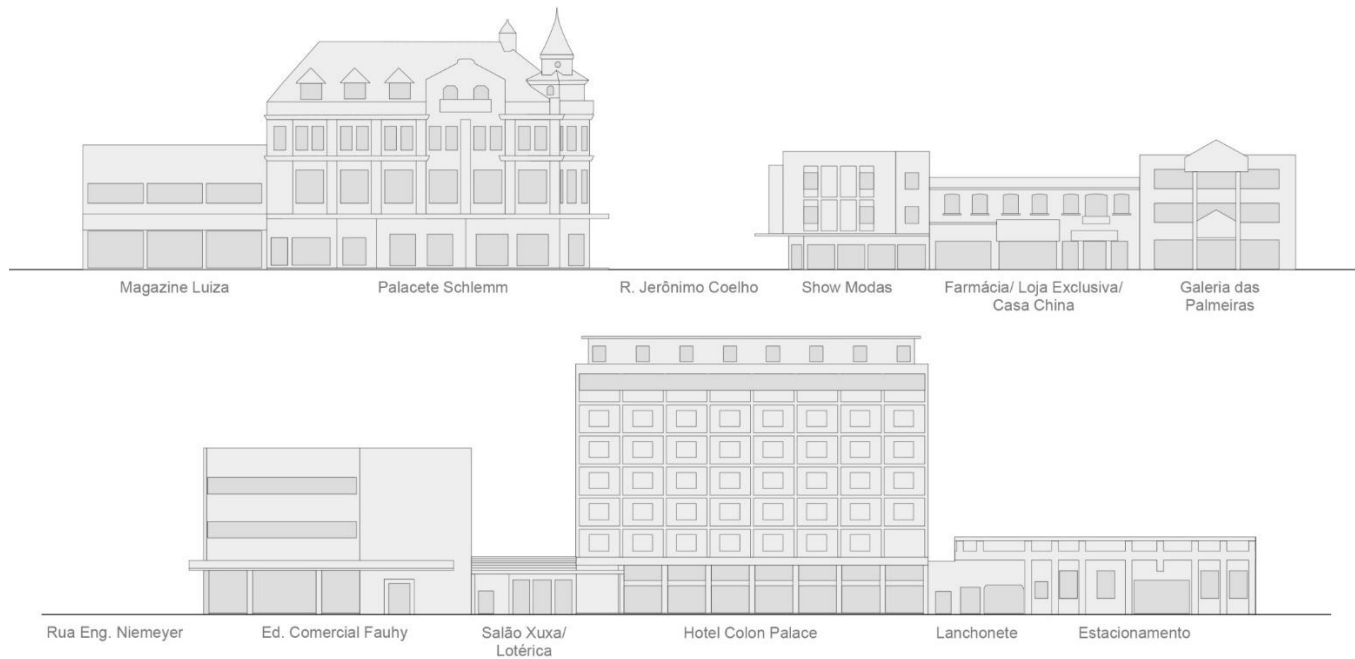
O espaço aberto e o construído são negativo um do outro. As esferas pública e privada são espacialmente inversas e, ao mesmo tempo, complementares. Como formas congruentes, se encontram na superfície mais externa às barreiras: as fachadas. Esta relação influencia diretamente na forma como um espaço é percebido e utilizado.

No caso da Praça Nereu Ramos esta interface é bastante diversa. Como se pode observar nos desenhos de fachadas (Figuras 35, 36, 37 e 38), há grande variedade de proporções e de permeabilidade nas três paredes da praça que são formadas por fachadas de frente às ruas circundantes, e por uma quarta parede que é de fato uma barreira mais enfática, tanto pela proximidade quanto pelo tamanho: a parede lateral do Edifício Manchester e o próprio Ipreville. De certa forma, as próprias ruas funcionam como barreiras em determinadas horas do dia, já que nestas ocasiões o fluxo contínuo e ininterrupto de carros estabelece uma barreira física móvel, porém um tanto limitante ao movimento dos pedestres. Mas este é um fato que ocorre por poucas horas diárias em apenas alguns dias da semana, não podendo ser considerado como um limite real do espaço.

Os desenhos de fachadas observados nas Figuras 35 e 36 mostram claramente como as edificações foram dispostas de modo a criar uma parede contínua para a Praça, sendo que a maior parte do térreo é ocupada por comércio e/ou serviços que se abrem para as Ruas através de portas e/ou janelas e vitrines. As marquises também estão presentes de modo quase contínuo. Apesar disso, esta continuidade não ocorre nos pavimentos superiores, já que as edificações se apresentam com alturas e usos distintos. Também é possível notar nestes desenhos, apesar de sua simplicidade, a diversidade de tipologias e dos diferentes tempos vividos na Praça.

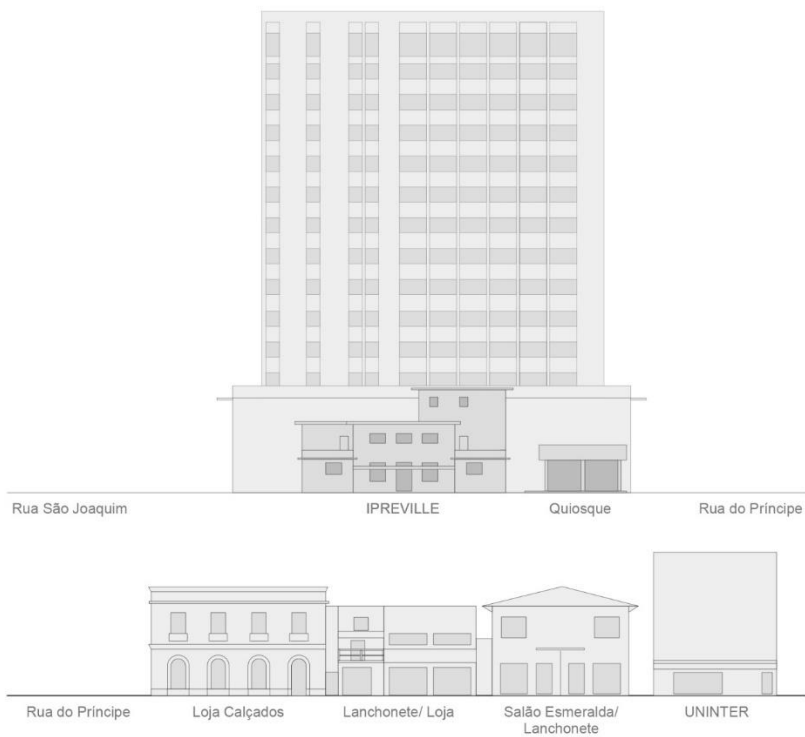
Nos desenhos das fachadas também é possível perceber o grande contraste existente entre limite norte e limite sul da Praça. O limite norte, o único que não é composto também por uma rua, é composto por

Figura 35: Fachadas Leste e Oeste da Praça Nereu Ramos.



Desenhos da autora. Sem escala.

Figura 36: Fachadas Norte e Sul da Praça.



Desenhos da autora. Sem escala.

Figura 37: Praça Nereu Ramos.



Fonte: Google Maps.

Figura 38: Praça Nereu Ramos.



Fonte: Google Maps.

3 edificações: o Edifício Manchester está separado do Ipreville e do Quiosque por uma viela apenas para pedestres, fortemente fazendo parte do cenário da Praça. Já a fachada sul apresenta certa homogeneidade de gabarito, gerando um fechamento inteiriço e que, por sua baixa altura, permite visualizar mais adiante alguns pontos de referência da cidade, como a Rua das Palmeiras e a cúpula da Catedral.

A relação entre a altura dos edifícios da praça e suas proporções apresenta duas situações extremas: se na Rua do Príncipe e na Rua Engenheiro Niemeyer as edificações são mais baixas em relação às dimensões da praça, olhando-se para a direção sul (Figura 37) tem-se a sensação de que a Praça é relativamente ampla. A imagem mostra que, apesar da sobreposição das árvores às fachadas, que há certa continuidade de alturas entre a Rua do Príncipe e a Rua Engenheiro Niemeyer. Também é possível perceber que tanto a Alameda das Palmeiras quanto a cúpula da catedral da cidade podem ser observadas ao fundo (à esquerda da foto), já que as edificações da Rua do Príncipe seguem no mesmo gabarito. Estes marcos visuais, e a baixa estatura das edificações, colaboram tanto para a orientação do usuário da Praça quanto para sua imaginação e curiosidade, já que estes são símbolos da cidade e não tem aparência comum.

Por outro lado, olhando-se para a direção noroeste (Figura 38) a praça dá a impressão de ser significativamente menor, dadas as alturas do Colon e do Manchester. São edifícios bastante imponentes na Praça, e as edificações da Rua São Joaquim, ao fundo, fazem uma espécie de transição entre o gigante Manchester e as edificações que o encaram do outro lado da Praça, de baixa estatura. Tanto o Hotel Colon quanto o Manchester são altos e largos o suficiente para que pouco se possa enxergar através deles, ao contrário do que ocorre na imagem anterior. Neste sentido, As fachadas norte e oeste ‘fecham’ mais a Praça em si mesma, tornando-se barreiras visuais além de barreiras físicas.

O Edifício Manchester possui em suas fachadas uma textura de linhas retas que, na face que se volta para a Praça, funciona como um fundo homogêneo e contrastante para o Ipreville, que é o ponto de destaque da Praça. Este, sendo uma casa pequena, poderia acabar sofrendo certa invisibilidade por conta da diferença de alturas, mas não é esta a impressão obtida. Ao contrário, estas dimensões, distâncias e circunstâncias específicas parecem correr a favor do Ipreville, que aparece como foco daquele espaço (Figuras 39 e 40). Como disse Camilo Sitte, “na arte do espaço tudo depende das relações mútuas, e não das dimensões absolutas.” (p. 58).

Figura 39: Ipreville. Ao fundo o Edifício Manchester.



Foto da autora. Agosto de 2015.

Figura 40: Ipreville em contraste com o Edifício Manchester e o Hotel Colon.



Foto de: Edson A. Hardt. Fonte: <http://www.panoramio.com>

Assim, apesar da grande diferença de alturas, a textura uniforme da fachada do Edifício Manchester, bem como a do Hotel Colon, criam uma moldura ou um fundo para o Ipreville, que acaba sendo destacado por eles. Há também que se apontar o efeito ‘humanizador’ que o Ipreville tem na Praça, já que para o pedestre circulando no interior da Praça, sua altura gera uma espécie de conforto espacial que não ocorreria se a barreira norte da Praça fosse a lateral do Manchester.

De acordo com Sitte, a altura do principal edifício da praça pode ser considerada a menor dimensão possível para ela, e o dobro da altura do principal edifício de uma praça seria a dimensão máxima dela. Considerando essa ideia, o espaço da Praça Nereu Ramos seria grande demais para a maior parte dos edifícios. Neste caso, o Hotel Colon teria a dimensão certa para estabelecer esta harmonia. Mas se todos os edifícios circundantes tivessem esta mesma altura, perder-se-ia a continuidade visual estabelecida entre os espaços públicos do centro. Não seria possível perceber, por exemplo, a Rua das Palmeiras e a Catedral, adiante na Rua do Príncipe. Ou ainda, perceber o Morro do Boa Vista ao fundo da paisagem. Então, do ponto de vista da orientação das pessoas no espaço, pode-se dizer que a altura das edificações colabora bastante para que esta exista de forma eficiente, e o pedestre tenha uma visão relativamente ampla da área ao redor do local estudado.

Ainda de acordo com Sitte, a largura das ruas que desembocam na praça é fator decisivo para suas dimensões: ruelas estreitas comportam praças pequenas. Largura colossal exige espaços gigantescos. No caso da Praça Nereu Ramos, a largura das ruas é também consistente com as dimensões padrões da época em que foram abertas na cidade: possuem em média entre 8,5 a 10,5 metros, sem incluir as calçadas. Percebe-se que para os padrões atuais de arruamento, e levando em consideração o volume de veículos que circulam no local por hora, são ruas bastante estreitas. Apesar disso, do ponto de vista das proporções, estas dimensões fazem sentido e não tornam a Praça um espaço vazio isolado e quase inalcançável pelos pedestres, como ocorre em muitos casos na contemporaneidade, onde praças encontram-se isoladas por grandes avenidas de fluxo rápido de veículos. Por serem estreitas, possuem estacionamento e vários comércios ligados a elas, além de muitos pedestres atravessando-as, os carros necessariamente devem circular em baixa velocidade, colaborando para o uso contínuo do espaço das ruas por todos que frequentam o local.

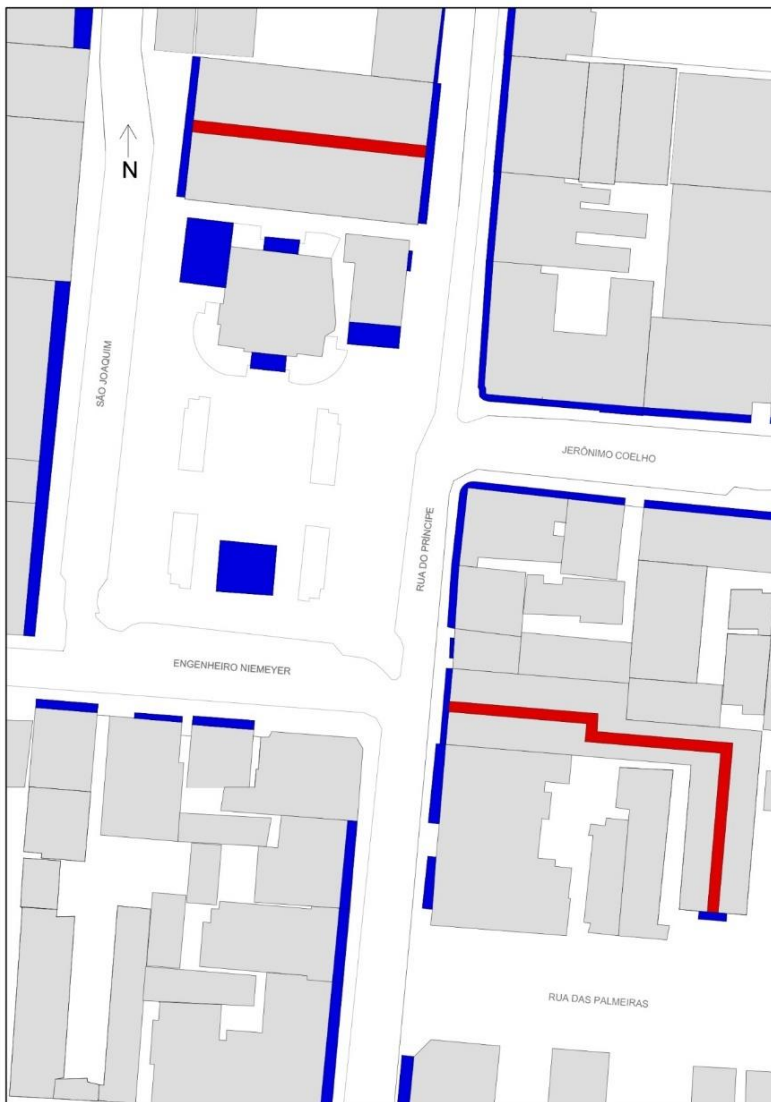
Outra questão relevante e que interfere diretamente na forma como o espaço é utilizado, principalmente pelos pedestres e veículos não motorizados, diz respeito às fachadas que estabelecem os limites do

espaço da Praça: é notável que em sua grande maioria elas possuam marquises que fazem a transição entre o que é espaço fechado e o que é espaço aberto. Estas funcionam como as antigas arcadas, humanizando a escala do percurso próximo às edificações, além de proteger contra a chuva, que é frequente na cidade.

Além das marquises, estão presentes inúmeras galerias comerciais e de serviços na região. Na área de interesse desta pesquisa, encontram-se duas galerias que interferem diretamente na espacialidade da Praça: a primeira, no andar térreo do Manchester, conecta as Ruas do Príncipe e São Joaquim. Apesar de não estar diretamente ligada à Praça, faz parte da dinâmica espacial do local pela proximidade, apresentando-se como uma alternativa ao pedestre. A segunda é a Galeria do Príncipe, que conecta a Praça Nereu Ramos à Alameda das Palmeiras. Esta é uma ligação coberta, em forma de 'L' e específica para pedestres, e é amplamente utilizada há décadas, considerando que ambos os espaços públicos foram pensados e construídos no mesmo período, e a Galeria surgiu pouco tempo depois. Ambas as galerias modificam a forma como o espaço é utilizado do ponto de vista dos deslocamentos dos pedestres (Figura 41).

Observando-se a figura, estão em azul as marquises da praça e seu entorno. Nota-se que são inúmeras, e em alguns pontos, contínuas. Em vermelho, as duas galerias que se conectam com a Praça. Ambos os elementos, marquises e galerias, colaboram para uma lógica de deslocamento muito utilizada por transeuntes frequentes da Praça, que são os percursos protegidos da chuva. Estes são relevantes considerando a frequência das chuvas na cidade. Apesar disso, as galerias só ficam abertas em horário comercial, ficando seu uso limitado ao dia.

Figura 41: Mapa de Áreas abertas e cobertas.



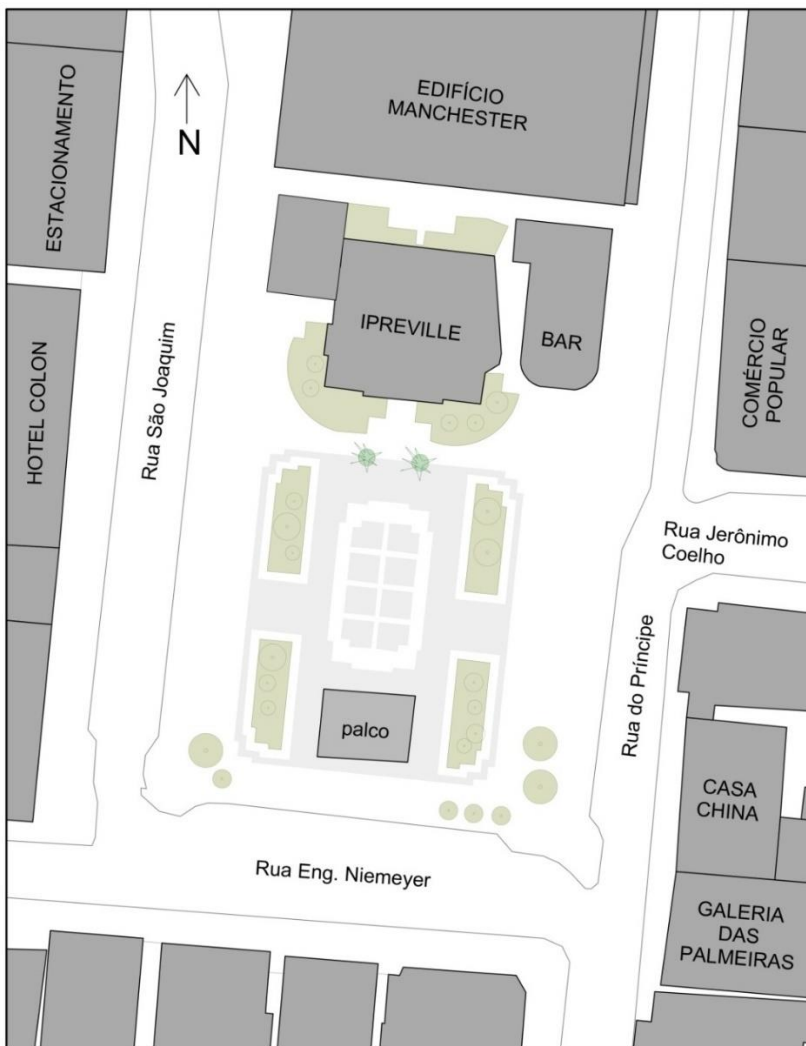
Desenho da autora. Sem escala.

Em função da densidade do local e aproveitamento dos terrenos, e pela ausência de muitas ruas desembocando de frente para o local (há apenas uma, a Jerônimo Coelho, que desemboca na Rua do Príncipe lateralmente à Praça), há certa continuidade visual nas massas edificadas, que emoldura o espaço ao redor da praça. Mesmo que existam diferenças de altura significativas entre os lados leste/sul e oeste/norte, há uma escala relativamente humana, conformando um espaço bem definido, de quatro faces e côncavo. Existem poucas lacunas visualmente no conjunto, considerando-se que praças contemporâneas costumam ser bem abertas. Estas lacunas são provenientes das ruas, e aparecem mais ou menos dependendo da posição do observador e da direção para onde este está olhando.

Por fim, do ponto de vista de seu desenho, a Praça Nereu Ramos apresenta atualmente uma simetria bilateral com dois eixos que se cruzam em seu centro. Verticalmente, observando-se a planta-baixa com desenho de piso (Figura 42), percebe-se um eixo que interliga dois opostos que se encaram: o Ipreville e o palco da Praça, em posição de destaque no espaço. No outro sentido, o eixo forma um caminho que é em desenho representado pela interrupção nos canteiros. Assim, o centro está livre, e representa o espaço que pode ser utilizado para inúmeras atividades. É exatamente este centro geométrico livre o espaço da praça reservado às maiores alterações e variedade de atividades. Ora palco, ora estar, ora circulação, é possível notar tal flexibilidade através do desgaste da pavimentação. Além disso, o espaço central livre tornou possível a instalação de uma tenda na ocasião de eventos mais elaborados e de maior duração, como é o caso do Festival de Dança de Joinville, a Feira do Príncipe, etc.

Sitte explica o modo como se utilizavam, na antiguidade, os lugares intocados pelo trânsito de pedestres em uma Praça, para dispor ali os monumentos e obras de arte. Isto porque, de acordo com ele, assim poderiam ser melhor apreciados, além de que os percursos naturalmente utilizados pelos pedestres seriam preservados. De certa forma, a configuração espacial atual da Praça Nereu Ramos segue este modelo da regra antiga, concentrando seus equipamentos e atividades cotidianas nas bordas, como as mesas fixas de concreto, as árvores isoladas e os canteiros, bem como o próprio palco. Assim, ficam livres eixos naturais de circulação e o amplo espaço central descrito anteriormente.

Figura 42: Planta-baixa da Praça Atual, com desenho de piso e canteiros.



Desenho ilustrativo, da autora. Sem escala.

3.2.2 Equipamentos e Materiais

Outro fator relevante para definir o comportamento humano no espaço urbano diz respeito aos equipamentos nele contidos. Seus materiais e sua disposição no espaço interferem diretamente no cotidiano e muitas vezes limitam e/ou definem as atividades que ali ocorrem.

Além de vegetação e iluminação, dentre os equipamentos da Praça estão vários bancos, um palco para eventos e mesas com tabuleiros de xadrez/damas. O piso é de blocos de concreto intertravado, que formam um desenho geométrico em tons de cinza e salmão, definindo diferentes espaços dentro da praça. A solução dos blocos segue um padrão de calçamento utilizado pelas prefeituras de Santa Catarina a partir dos anos 80, encontrada em praticamente todas as praças e muitas calçadas da área central da cidade (Ver novamente Figura 33).

Os canteiros da praça contêm a vegetação existente no local, formada por árvores de porte médio e flores. Existem dois pequenos canteiros circulares marcando o acesso ao Ipreville, com uma Palmeira Real em cada. Existem também quatro canteiros de maior proporção, de desenho geométrico, localizados próximos às quatro esquinas da praça. Em conjunto, definem barreiras e eixos centrais de circulação, organizando o espaço em ‘áreas de sentar’ e ‘áreas de circular’. Bancos estão distribuídos ao redor dos canteiros, voltados para as quatro direções, paralelos aos canteiros, e são muito utilizados ao longo de todo o dia. Suportes de ferro com pintura verde e assentos e encostos em madeira formam os 28 bancos existentes no local.

Existem ainda alguns canteiros ao redor do Ipreville, que teoricamente estão fora da área da Praça, e sim no lote ao norte dela, mas são visualmente lidos como parte da composição.

A iluminação durante a noite é feita por um conjunto de postes de luz metálicos, com a mesma pintura em verde utilizada nos suportes dos bancos. Ocorre ao redor dos canteiros e é distribuída proporcionalmente. Na área limite entre Praça e calçada há também uma fileira de postes que ocorrem a cada 7 metros, garantindo ao mesmo tempo a iluminação da Rua e das áreas mais periféricas da praça.

O palco, localizado na extremidade sul da Praça, se volta para seu interior e seu centro, que é um amplo espaço aberto onde se acumulam observadores em ocasião de alguma apresentação ou performance (Figura 43). Não é um palco muito alto, com aproximadamente 80 cm de altura, nem é muito grande, tendo aproximadamente 9x12 metros, mas atende bem ao tipo de espetáculo ali realizado e à capacidade da Praça. É coberto,

sendo o único abrigo no local em dias chuvosos além das marquises em edificações circundantes.

As mesas fixas em concreto com acabamento em pedra, com desenhos de tabuleiros de xadrez, damas ou gamão, se localizam na extremidade sudeste da Praça, e estão quase sempre ocupadas por jogadores (Figura 44).

Figura 43: Desenho de piso e palco.



Foto da autora. Novembro de 2014.

Figura 44: Mesa e bancos de concreto revestidos em pedra. Tabuleiro de gamão.



Foto da autora. Novembro de 2014.

Na mesma área há um ponto de táxi, na rua Engenheiro Niemeyer, integrado com ao ambiente da Praça e com a área de mesas (Figura 45). Da esquerda para a direita: jogadores de dominó nas mesas no limite da Praça. Ponto de táxi e taxistas na calçada da Rua Eng. Niemeyer, que culmina na Galeria das Palmeiras, que conduz o pedestre à Rua das Palmeiras através de uma rota em ‘L’. Palmeiras Reais da Alameda podem ser vistas no canto superior direito da foto.

Figura 43: Ponto de Táxi na Rua Eng. Niemeyer.



Foto da autora. Março de 2015.

Há também um conjunto de mesas de plástico amarelas e vermelhas que se estendem diariamente como um tapete na extremidade norte da Praça, advindas do bar/quiosque ao lado do Ipreville, ao lado da Rua do Príncipe. O bar também pode ser considerado como um equipamento da Praça, pois embora seja de iniciativa privada, atende diretamente ao público frequentador do local e interfere diretamente em seu cotidiano (Figura 46).

Há, por fim, um bicicletário instalado na Rua do Príncipe ao lado da Praça (Figura 47).

Figura 44: Vista do Bar a partir da Praça.



Foto da autora. Agosto de 2015.

Figura 45: Bicicletário novo.



Foto da autora. Agosto de 2015.

3.2.3 Usuários

Atualmente a Praça é bastante movimentada e apresenta grande diversidade de usuários. Veem-se mulheres, adolescentes e crianças com frequência, embora haja um predomínio claro de homens de idade avançada, possivelmente aposentados, permanecendo no local. A maior parte das mulheres está de passagem. Há pessoas de diferentes classes sociais, mas há uma notável maioria de rendas média/baixa, que talvez possa ser explicada pelo tipo de comércio e serviço oferecidos na região e pela proximidade do Terminal de ônibus.

Um dos tipos mais comumente encontrados no local é o **trabalhador** do entorno ou da própria Praça. Alguns subgrupos podem ser identificados dentro desse espectro:

- Pessoas que trabalham em lojas ou outro tipo de estabelecimento ao redor utilizam a Praça como área de lazer e de descanso em seus intervalos e horários de almoço. Percebe-se que não estão a passeio, pois muitos utilizam uniformes. Estes têm idades variadas e frequentam a Praça quase diariamente (Figura 48);

Figura 46: Sábado de manhã. Transeuntes e jogadores ao fundo, e trabalhadoras locais em primeiro plano utilizando os canteiros como bancos.



Foto da autora. Julho de 2015.

- Operários que montam e desmontam estruturas cobertas sob as quais ocorrem eventos no espaço central da Praça. Estes

trabalham na própria Praça e frequentam o local regularmente, pelo menos quatro vezes por mês;

- Há também os jardineiros responsáveis pela manutenção dos canteiros, que frequentam o local quinzenalmente, e também trabalham na própria Praça;
- Há os funcionários do Ipreville, que trabalham na edificação que estabelece a barreira norte do espaço da Praça. Estes circulam diariamente pelo local, executando os mesmos percursos, fazendo parte integrante da cena pelo menos duas vezes por dia. Alguns utilizam a viela Entre o Ipreville e o Manchester para acessar seu local de trabalho;
- Os taxistas também fazem parte da rotina diária da Praça, já que o ponto de táxi está fisicamente ligado a ela. Os motoristas são quase fixos, permanecendo por longos períodos fiéis àquele ponto e ao grupo de amizades. Estes interagem com frequência com os jogadores de cartas e dominó, pela proximidade entre o ponto de táxi e as mesas. Permanecem durante todo o dia no local, indo e vindo em horários irregulares. Durante a noite ficam apenas um ou dois taxistas no local, eventualmente nenhum;
- Há também o dono e funcionários da lanchonete, cujo atendimento se estende para cima da superfície da Praça, onde estão localizadas as mesas de plástico onde os clientes se sentam. Estes também trabalham literalmente sobre a Praça, e talvez sejam os que mais interagem com todos os outros atores do cenário, por estarem sempre presentes e observando tudo, inclusive avançando um pouco no período da noite;
- Por fim, há também os trabalhadores antigos do entorno imediato, pessoas que trabalham no mesmo local há 30 ou 40 anos, como no caso de alguns funcionários do Hotel Colon, Hotel Príncipe e Salão de Cabeleireiros Esmeralda, todos voltados para a Praça. Estes não frequentam mais a Praça com a mesma intensidade de algumas décadas atrás e se queixam do excesso de movimento. Por outro lado, demonstram orgulho ao contar sobre como suas histórias são também a história da Praça, e muitos acompanharam de forma bem crítica suas transformações.

Os **transeuntes** são outro tipo de frequentador da Praça, e a utilizam simplesmente como passagem. Alguns o fazem diariamente, e muitos passam com sacolas e mochilas, denunciando as atividades das quais estão vindo ou para as quais estão indo, como compras ou a escola (Figura 49). Transeuntes frequentemente atravessam a Praça na diagonal,

fazendo o percurso entre Terminal de ônibus central e algum lugar a sudoeste da Praça, região onde está, por exemplo, o Shopping Mueller. Este fluxo ocorre nos dois sentidos, e é contínuo ao longo do dia e início da noite.

Este grupo pode também ser dividido em alguns subgrupos:

- Trabalhadores, indo ou vindo do Terminal de ônibus em sua jornada diária para o trabalho. Estes costumam fazer parte da cena local diariamente, sempre no mesmo horário;
- Na mesma condição há o grupo dos estudantes que utilizam o Terminal de ônibus para realizar seus percursos casa-escola ou escola-casa;
- Há também os compradores ou clientes de serviços. Estes chegam geralmente pelo Terminal Central e se dirigem ao Shopping Mueller, ou alguma Loja, Galeria, Clínica, Consultório, Escritório, etc. Estes são frequentadores sempre diferentes, e este grupo circula continuamente ao longo de todo o dia durante a semana e também aos sábados.

Figura 47: Transeuntes em um sábado de manhã.



Foto da autora. Julho de 2015.

Os **jogadores** de cartas e dominó estão presentes diariamente na Praça, quase continuamente. São aparentemente os usuários mais

constantes do lugar, e quase sempre estão em grande número. Ficam na extremidade da Praça onde estão as mesas para jogos, normalmente quatro sentados, jogando, e mais alguns ao redor de cada mesa, assistindo. São todos homens, de classe média/baixa, com idade aproximada entre 50 e 70 anos. Não há relatos de mulheres jamais terem sido vistas participando dessa atividade (Figura 50).

Figura 48: Jogadores em fim da tarde de Domingo.



Foto da autora. Julho de 2015.

Há também os **artistas** de rua. Alguns frequentam o lugar diariamente por longos períodos, tocando em troca de moedas, enquanto outros aparecem esporadicamente. Dentre estes artistas estão principalmente músicos e atores (Figuras 51 e 52). Há também os eventos organizados pela Fundação Cultural no palco da Praça, que atraem artistas ‘mais oficiais’ para o local, como por exemplo, no Festival de Dança de Joinville, que ocorre anualmente. Junto dos artistas, sempre há os espectadores (Figura 53). Transeuntes de passagem acabam muitas vezes por entrar na Praça e por ocupar seus espaços justamente em função de algum artista realizando algum espetáculo na praça. Os eventos artísticos

espontâneos, assim, aumentam as permanências no local tanto quanto os eventos oficiais.

Figura 49: Músicos.



Fotos da autora. Julho de 2015.

Figura 50: Músicos.



Fotos da autora. Agosto de 2015.

Figura 51: Apresentação de Dança no palco da Praça.



Foto da autora. Julho de 2015.

Os **ambulantes** na Praça são em grande número e de diferentes procedências: pequenas crianças indígenas vendendo animais esculpidos em madeira e cestos; homens de terno e gravata vendendo DVDs em carrinhos volantes; Mulheres carregando isopores cheios de coxinhas caseiras que são vendidas pra os usuários da Praça, especialmente os jogadores; hippies vendendo artesanato sob um tecido colorido estendido no gramado de um canteiro; entre outros (Figuras 54, 55 e 56). Na Figura 54, o tio do cachorro-quente, que só trabalha durante a noite para atender os jovens, taxistas e transeuntes que vão e vem do Terminal de ônibus central. Na Figura 55, um ambulante engravatado vende DVDs religiosos. Já na Figura 56, uma mulher jovem carrega um isopor e vende salgados aos taxistas, jogadores e transeuntes interessados.

Há ainda os usuários aqui chamados simplesmente de **jovens**, que se subdividem em alguns subgrupos como os punks, os skatistas e os ciclistas, entre outros. Com bastante frequência são tidos como ‘rebeldes’ pelos demais usuários. Estes frequentam a praça mais nos períodos do fim da tarde e noite, utilizando-a como um ponto de encontro, flerte e local escolhido para o consumo de álcool e outras drogas. Estes adolescentes pertencem a ambos os gêneros, mas mais uma vez há o predomínio do sexo masculino. Neste universo adolescente pode-se notar também a presença de diferentes classes sociais.

Figura 52: Ambulante.



Foto da autora. Julho de 2015.

Figura 53: Ambulante.



Foto da autora. Agosto de 2015.

Figura 54: Ambulante.



Foto da autora. Maio de 2015.

Moradores de rua são vistos diariamente no local, principalmente no período da noite. Há registro de pelo menos sete mendigos diferentes dormirem com frequência na Praça Nereu Ramos recentemente, de acordo com matérias de jornais locais.

Por fim, o último tipo de usuário identificado é o mais difícil de definir. Chamados aqui de **observadores**, são pessoas que vão diariamente ou com frequência à Praça para sentar em seus bancos e observar o movimento. São normalmente homens, idosos, aparentemente não interagem com outros usuários e são vistos frequentemente sozinhos (Figura 57).

Figura 55: Observadores.



Foto da autora. Abril de 2015.

3.2.4 Eventos

As formas de usos e apropriações do espaço da Praça Nereu Ramos pelas pessoas, sendo estas usuárias frequentes ou não, são chamadas aqui simplesmente de eventos, e foram divididas em grupos e subgrupos para facilitar sua descrição e interpretação. A princípio, três tipos de eventos que ocorrem através de três ações humanas básicas foram identificadas na Praça: o *olhar*, o *caminhar* e o *fazer*.

O **olhar** trata de tudo que pode ser visto ou que se pode ver, da relação entre ser-humano e paisagem, orientação no espaço através da visão e observação passiva. O **caminhar** trata do deslocamento dos corpos no espaço, suas estratégias, linhas de movimento e também suas limitações. Por fim, o **fazer** diz respeito a todas as outras ações possíveis no espaço: as atividades, espontâneas ou não, formais ou não, permanentes ou temporárias, diurnas ou noturnas, que ocorrem na Praça Nereu Ramos e seu entorno imediato.

3.2.4.1 Olhar

Uma das formas de interação mais universal entre o ser humano e o ambiente onde está inserido se dá através do olhar. Olhamos para os espaços, sejam eles naturais ou construídos, para nos guiarmos através deles, mas também para contemplá-los. Praças são espaços muitas vezes criados especificamente para a contemplação, embora este não seja o caso da Praça objeto desta pesquisa. O olhar humano se caracteriza por limites físicos característicos de nossa espécie, ou seja, de um modo geral, enxergamos até certa distância média, com certa nitidez e precisamos de determinada quantidade de luz para identificar formas. Também possuímos estatura média que limita os ângulos de visão de modo que nosso olhar individual, mesmo que seja único e formado por filtros pessoais e intransferíveis resultantes de nossas memórias e experiências do espaço, acaba por ter pontos em comum, que dizem respeito ao ser humano e que nos fazem alterar o ambiente em que vivemos de acordo com certas ideias de conforto e de atendimento às necessidades de nossos corpos.

A principal característica do olhar humano sob o ambiente é sua limitação do ponto de vista de amplitude. Não enxergamos o espaço como o representamos no mundo arquitetônico. Quando circulamos pela cidade enxergamos uma porção urbana de cada vez, ao invés de toda a cidade. Enxergamos em perspectiva, ou seja, em três dimensões, não sendo

possível visualizar na vida real o que é representado no universo da arquitetura, como por exemplo, em uma planta-baixa, através da qual se pode ter a apreensão de um grande território como um todo, entender sua geometria e a relação entre as diferentes partes que conformam um lugar.

Quando se trata de um espaço público que é utilizado de forma contínua e coletiva, as apropriações através do olhar normalmente têm fins de contemplar algo, seja este algo o patrimônio construído, uma apresentação artística, o movimento dos transeuntes ou o simples balançar das copas das árvores com o vento. A questão aqui é definir que tipo de cenas podem ser vistas na Praça Nereu Ramos e seu entorno, onde estão os observadores, para que direção olham e o que é possível enxergar. Para compreender esta forma de apropriação do espaço é necessário definir os principais eixos visuais e as paisagens do lugar.

De acordo com Camilo Sitte, *um edifício só estará em evidência e causará seu melhor efeito quando visto a partir de uma distância adequada em uma praça não exageradamente grande* (p. 42). Se levarmos este raciocínio adiante, pode-se dizer que o mesmo vale para a observação de eventos, de movimento de pessoas e de outros objetos: é necessário estar em certa posição e distância para ver algo.

A paisagem da Praça Nereu Ramos e seu entorno imediato é formada por massas edificadas, massas vegetais e massas humanas. Os Edifícios têm as testadas normalmente alinhadas um em relação ao outro são colados a seus vizinhos, criando uma massa edificada contínua que é vista em todas as direções, sendo interrompida pelas ruas. O Ipreville, único edifício solto no lote, pode ser visto de qualquer canto da Praça, ruas ou calçadas do entorno imediato, embora seja pequeno em estatura perto de seu vizinho, o Edifício Manchester, que também pode ser visto de todos os ângulos da Praça em função de sua altura.

Depois da última reforma, em 2003, com a realocação do palco para a extremidade oposta ao Ipreville e a retirada de uma série de pequenas construções que existiam sobre ela (quiosque de lanches, posto telefônico, posto da polícia e banheiros) liberou-se não apenas espaço físico, mas também eixos de visualização para pontos específicos da paisagem, que antes estavam visualmente obstruídos pelas pequenas construções. Atualmente, caminhando-se no interior da praça é possível visualizar algumas edificações tombadas importantes, embora a maior parte delas esteja necessitando de reformas e pintura. Também é possível visualizar o Morro do Boa Vista, olhando-se de dentro da Praça em direção à Rua Jerônimo Coelho, a única rua a desembocar diretamente sobre o local.

Outro local importante que pode ser visualizado do interior da Praça é um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade: a Rua das Palmeiras. Na verdade, vê-se apenas o topo das palmeiras surgindo por detrás da massa edificada da Rua do Príncipe, como pôde ser observado em algumas fotos mostradas anteriormente. Um pouco mais adiante, chegando próximo à área onde estão as mesas de jogos na Rua do Príncipe, é possível ver as Palmeiras Reais, uma sequência de edificações importantes e ao fundo, a cúpula da Catedral da cidade.

Por fim, é possível visualizar alguns arranha-céus à distância, em todas as direções, que lembram ao observador em que década estamos e se destacam na paisagem, por serem poucos.

Também é necessário falar sobre a condição inversa. Se até então foi descrito o olhar da Praça para a cidade, é também necessário descrever o olhar da cidade para a Praça. Muitas janelas se voltam para a Nereu Ramos, a partir das quais é possível observa-la a partir de espaços privados, discretamente (Ver Figura 34 novamente). Um exemplo desta observação passiva são os hóspedes ou funcionários do Hotel Colon, que podem observar a Praça e seus eventos a partir das janelas frontais do edifício (Ver Figura 33 novamente). O mesmo ocorre com os moradores do Edifício Manchester que possuem janelas voltadas para o local. Uma diferença grande entre observar os acontecimentos da Praça à distância, a partir de um espaço privado, é que quem é observado pode não ter consciência de tal fato. Outra diferença importante é que se tem uma visão mais geral e em escala menos humana. As pessoas parecem pequenas lá embaixo e tem-se uma visão do todo: é possível, por exemplo, observar uma apresentação no palco da Praça, ao mesmo tempo observar o movimento de seus espectadores e também o movimento dos carros, transeuntes, trabalhadores. É uma visão mais distante e impessoal, como um espetáculo urbano no qual o observador não está incluído diretamente na cena.

Os tipos de olhares também variam de acordo com a intimidade do observador com o que é observado. Os hóspedes do Hotel, por exemplo, podem não ter intimidade nenhuma com a Praça e seus acontecimentos. São observadores ocasionais e provavelmente não tem intenção de se envolver na vida pública da cidade. Estes enxergarão o local de um modo diferente daqueles moradores antigos do Manchester que passam a tarde na janela, que reconhecem pessoas e eventos. Este há de ser um olhar um pouco mais atento e com outros significados, bem como repleto de juízos de valor.

3.2.4.2 Caminhar/Deslocar-se

Outra forma de apropriação do espaço por parte das pessoas se dá através do simples ato de **caminhar**, que quase sempre funciona em sintonia com o olhar. Nosso corpo, em movimento, possui cadência e ritmo específicos que nos permitem sentir o espaço e a arquitetura de um modo único. Assim como o olhar, o caminhar é fundamentalmente humano, e o deslocamento dos corpos no espaço faz com que nossa percepção do mesmo se dê de um modo quase cinematográfico: experimentamos sequências espaciais, em um determinado ritmo, e acima de tudo, atribuímos significado ao que vemos ao longo do caminho e reagimos aos estímulos diversos. De acordo com Michèle Jolé, “O andar tem, igualmente, seus modos e seus ritmos, que diferenciam as cidades entre si [...]”.

O livre arbítrio para escolher o percurso, a velocidade, a direção do olhar, são todos aspectos da experimentação do espaço. A combinação entre o olhar e o caminhar pode ser compreendida como a verdadeira experiência de percepção da cidade, como enunciou Tschumi: “O espaço é real, pois parece afetar meus sentidos muito antes da minha razão. A materialidade do meu corpo tanto coincide quanto luta com a materialidade do espaço.” (p.40).

Evidentemente nos deslocamos, também, de outras formas: veículos não motorizados como bicicletas, skates ou patins são bastante utilizados na Praça Nereu Ramos. Os veículos motorizados como os automóveis particulares, os ônibus, e as motos também entram na equação do movimento, embora a percepção da cidade seja provavelmente mais intensa utilizando-se de outros meios de transporte que exigem menor velocidade.

Em um esquema em que a cidade pode ser compreendida como um sistema de barreiras e passagens, sendo as barreiras formadas por massa edificada e equipamentos urbanos, e as passagens por ruas e demais espaços abertos, o deslocamento dos corpos no espaço gera *percursos*. Os percursos são estratégias, e as motivações para utiliza-los podem variar: menor distância; segurança; beleza do entorno; oferta de serviços ao longo do caminho; etc.

A Praça Nereu Ramos tem, desde sua origem, um fluxo considerável de pedestres, principalmente ao longo da Rua do Príncipe, mas também nas demais ruas. Os equipamentos urbanos existentes no entorno colaboram para este fato imensamente, como o Terminal Central de Ônibus, o Shopping Muller e as galerias comerciais, por exemplo.

A partir da construção do Edifício dos Correios, do Palacete Schlemm e da instalação de bancos, canteiros, piso e iluminação, durante os anos 30, a Praça Nereu Ramos passou a ser local de encontro de jovens, casais de namorados e grupos de amigos que passeavam pela região, tomavam sorvete e sentavam-se na praça para conversar. Um dos motivos que poderia explicar esta rápida internalização do espaço como local de sociabilidade e estar é justamente sua localização e o fato de ser um ponto intermediário de percursos que já eram bastante utilizados naquela época: conectada com a Rua das Palmeiras através de uma galeria comercial e pela Rua do Príncipe, bem como conectada com a Praça Lauro Muller pela Rua Engenheiro Niemeyer, a Praça já se apresentava, naquela época, como um nó de fluxos convergentes.

Atualmente, o fluxo de veículos motorizados é contínuo e ininterrupto nas três ruas que rodeiam a Praça durante os dias da semana, em horário comercial, sendo o maior movimento na Rua do Príncipe. Em compensação, devido ao movimento ser tão intenso, este acaba não apresentando grande barreira aos pedestres, pois acaba sendo lento e possibilita que se atravesse em qualquer lugar, por entre os carros, com certa facilidade. Também é um facilitador o fato de que as três ruas são de mão única. A existência do Terminal Central de ônibus nas proximidades do local gera também um movimento grande de ônibus na Rua do Príncipe. Durante a noite, há pouco ou quase nenhum fluxo de veículos ou de ônibus. Nos fins de semana há menos movimento, mas também é contínuo durante o dia, em função das diversas atividades instaladas na área.

O movimento de ciclistas e usuários de outros veículos não motorizados é bastante comum, mas por não haver um espaço específico destinado a sua circulação, é um pouco perigoso e desorganizado. Joinville, ironicamente apelidada de ‘Cidade das Bicicletas’, carece de ciclovias e pavimentação uniforme para facilitar o uso de transportes como a bicicleta, o skate, patins ou patinete. Há relatos de alguns acidentes com ciclistas na área, pois estes circulam normalmente na faixa de rolamento, entre a calçada e os carros. Os acidentes registrados são principalmente noturnos, quando os carros podem atingir maior velocidade e o ciclista se torna mais difícil de ver.

Desde o início dos anos 90 é grande o fluxo de skatistas na Praça Nereu Ramos. Estes desenvolveram rotas próprias, algumas que circulam a Praça, outras que a atravessam, utilizando parte de seu mobiliário como obstáculos e o palco como propulsor de manobras. Os percursos utilizados pelos skatistas variam de acordo com a quantidade de pedestres e com o clima. Tendem a circular mais durante a noite, quando há menos

movimento, e para os dias de chuva, criaram rotas alternativas baseadas em disponibilidade de marquises.

Por ser uma área repleta de galerias em térreos de edifícios comerciais, a região oferece um universo imenso de possibilidades de percursos ao pedestre, e aos skatistas e ciclistas que arriscam desafiar as autoridades. Algumas galerias conectam ruas paralelas em uma linha reta, e outras conectam algumas ruas perpendiculares com passagens em 'L', como é o caso da popular Galeria das Palmeiras, que liga diretamente a Rua das Palmeiras ao espaço da Praça, sendo ainda bastante utilizada pela população (Ver novamente Figura 41).

Nas proximidades da região nordeste da Praça, está o Terminal Central de ônibus, e nas proximidades da região Sudoeste, o Shopping Mueller, que possui o maior movimento dentre os shoppings localizados no centro da cidade. Sendo assim, a Praça Nereu Ramos se encontra em um local de passagem natural para as centenas de usuários diários do shopping, que chegam ao centro via transporte público, e o utilizam para retornar a seus lares no final do dia. Há também uma série de indústrias nas redondezas, empresas, serviços e estabelecimentos comerciais, que geram um fluxo diário de pedestres que chegam ao Terminal pela manhã e passam pela praça diariamente para chegar ao trabalho. O resultado dessa combinação é um fluxo de pedestres contínuo e em todas as direções. Alguns percursos são visivelmente mais utilizados que outros, e estão esquematizados na Figura 58.

A figura mostra esquematicamente alguns dos percursos mais comuns que atravessam a Praça Nereu Ramos e entorno imediato:

- O percurso em **azul** é um dos mais utilizados por centenas de transeuntes diariamente, pois liga o Terminal de Ônibus central, a nordeste da Praça, com o Shopping Muller, a sudoeste, fazendo com que os passantes atravessem a Praça na diagonal, encurtando o caminho;

- O percurso em **vermelho**, que também atravessa a Praça na diagonal, é comum aos transeuntes/compradores: estes vêm das galerias comerciais que interligam a Rua XV de Novembro à Nove de Março, entram na área de estudo pela São Joaquim, atravessam a Praça em direção à do Príncipe e entram na Galeria das Palmeiras para explorar mais possibilidades de lojinhas;

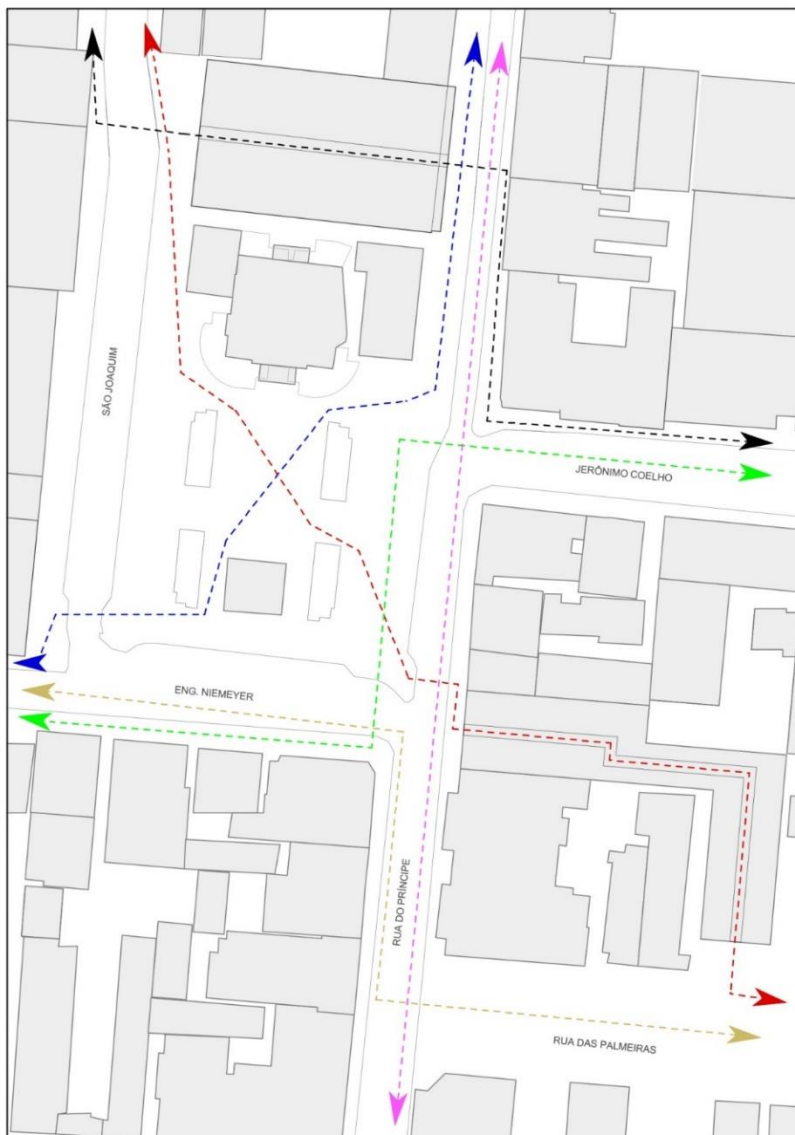
- O percurso em **preto** também passa por uma galeria (no térreo do Edifício Manchester), mas por outros motivos: este é um percurso comumente utilizado em dias de chuva, pois é uma das sequências com mais marquises contínuas possíveis entre quem circula entre as ruas Jerônimo Coelho, que desemboca lateralmente a Leste da Praça, e a Nove de Março, que fica ao Norte dela;

- O percurso em **rosa**, ao longo de toda a Rua do Príncipe para ambos os sentidos, é certamente o percurso mais utilizado em toda a história do lugar, pois já era amplamente usado pelos comerciantes na Colônia e talvez seja um dos motivos pelos quais esta área é tão popular hoje. Este caminho é utilizado por diversos motivos, mas o comércio presente ao longo de toda a rua continua sendo um deles;

- Em **verde**, mais um caminho comum para ir do shopping ao Terminal de Ônibus e vice-versa, interligando as regiões leste/oeste;

- Por fim, em **mostarda**, um trecho do percurso que liga os três espaços públicos criados no período colonial: caminhando-se pela Nove de Março, atravessa-se a Praça Lauro Muller em direção à Engenheiro Niemeyer, através da qual se caminha tangenciando a Praça Nereu Ramos em seu limite sul, virando a direita na Rua do Príncipe para então acessar a Rua das Palmeiras, completando assim a sequência espacial.

Figura 56: Mapa de percursos comuns.



Desenho da autora. Escala 1/1000.

3.4.2.3 Fazer

A última forma de apropriação do espaço pelas pessoas aqui descrita se dá através da ação de **fazer** algo diferente de olhar e caminhar no espaço em questão. Inúmeras atividades podem ser realizadas em espaços públicos diversos, sendo que cada um desses espaços oferece a estes eventos circunstâncias únicas, ao mesmo tempo em que são modificados por eles. Um evento é, a rigor, um confronto entre atividade e ambiente, e se ocorre no meio urbano, uma experiência de urbanidade. Eventos são tanto definidos pelo cenário quanto pelos agentes envolvidos, e são a finalidade máxima da interação ser humano/meio ambiente. Os eventos, como explicado anteriormente, não se restringem a formalidades: sentar-se a um banco de praça para ler um livro, comprar produtos artesanais dos feirantes, perambular pedindo dinheiro aos passantes, observar um hippie violonista tocar uma música dos Beatles, etc. São todos eventos do cotidiano, que se mesclam gerando vivências singulares que definem uma teia sógnica identitária de um lugar, como uma Praça.

“Não há arquitetura sem programa, sem ação, sem evento. [...] a arquitetura nunca é autônoma, nunca é pura forma, e, similarmente, que arquitetura não é uma questão de estilo e não pode ser reduzida a uma linguagem.” (TSCHUMI, p.3)

“A arquitetura é definida como o confronto prazeroso e por vezes violento de espaços e atividades.” (TSCHUMI, p.5)

Na Praça Nereu Ramos ocorrem diversas atividades, já que seu espaço se presta a vários usos e seus frequentadores são constantes e variados. As apropriações do espaço podem ser divididas em formais e informais, sendo consideradas **formais** aquelas atividades programadas, cuja intenção de acontecer pode fazer com que ocorram modificações no espaço para recebê-las. Estas têm hora marcada para iniciar e às vezes acabar, e normalmente há uma divulgação do evento com a intenção de atrair ainda mais espectadores para o local. A própria divulgação, seja através de mídia virtual ou tradicional já é um princípio do evento, que neste caso, extrapola os limites físicos da Praça e atinge pessoas que podem jamais ter pisado no local, virtualmente.

Alguns eventos formais, como a Feira do Príncipe, ocorrem mensalmente. Esta é uma feira diurna, de domingo, e lá se encontra artesanato, roupas, livros, discos, produtos coloniais, etc. A venda dos produtos ocorre em paralelo com apresentações artísticas no palco da Praça. Em frente ao palco, no espaço central, são colocadas cadeiras de plástico, onde espectadores podem sentar para assistir as apresentações, que são geralmente de música, podendo haver também peças teatrais e dança. Ao redor das cadeiras, nas extremidades do espaço central da Praça, são colocadas tendas individuais para os feirantes, que se inscrevem em edital da Fundação Cultural de Joinville para participar. As barracas de feira se estendem para a Rua do Príncipe, sob as calçadas, para ambas as direções, e neste caso nem todos os feirantes são ‘oficiais’. Ambulantes frequentemente se juntam ao evento acomodando-se nas extremidades ou em pontos de grande fluxo de pedestres (Figura 59). Em dias de Feira, inúmeras pessoas se dirigem ao centro unicamente para visita-la, tornando os domingos do evento bastante movimentados.

Figura 57: Feirantes e transeuntes ao longo da Rua do Príncipe.



Foto da autora. Novembro de 2014.

Um dos eventos formais mais importantes e que ocorre há décadas na Praça são as apresentações gratuitas durante o Festival de Dança de Joinville. Esta mostra ocorre em cinco palcos da cidade, normalmente durante os 10 dias de duração da competição oficial, que ocorre no *Centventos Cau Hansen*. Destes cinco palcos onde os dançarinos se apresentam, o único em um espaço público central é o da praça objeto de estudo desta pesquisa, portanto um dos mais acessíveis a toda a população. Este é um evento anual, ocorrendo sempre em fins de Julho e início de Agosto, e este ano contou com apresentações diárias na Praça Nereu Ramos, das 11 às 13hs e das 13h30 às 17h30. Para este evento, atualmente uma grande estrutura metálica com cobertura de lona é instalada no centro da Praça, principalmente em função das chuvas. Ocorre então, uma grande modificação do espaço, e as apresentações se fecham em si mesmas, não sendo mais visíveis, por exemplo, a partir das janelas do Hotel Colon ou do Manchester (Figura 60). Apesar disso, a privacidade gerada no interior da tenda garante bastante concentração aos bailarinos, iluminação adequada e proteção contra as intempéries.

Figura 58: Praça Nereu Ramos a partir do sétimo andar do Hotel Colon, durante Festival de Dança de Joinville.



Foto da autora. Julho de 2015.

Outra característica desse período é o fato de que muitos grupos de dança de fora da cidade, do estado ou país se hospedam no Hotel Colon durante o período do Festival. Neste caso, a Praça, além de palco, vira ponto de encontro de forasteiros. Torna-se, também, uma espécie de coxia a céu aberto: durante os dias de Festival é possível ver inúmeros bailarinos se alongando no local, utilizando como apoios os bancos, canteiros e árvores da Praça, antes de subirem ao palco da Praça. Também é possível ver grupos de bailarinos em roda sendo aconselhados por seu/sua professor(a), já que muitos vêm de companhias de dança bastante jovens. Esta dinâmica atrai muitos curiosos, desperta o interesse dos transeuntes e movimentam o Hotel (Figura 61).

Figura 59: Bailarinos utilizam espaço da praça para aquecer, alongar e trocar de roupa antes de suas apresentações no palco coberto.



Foto da autora. Julho de 2015.

Apesar de que a montagem da tenda no centro da Praça tende a cortar completamente os eixos visuais e a capacidade de atravessá-la livremente, sem obstáculos, a vida segue ao redor dessa tenda para muitos dos usuários da Praça. Os jogadores de dominó e cartas, por exemplo,

parecem totalmente alheios ao Festival e às hordas de bailarinas em vestimentas brilhantes que correm ao redor e dançam no interior da tenda. Estes permanecem em suas mesas concentrados em seus jogos como se nada estivesse ocorrendo (Figuras 62 e 63).

Figura 60: Jogatina durante o Festival de Dança.

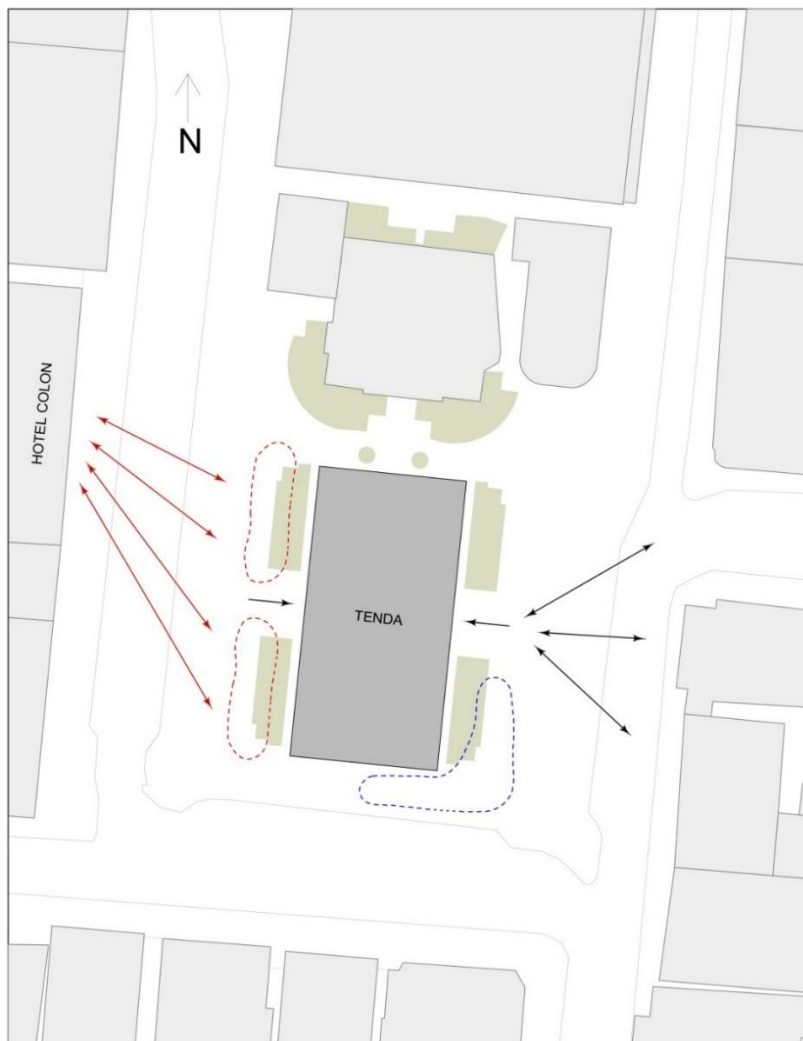


Foto da autora. Julho de 2015.

A Figura 63 se propõe a explicar a dinâmica espacial descrita anteriormente, que ocorre durante o Festival de Dança, anualmente. Quando uma tenda é armada e ocupa todo o espaço central da Praça, as dinâmicas espaciais mudam. Por ser um obstáculo físico, todos os percursos que cruzam a Praça são alterados, sendo necessário desviar desta nova barreira. As entradas para a tenda são laterais, como apontam as flechas pretas, atraindo curiosos, que não podem ver do exterior o interior. As áreas em tracejado vermelho representam os locais onde os bailarinos ficam concentrados antes de suas apresentações. Como uma coxia a céu aberto, eles se vestem, alongam, escutam seus treinadores e socializam com outros dançarinos. As setas em vermelho representam o movimento constante entre Hotel e Praça, já que muitos bailarinos se

hospedam ali. Em tracejado azul, a área da jogatina, que segue inalterada pelo grande acontecimento da Praça.

Figura 61: Dinâmica espacial durante o Festival de Dança.



Desenho da autora. Sem escala.

Outros eventos formais, esporádicos, ocorrem no local. Muitas vezes de iniciativa popular, buscam aprovação da Fundação Cultural através de editais do município e do estado para acontecer. Outras vezes são espontaneamente organizados pela Prefeitura, e podem envolver a montagem da cobertura no espaço central ou não, dependendo do tamanho e da duração. Alguns exemplos recentes foram eventos de música, eventos religiosos e teatro de rua.

Os eventos formais da Praça Nereu Ramos têm como principal característica a capacidade de atrair pessoas que não frequentam regularmente a Praça, pessoas de outras cidades e também moradores de outras regiões da cidade que vão de ônibus até o local apenas para prestigiar o evento. Há, então, uma grande diversidade de classes sociais, cores e idades no local durante esses dias. Como consequência, mais ambulantes são atraídos para o local, e também curiosos de passagem. Os comércios ao redor se beneficiam com a movimentação, e o trânsito se torna consideravelmente mais lento em função da grande quantidade de pedestres nas ruas.

Os eventos aqui classificados como **informais** são definidos por qualquer ação no espaço da Praça e seu entorno imediato, individual ou coletiva, que seja espontânea, ou seja, o que é feito e quando é feito são decisões inteiramente tomadas pelos agentes envolvidos diretamente nas atividades. As formas de apropriação descritas nos subitens anteriores, o *olhar* e o *caminhar*, também poderiam estar enquadradas aqui nesta categoria, mas foram separadas e apresentadas anteriormente, pois têm dinâmicas bastante diferentes das demais, e quando funcionam juntas podem ser classificadas como atividades informais de **passagem**, já que os transeuntes entram e saem de cena e este é o evento em si. Aqui se detalhará então, as atividades informais de **permanência**, que são inúmeras na Praça Nereu Ramos, e também alteram significativamente o espaço. São elas:

- A jogatina: evento corriqueiro, diário e contínuo, ocorre na extremidade sudeste da Praça. O início dessa atividade é pela manhã, por volta das 7 horas, e o fim, à noite, variando entre 20 e 22 horas. O mundo da jogatina envolve alguns atores específicos, que são os jogadores, os espectadores, e os curiosos, em geral todos homens. Eles possuem regras próprias e a animação das mesas denuncia a seriedade dos jogos. Campeonatos são organizados entre eles, e nem a chuva parece impedi-los, quando então se organizam sob a cobertura do palco,

utilizando mesas e cadeiras de plástico emprestadas da lanchonete da Praça ou da lanchonete do outro lado da rua;

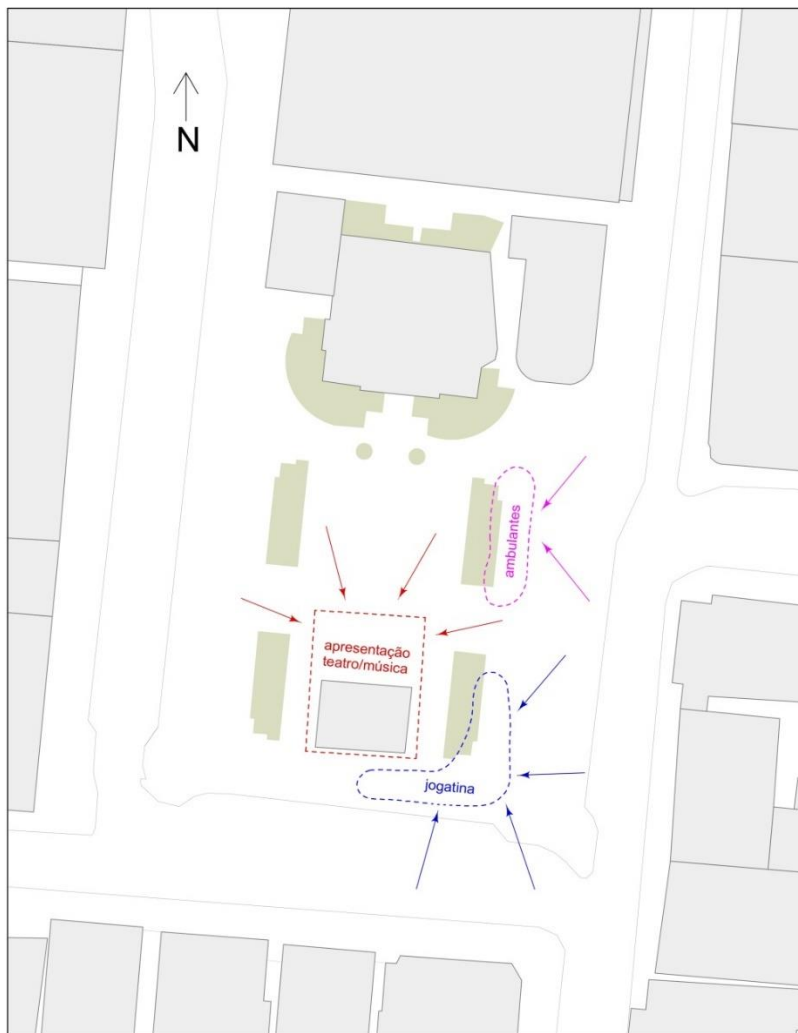
- As apresentações dos artistas de rua ou amadores, que são principalmente músicos. Instrumentistas, sozinhos ou em grupo, costumam se apresentar espontaneamente no local. Estes não utilizam o palco, mas os bancos ao redor dos canteiros, ou ficam de pé em algum lugar de passagem, como na extremidade leste da área central, voltados para a Rua do Príncipe. Muitos são de fora da cidade, alguns aceitam gorjetas, e alguns frequentam a Praça regularmente. As apresentações têm como espectadores os transeuntes mais curiosos, normalmente juntando um círculo de interessados ao redor. Estes eventos possuem, então, o poder de transformar passagens em permanências;
- A Praça utilizada como estar: é comum ver pessoas nos bancos da Praça, fumando, mexendo em seus celulares, lendo, consumindo alimentos e/ou bebidas ou conversando. A Praça, por mais que seja repleta de novos usos, ainda é utilizada para uma de suas funções mais antigas e também uma das mais elementares para qualquer espaço público, a função de estar, de lugar de repouso, de espera, de interação humana básica. Esta atividade ocorre ao longo de todo o dia, e envolve todo tipo de usuário: transeuntes, moradores do centro, visitantes da cidade, aposentados e até mesmo policiais em serviço. Mulheres e crianças, casais de namorados e trabalhadores uniformizados são frequentemente vistos sentados no banco da Praça. Esta atividade também ocorre ao longo de todo o dia, todos os dias da semana, e tem continuidade no início da noite, enquanto ainda há movimento no Terminal de ônibus próximo;
- A Praça também é bastante utilizada como pista de skate, bicicleta e ponto de encontro de jovens. Estas atividades ocorrem à noite, regularmente, mas não diariamente. Os skatistas utilizam o palco e os canteiros como obstáculos, e também sentam nos bancos do local para conversar, fumar e beber;
- A venda de mercadorias por ambulantes é um evento que causa um efeito similar ao exercido pelos artistas de rua: atrai a atenção de curiosos, que de passagem, acabam por permanecer temporariamente no local, interrompendo seu percurso, que normalmente é indo ou vindo do Terminal Central;
- A Praça como dormitório: exclusivamente no período da noite, esta atividade ocorre com cada vez maior frequência e por cada vez mais pessoas. São conhecidos alguns moradores de rua que

utilizam os canteiros, espaço do palco ou mesmo calçadas sob as marquises das edificações ao redor da Praça para dormir. Esta atividade também altera significativamente a dinâmica espacial do local, já que tem um efeito inverso ao das apresentações artísticas e comércio dos ambulantes. Ao invés de atrair os transeuntes para sua direção e aumentar suas permanências, a atividade os repele, gerando uma bolha invisível de espaço não circulável ao seu redor, fazendo inclusive com que pessoas desviem de seu caminho, embora não haja nenhuma barreira real impedindo sua passagem.

Em resumo, as passagens e as permanências ocorrem em função de diversas variáveis, dentre elas os eventos que ocorrem na Praça. Se por um lado alguns eventos atraem público especificamente para prestigiá-los, eles também podem atrair curiosos e transeuntes que estejam apenas de passagem ou que estejam na Praça por outro motivo, fazendo-os desviar de seus caminhos originais (Figura 64).

A mostra as posições típicas dos eventos de atração comuns à Nereu Ramos. Em azul, o espaço da jogatina, que ocorre sempre na extremidade sudeste da Praça em função da localização das mesas em concreto. Em vermelho, a área onde normalmente acontecem as apresentações artísticas. Estas muitas vezes ocorrem no palco, e quando são de teatro, podem acontecer também no espaço central em frente ao palco. As pessoas se amontoam de pé ao redor, e muitas vezes estavam apenas de passagem quando o evento lhes atrai a atenção. Apesar de ocorrerem comumente no local tracejado na imagem, podem ocorrer, também, em outros pontos da Praça, principalmente quando são informais. Em rosa, uma das posições preferidas dos ambulantes. Próximos ao bar e à Rua do Príncipe, os comerciantes informais também exercem a função de catalisadores, desviando as pessoas de seus caminhos rotineiros.

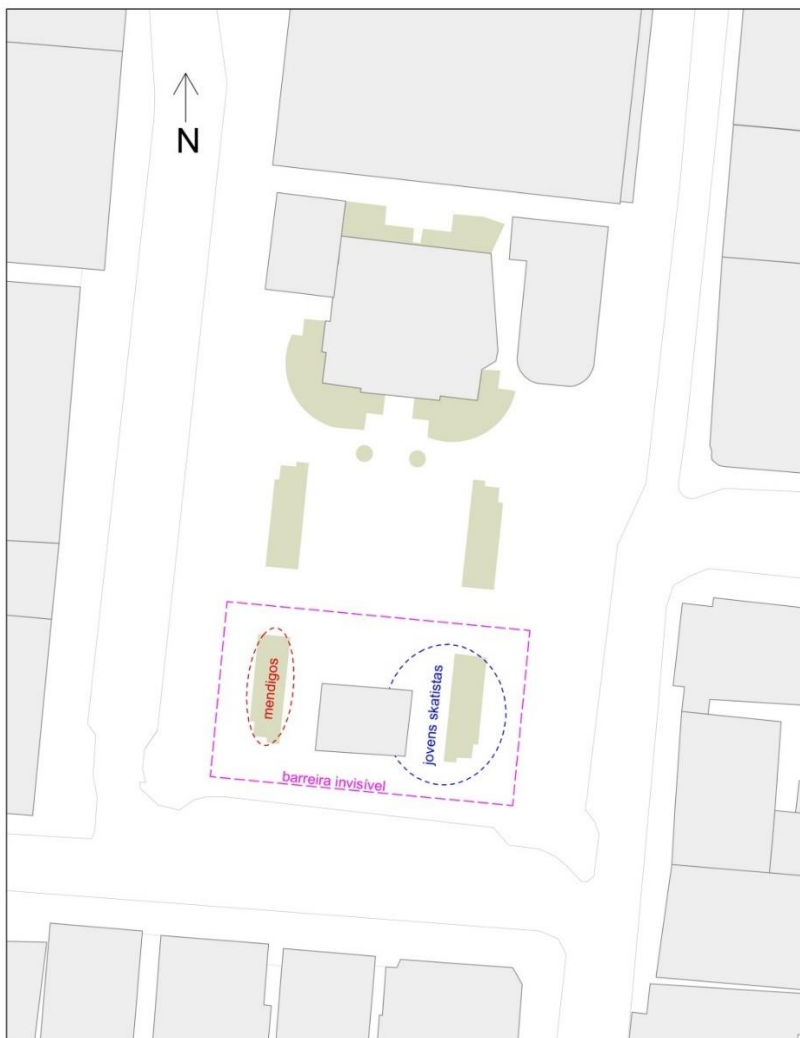
Figura 62: Eventos cotidianos que tendem a atrair curiosos.



Desenho da autora. Sem escala.

O oposto ao poder de atrair transeuntes também ocorre, quando alguns eventos cotidianos têm o efeito de repelir os transeuntes ou usuários em permanência, ou desviá-los de seus caminhos para evitar proximidade com tais eventos, como mostrado na Figura 65. A figura explora alguns eventos cotidianos que têm o potencial de repelir passantes e fazê-los desviar de seus percursos mais comuns, acelerar o passo, ou simplesmente parar as atividades que estão fazendo e ir embora. A área em tracejado vermelho marca um dos canteiros onde mais comumente dormem desabrigados, recostados nas árvores. A área azul mostra um espaço muito utilizado por jovens e skatistas, que utilizam bancos, canteiros e palco como obstáculos de manobra e local de descanso e socialização. Estes costumam ser muito mal vistos pelos demais usuários da Praça. Alguns entrevistados se referiram aos jovens como marginais. Ambos estes eventos criam uma barreira invisível ao redor deles, sempre a alguns metros de distância (em rosa no desenho), e esta parece quase intransponível: mesmo que não aja uma barreira real, os transeuntes ostensivamente desviam de seus caminhos para evitar contato com os eventos que ali ocorrem.

Figura 63: Eventos cotidianos que tendem a repelir usuários da Praça.



Desenho da autora. Sem escala.

4 HISTÓRIA, ESPAÇO E EVENTO

A Praça Nereu Ramos continua em transformação, como todo espaço urbano. A *Praça de agora* descrita no capítulo anterior, em verdade, já passou: novas memórias se sobrepõem à sua materialidade diariamente, e se acaso este processo de pesquisa fosse iniciado novamente imediatamente após seu término, provavelmente já se chegaria a resultados um pouco diferentes. A Praça evolui, se adapta, e tanto sua materialidade quanto a forma como as pessoas interagem com ela são consequência de dinâmicas sócio espaciais complexas. O cotidiano de um lugar, resultado destas dinâmicas que em coesão transformam a forma como os usuários interagem com um espaço, pode ser interpretado e utilizado como ferramenta de projeto. As dinâmicas espaciais podem ser narradas em um lugar, como aqui foram descritas nos capítulos anteriores.

Analisando a narração de transformações sócio espaciais sofridas pela Praça Nereu Ramos ao longo de sua história, comparando suas configurações espaciais a seus eventos, se faz possível inferir algumas tendências para seu futuro, bem como chegar a uma série de conclusões sobre seu espaço e os eventos nele contidos. Neste capítulo serão explicitadas algumas dessas conclusões e hipóteses, através da abordagem de alguns aspectos considerados relevantes.

4.1 Sobreposição de tempos

Em primeiro lugar, o capítulo que segue explorará o fato de que alguns espaços públicos em centros urbanos, assim como a Praça Nereu Ramos, funcionam como verdadeiros **nós de sobreposição de diferentes tempos**. Esta característica traz uma série de consequências, que serão aqui comentadas para o estudo de caso específico desta pesquisa. Entende-se aqui como *nó* um ponto de convergência onde os diferentes tempos são sobrepostos, e para onde convergem ruas, pessoas e eventos. Os diferentes tempos são representados tanto na materialidade de um lugar, em seu traçado urbano, seus edifícios e suas ruas, como na memória e no uso do espaço pelas pessoas. O conjunto das temporalidades sobrepostas define uma urbanidade específica e intransferível.

Para que um lugar funcione como um nó de sobreposição de tempos é necessário que as diferentes épocas vividas naquele lugar de alguma forma convivam no presente, seja no patrimônio material ou imaterial. Por ter se originado ainda durante a colonização do território joinvilense, e por ter sofrido algumas transformações espaciais que

acompanharam seu desenvolvimento, a Praça Nereu Ramos guarda, dos diferentes tempos vividos na cidade, diversos resquícios. Alguns destes resquícios são bastante visíveis. Outros, imateriais, exigem uma observação mais atenta.

Muitos espaços públicos não têm sua historicidade preservada, pois esta não é considerada rica ou importante. O interesse em preservar a história da Praça Nereu Ramos surgiu ao final do período crescente, quando uma série de questões urbanas começaram a ser discutidas nos jornais locais, e os primeiros edifícios começaram a ser tombados no município. O reconhecimento da importância desta Praça por reunir símbolos da identidade do joinvilense e ter sido palco de muitas transformações sociais e políticas foi se tornando cada vez maior. Para que haja vontade de preservar a história de um lugar, este deve *ter* história, ou seja, existir há certo tempo. A praça-objeto deste estudo possui aproximadamente 100 anos de história e esta pode ser sentida em seu ambiente de diversas formas.

A primeira forma de perceber estas temporalidades sobrepostas é através do patrimônio material. Há no entorno da Praça atualmente uma sequência de construções de diferentes períodos. As principais construções tombadas representam a arquitetura eclética do fim do século 19 e início do século 20, bastante comum nas colônias de imigrantes da época. Concentram-se principalmente na Rua do Príncipe, embora sejam poucas que mantêm visíveis os detalhes da antiga arquitetura atualmente. A maioria está escondida atrás de marquises e letreiros chamativos para o comércio. Das 18 edificações tombadas em toda a Rua, 3 se relacionam diretamente com a Praça Nereu Ramos, e todas datam do período inicial.

O edifício do Ipreville, em grande destaque na Praça, é um destes edifícios. Este teve sua fachada desconfigurada por um tempo durante o período aqui chamado de crescente. Além da alteração em sua arquitetura, ficava escondido por um palco que inconvenientemente ficava a sua frente, no meio da Praça. A percepção da importância deste edifício, tanto como exemplar arquitetônico quanto como parte da memória coletiva referente à Praça, culminou em um projeto que o devolveu ao seu lugar de origem, como protagonista do espaço.

Outro edifício tombado diretamente ligado à Praça é o Palacete Schlemm, onde atualmente funciona o Hotel Príncipe e algumas lojas. O espaço reservado ao Hotel no interior do edifício foi sendo reduzido ao longo do tempo, e porções no térreo do edifício foram sendo gradativamente colocadas para alugar. Atualmente alugados para lojas de artigos populares, o Hotel está bastante desvalorizado e confinado a pouco espaço. O edifício está um tanto deteriorado, e ainda pertence à família

Schlemm. Faz algumas décadas que está em decadência, e seu destino parece ser tornar-se totalmente comercial.

A última edificação tombada ligada à Praça é a atual Casa China, cujo destino parece ser também permanecer comercial, tanto por sua localização quanto por sua história: não há relato ou registro de algum dia ter servido a algum propósito diferente.

Ainda tratando do patrimônio material, também do período inicial, são as proporções do espaço da Praça e a malha urbana na qual está inserida. Estas, inclusive, datam de um período anterior à fundação da cidade.

Do período inicial, por fim, há também resquícios imateriais: a atividade de comércio ao longo de toda a Rua do Príncipe e a compreensão do espaço através da história das famílias que ali se instalaram. Esta característica perdura até hoje e pôde ser percebida na fala dos entrevistados nativos de todas as idades. Também data daquela época a organização do espaço como uma Praça, e também a função de *estar*. Neste caso, primeiro veio a intenção, expressa no *desenho* da Praça, depois veio o uso. Datam também deste tempo algumas estratégias de circulação utilizadas pelos pedestres, já que a malha urbana e distribuição de equipamentos públicos segue com a mesma lógica desde seus primórdios. Por último, mas não menos importantes, estão os nomes originais das ruas do entorno em alemão, resgatados na reforma de 2003 simbolizando a Joinville colonial de outrora. Este resgate e sua formalização em toda a sinalização da área central, que mostra ambos os nomes das ruas, em português e em alemão, mostram o interesse em preservar as memórias daquele tempo.

Do período da Era Vargas, entre 1937 e 1945, o maior resquício é a memória: diversos entrevistados que viveram aquele tempo demoraram-se longamente a contar traumas vividos em função da ditadura, acontecimentos formais envolvendo autoridades na Praça, histórias de queimas de livros, encontros secretos na calada da noite, e histórias de denúncias, prisões e solturas. Mas esta herança daquele tempo, imaterial e bastante pessoal, só pode ser percebida quando se está procurando encontra-la, não transparecendo no cotidiano da Praça de nenhuma forma direta, embora grande parte de seus usuários tenha vivido aquela época. Além das memórias sobre a ditadura, a Praça herdou deste período uma característica bastante importante: a partir daquele ponto, em função das frequentes apresentações da banda do batalhão da cidade na Praça, esta passou a ser local de grandes eventos artísticos e de música, mesmo que inicialmente estes fossem limitados a formalidades.

Já o período crescente se faz ver na Praça atual de diversos modos, alguns mais impactantes do que outros. Com o fim da Era Vargas e o início do período seguinte houve uma explosão artística na Praça Nereu Ramos que perdura até hoje. Se esta era limitada a eventos cívicos durante o período anterior, ganhou a amplitude que tem hoje depois do fim da ditadura. Alguns eventos cotidianos datam deste período, como por exemplo, a jogatina de dominó e cartas. Este é um exemplo de evento que antecedeu o desenho: primeiro se instalou a tradição, depois se adaptou o espaço a ela, com a construção da área de mesas em concreto. Outro resquício imaterial da Praça crescente diz respeito às estratégias de circulação: as mais antigas provêm do período inicial, mas várias delas são posteriores, pois envolvem rotinas de trabalho, estudos e compras característicos da contemporaneidade e relacionados à posição de certos equipamentos no Centro.

Em relação ao patrimônio material deste período, é bastante amplo, embora nenhuma edificação seja tombada. Em primeiro lugar, data do período crescente a formalização de um palco na Praça. Embora inicialmente estivesse em posição diferente e fosse descoberto, ali se criou uma ambiência urbana acolhedora aos eventos artísticos, que ainda pode ser claramente sentida no local, principalmente durante o Festival de Dança.

Alguns edifícios da Praça, como o Hotel Colon, não estão tombados, mas são nós de temporalidades em si mesmos e afetam diretamente o cotidiano do local. A Rua São Joaquim, onde está localizado o Hotel, é chamada popularmente de “A Rua do Colon”. Igualmente, quando se refere à Praça a alguém que ainda não sabe seu nome, há duas alternativas: chama-la de “A Praça que tem o palco” ou ainda, “A Praça na frente do Colon”. O Hotel não se tornou um ponto de referência por sua arquitetura, mas sim por sua história, pelo que simbolizava, e por seu testemunho dos últimos 50 anos de transformações na Praça. Junto do Cine Colon, foi um símbolo de uma nova era que se iniciava no pós-guerra. O fato é que o Colon sempre teve e ainda tem um grande impacto no local. A Praça Nereu Ramos foi também um produto das transformações que ali ocorreram. Um exemplo disso foi o período em que a Praça funcionava como sala de espera para o cinema que havia junto ao Hotel. Outro exemplo é o fato de que anualmente, durante o Festival de Dança de Joinville, a Praça vira uma coxia a céu aberto, e também ponto de encontro de forasteiros, já que dezenas de bailarinos se hospedam no hotel.

As poucas alterações sofridas pelo edifício ao longo das últimas décadas colocam o Hotel Colon como uma brecha no espaço-tempo: os

quartos e escritórios parecem saídos dos anos 70/80 e alguns de seus funcionários ali trabalham desde os seus primórdios, alguns há mais de 40 anos. Resquícios dos escombros do cinema extinto ainda podem ser vistos no estacionamento do Hotel. O fato é o que o Colón teve seus dias de glória no passado e tem passado por uma lenta e gradativa decadência ao longo dos últimos 20 anos.

Outro edifício do período crescente que faz parte do cenário atualmente e também encara certa decadência é o Manchester. Se no passado contava com muitas famílias habitando seus apartamentos e era considerado de classe média-alta, agora é habitado majoritariamente por idosos solitários e não pertence mais ao grupo de edifícios de alto padrão da cidade.

Todos os elementos descritos até então convivem, em paralelo, no espaço atual da Praça. Estes elementos são parte importante do presente, e materiais ou imateriais, reverberam o passado em sua reinvenção cotidiana. Esta característica, a partir do momento em que foi reconhecida pelo Estado como importante e definidora deste espaço através de incentivos como o resgate dos nomes originais de ruas, o tombamento de edificações ou o estímulo às tradições coloniais com eventos como a Feira do Príncipe, marca o tom do futuro da Praça: a história é um caminho que é só possível percorrer para frente; a tendência é de que se torne cada vez mais relevante historicamente, e este ponto possivelmente norteará as decisões futuras quanto a qualquer alteração em seu espaço.

Neste sentido, então, é possível imaginar que serão mantidas certas características que simbolizem a história da Praça, como seu palco, suas proporções coloniais e principais edifícios. Apesar de que algumas famílias proprietárias das edificações tombadas não possuem condições financeiras para fazer a manutenção necessária destas construções, é possível afirmar que estas permanecerão por muitos anos, talvez décadas, basicamente inalteradas. Portanto, as proporções da malha urbana da Praça e os gabaritos e recuos da maioria das edificações do entorno permanecerão intactos por bastante tempo, e bem possivelmente a proporção entre área edificada e área aberta do local será mantida.

Apesar de que provavelmente serão mantidos os edifícios, a decadência na qual os serviços oferecidos por alguns deles se encontram e as mudanças sociais e políticas que vêm ocorrendo indicam mudanças de usos destes edifícios no futuro. O Ipreville, por exemplo, está em processo de ter uma sede maior e mais apropriada para sua função construída em outra região do centro da cidade. O edifício moderno que atualmente abriga o Ipreville já conta com uma exposição de sua história em seu hall de entrada, e por ser um lugar relativamente pequeno e já

tombado, e se localizar em um ponto que é foco de arte e cultura na cidade, há especulações por parte de funcionários públicos entrevistados nesta pesquisa sobre destina-lo a alguma função cultural, hipótese que faz sentido.

Outro bom exemplo de edificação que tende a passar por mudanças de uso é o Colon. Este passará por transformações de uso e/ou de aparência e dinâmica diária que alterarão a espacialidade da Praça Nereu Ramos. Isso porque um equipamento como o Hotel Colon tem grande influência no cotidiano da Praça, e sua decadência certamente acarretará em mudanças para o espaço. Seria o futuro do Colon tornar-se obsoleto e lentamente alugar partes do seu térreo para comércios populares, seguindo o modelo do Hotel Príncipe, do outro lado da Praça? Esta hipótese tornou-se real desde que um de seus módulos térreos foi alugado a uma cafeteria/loja de vinis em 2015.

Há também, baseando-se no que foi compreendido através da análise de dados, uma grande probabilidade de que se preservará boa parte do patrimônio imaterial da Praça Nereu Ramos: a tradição de ser abrigo para jogadores aposentados é um bom exemplo disso, como evento que deve perdurar ainda por muitos anos no local. A tradição de ser um ponto de eventos artísticos também certamente fará parte da Praça do futuro, pois tanto os diretamente responsáveis pelo planejamentos e transformações físicas da Praça (funcionários do IPPUJ e demais órgãos da prefeitura) quanto os responsáveis pelas formas de apropriação do espaço dela (usuários da Praça) parecem reconhecer nestas tradições parte de suas identidades. Parece coletivo então o desejo de manter a função de ‘palco’ da cidade no espaço, bem como de manter a tradição de ser ponto de encontro para aposentados e sua jogatina diária.

4.2 Transformações espaciais

Um segundo aspecto que pôde ser analisado através do confronto de todas as descrições anteriores e que influencia diretamente o futuro da Praça é a evolução de seu *desenho* acontecendo em paralelo com a evolução dos eventos nela realizados. Observando-se a Figura 66, comparando as configurações do espaço da Praça em diferentes tempos e mantendo em mente seus contextos históricos e eventos que ali ocorriam, é possível concluir que:

- A geometria da Praça sempre esteve organizada no sentido do eixo Norte-Sul, a partir do momento em que o Edifício dos

Correios e Telégrafos foi construído em 1937. Há, então, a hipótese de que este continuará sendo o principal eixo organizador do espaço no futuro, visto que a edificação está tombada e continuará fazendo parte deste cenário por um bom tempo;

- O espaço central foi sendo gradativamente liberado ao longo do tempo: no período inicial era livre de edificações, mas era tomado de vegetação nativa; Depois, durante a Era Vargas, limpou-se o terreno, mas mantiveram-se grandes canteiros com vegetação arbustiva e rasteira que ocupavam todo o espaço central, com algumas passagens para pedestres. Neste estágio, sem a presença do palco, o Edifício dos Correios e Telégrafos era o único destaque visual no local, mas poucos eventos ali ocorriam e não havia necessidade de grande versatilidade; Posteriormente, no período crescente, os canteiros foram diminuídos e a porcentagem de área impermeabilizada aumentou bastante, mas a profusão de pequenas construções sob o espaço da Praça não permitia que houvesse um espaço central bem definido e cuja visualização estivesse em destaque de qualquer outro ponto do entorno; Por fim, com a última reforma, o espaço central foi finalmente liberto de obstáculos, os canteiros concentrados em suas margens, e o palco colocado em oposição ao edifício, marcando claramente o eixo norte-sul e ao mesmo tempo o centro da Praça, para onde parecem convergir todos os olhares, percursos e eventos que ali ocorrem. Esta centralidade de um espaço livre será provavelmente mantida para que possa ser mantida também esta flexibilidade do espaço, muito necessária a grande diversidade de usos que a Praça comporta hoje;
- Comparando os quatro mapas também fica perceptível que a noção de espaço público e a intenção de organiza-lo como tal ocorre a partir dos anos 30, e é justamente esta intenção institucionalizada através de um *desenho* que transforma seu uso: a partir daquele ponto o local passou a ser um *estar*, função primordial de um espaço público central. Este fato mostra o quanto arquitetura, evento e espaço público funcionam em sincronia, e também o poder que um projeto arquitetônico pode ter em alterar as dinâmicas sócio espaciais;

- A quantidade de árvores no local diminuiu ao longo do tempo, havendo pouquíssimas árvores nativas atualmente na Praça. Em função dos motivos explicados anteriormente, é bem provável que essa característica também seja mantida;
- Por fim, nota-se que a Praça de 2016 possui um acúmulo de características das Praças anteriores: sua configuração privilegia as proporções da época colonial, valorizou-se o eixo norte-sul em seu desenho e a Praça é tão organizada como era durante o período da Era Vargas, porém com a diversidade de usos que já existia durante o período crescente. A grande diferença está em quão bem adaptada a Praça está atualmente a seus eventos, sendo possível concluir que o IPPUJ, em 2003, implantou um bom projeto no que diz respeito às demandas dos usuários.

Figura 64: Configuração espacial da Praça Nereu Ramos em quatro períodos: Inicial, da Era Vargas, Crescente e Atual.



Esquema da autora. Sem escala.

4.3 Usuários e eventos

Há por fim, um último aspecto que certamente influenciará o futuro da Praça Nereu Ramos, e este diz respeito às transformações nas formas de se comunicar, de interagir e de obter lazer, ou seja, diz respeito aos *usuários* do espaço e aos eventos que os interessam. Por mais que seja possível fazer algumas previsões a respeito do futuro da Praça, estas são todas de curto prazo, ou seja, referentes ao futuro próximo. Isso porque não podemos prever as formas de comunicação e interação que surgirão em um futuro um pouco mais distante, visto as rápidas mudanças em tecnologia da informação e da interação social recentes.

É notório, por exemplo, que o público frequentador da Praça envelheceu. Jovens ainda frequentam o local, mas em proporção menor, ao menos para as funções de permanência. Há a hipótese de que tal fato está ligado ao cada vez mais estabelecido mundo virtual, que de certo modo exerce um papel que antes era exercido pelos espaços públicos, como lugar de sociabilidade. A geração de jogadores de dominó e cartas, por exemplo, têm idade média entre 50 e 70 anos. Estes cresceram sem computadores e parecem encontrar conforto e diversão suficiente na jogatina da Praça. Por mais que haja interesse por parte da população e por parte dos órgãos do governo em preservar as tradições, será possível imaginar que a geração atual encontrará o mesmo tipo de prazer em jogos de dominós ou similares, para que esta tradição se perpetue? A tendência, baseando-se em outros espaços em centros urbanos e nas entrevistas realizadas, é de que não. Certas tradições, tal qual a jogatina da Praça, tendem a se perder ou diminuir drasticamente de intensidade em longo prazo, sendo vislumbradas nesta previsão apenas no futuro próximo.

Outro fato que colabora para uma mudança gradativa nos usuários da Praça diz respeito ao fato de que a industrialização atrai cada vez mais pessoas de outros lugares para a cidade. Desta forma, o centro e a Praça são cada vez mais frequentados por pessoas que não estão cientes de sua história e tradições, colaborando para a diluição lenta daqueles elementos que são imateriais, ou para sua alteração. Se atualmente a história do centro e da Praça é contada por seus usuários como uma história de famílias, com a venda dos terrenos e edifícios para novos moradores, estabelecimento de comércios e serviços originários de outras localidades, e cada vez maior circulação de novos usuários, esta é também uma característica que tende a ser perdida. Se até então as famílias funcionaram como unidades estruturadoras do espaço, agora novas dinâmicas sócio espaciais desenvolverão este papel, tornando a cidade mais diversa e dando novos rumos para sua urbanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de não ter encontrado imagens do espaço onde hoje está localizada a Praça Nereu Ramos no início da ocupação do território, nem relatos que se refiram ao lugar como sendo relevante, induz a pensar que este não era, a princípio, considerado importante ou visto como um potencial espaço público.

Observando-se os projetos arquitetônicos das edificações do entorno imediato encontrados no Arquivo Histórico e analisados para a realização deste texto percebe-se que nenhum deles mostra os lotes onde hoje se encontra a Praça Nereu Ramos, ou dá nenhum indicativo de que havia a intenção de se utilizar aquele espaço para outros fins que não o residencial/comercial. Os desenhos antigos destes projetos se restringem aos edifícios e ruas do entorno, mostrando um foco no material, nas edificações como obras isoladas de um contexto de espaços públicos sequenciais que surgiria ali em breve.

No entanto, a posterior definição de uma sequência de espaços públicos na região causa a impressão contrária: um pouco antes da abertura da Praça Carlos Gomes definiu-se também a Praça Lauro Muller e a Alameda das Palmeiras. Faz sentido, então, pensar que a continuidade entre os três espaços públicos, suas proporções e suas posições tenham sido resultado de algum planejamento, e também de um percurso que ocorre naturalmente desde o princípio destes espaços, como foi descrito no segundo capítulo deste texto. No centenário da cidade, a criação de mais dois espaços públicos (Praça da Bandeira e Praça Dario Salles) na posição em que foram alocados, também causam a impressão de um planejamento consciente dessa sequência espacial, que tenta se integrar a ela e dar continuidade a esta ideia de desenho urbano cujos espaços abertos de lazer estão alinhados com os principais percursos utilizados pela população, apesar de não haver encontrado relatos, notícias ou projetos que comprovem esse fato.

Os espaços públicos centrais do período inicial eram como uma extensão do espaço privado: os casarões familiares cercavam a Praça e demais espaços públicos, funcionando como extensões dos quintais das famílias que ali habitavam. Durante o período da Era Vargas, o espaço da Praça ainda era uma extensão dos quintais, mas com um tom de formalidade que surgiu em função do momento político vivido na cidade, o que afetou completamente a forma como as pessoas utilizavam, inclusive, os próprios quintais. Durante o período seguinte a Praça se

estabeleceu como lugar público de sociabilidade e arte, tornando-se sala de espera para o cinema, ponto de encontro frequente e palco da cidade. Por fim, na atualidade, a Praça Nereu Ramos simplesmente cumpre todas as funções citadas anteriormente. Para os aposentados do centro, por exemplo, ainda é uma extensão de suas casas, ondem estes podem se encontrar ao ar-livre para jogar e conversar. A Praça é palco do Festival de Dança e de diversas apresentações artísticas e feiras, bem como manteve sua função comercial ao longo de toda a sua história.

Através dos levantamentos e entrevistas realizados para esta pesquisa foi possível perceber que nem todos os espaços públicos centrais de Joinville continuaram sempre tão movimentados como ocorreu com a Praça objeto de estudo dessa pesquisa. A urbanidade desta Praça, como apontam os resultados desse trabalho, parece ter tido continuidade tanto em função das linhas de movimento e das formas de circular que incluem o espaço da Praça, como em função dos usos que se estabeleceram no local ao longo do tempo.

Durante o período inicial, a urbanidade do lugar era garantida por sua posição estratégica em relação aos percursos comerciais mais utilizados. Ao final do período, também por sua posição em relação aos outros espaços públicos centrais; Durante a Era Vargas a urbanidade era garantida ainda pela posição da Praça em relação aos percursos mais utilizados pelos transeuntes do centro, mas também em função dos eventos formais que nela passaram a ocorrer, em função do momento político vivido e da escolha de tornar a mudança de nome do espaço em uma homenagem justamente a um homem responsável pela ambiência severa que se instalou na Praça; Já no período crescente a urbanidade teve continuidade com os fluxos naturais de pedestres que ali convergiam, mas também em função dos novos eventos a que passou a servir como consequência da onda de otimismo e novos investimentos na cidade. Atualmente esta urbanidade é perpetuada intencionalmente, e teve como respaldo um projeto de resgate da historicidade do centro que envolveu não apenas os profissionais responsáveis por seu desenho, mas os usuários da própria praça.

É notável e motivo de orgulho para o cidadão joinvilense que sua cidade seja uma força econômica reconhecida no estado, possuindo um pólo industrial de peso e bastante diverso. É comum ouvir trabalhadores e chefes de família locais auto afirmarem-se como profissionais: o orgulho do trabalho parece ser um valor bastante enraizado nesta sociedade. ‘Joinville é uma cidade onde se trabalha!’ – é fala muito proferida pelos moradores da cidade, mais ainda após a recente vinda de

inúmeras multinacionais à região. Muitas destas grandes empresas possuem recreativas: locais destinados ao lazer de uso exclusivo de funcionários da empresa e seus familiares. Atualmente, o trabalhador que levaria sua família para realizar atividades que pertenceriam a um parque ou praça, muitas vezes opta por ir à recreativa de sua própria empresa, reduzindo o uso de praças públicas e criando bolhas de interação social ‘protegidas’ e com público frequentador homogêneo. Por outro lado, alguns espaços públicos continuam sendo focos de urbanidade e parecem ter resistido perfeitamente a estas transformações, como é o caso da Praça Nereu Ramos. É local de encontros, de comércio, de exercícios de cidadania, de eventos culturais, de arte de rua, de manifestações sociais, entre outros, revelando em seu cotidiano a história, a memória, a arquitetura e a paisagem urbana que formam um repertório ritmado e polifônico da cidade, diariamente emanados por seus espaços de socialização.

Independente de intencional ou não, a Praça Nereu Ramos é um dos locais onde mais se pode sentir, tanto no espaço construído, quanto nas formas de se apropriar do espaço pelas pessoas, a história de Joinville e de seus habitantes. A cada marco histórico de Joinville, há uma mudança que ocorreu na Praça passível de ser explicada por este marco, como foi descrito ao longo de todo este trabalho.

Atualmente, a Praça é de uma urbanidade singular, e resiste às mudanças no modo de interagir socialmente, mantendo suas tradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, D. V. **Alma Espacial**. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, v. 3-4, n.1, p. 84-91, 2002.

SITTE, Camilo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. SP: Ática, 1992.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. EUA: MIT Press, 1998.

JOINVILLE - 160 anos de história. 2012. Disponível em: <<http://www.nossajoinville.com.br/160anos/>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

KRUGER, Vitor. **Herança Imperial**. 2010. Disponível em: <<http://nossajoinville.com.br/cotidianojoinville/tag/alameda-brustlein/>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

LINDNER, Graziela (Ed.). Praça Nereu Ramos ganha novo visual: Revitalização da área e restauração da sede do Ipreville devem estar concluídas em 4 meses. **A Notícia**. Joinville, 31 mar. 2000. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/2000/mar/31/0cid.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

PRAÇA Dario Salles será interditada para as obras do Rio Mathias, em Joinville: De acordo com o Ittran, o espaço ficará fechado pelo período de um ano. **Notícias do Dia**. Joinville. 22 jun. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/176898-praca-dario-salles-sera-interditada-para-as-obras-do-rio-mathias-em-joinville.html>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

PRAÇA é homenagem a interventor federal: Nome de Nereu Ramos substituiu o do compositor brasileiro Carlos Gomes. **A Notícia**. Joinville, 9 mar. 2001. p. 29-30. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/jville2001/pg09.htm>>. Acesso em: 05 out. 2014.

SAAVEDRA, Jefferson. **Nove de março, uma convenção histórica**. **A Notícia**. Joinville, p. 13-13. 09 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/jville99/his01.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

SOUZA, Giane Maria de; PEREIRA, Gabriela Moraes. Recortes de uma História Cotidiana. **Revista do Arquivo Histórico de Joinville**, Natal, jul. 2013. Disponível em:

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364223650_ARQUIVO_Recortesdeumahistoriacotidiana.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2015.

TENORIO, G.S. **Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB: Ao Desocupado em cima da ponte. Brasília, Arquitetura e Vida Pública**. Brasília. 2012.

TERNES, A. **Joinville, a construção da cidade**. Joinville: Seigraph-Bartira, 1993.

APÊNDICE A – Observação 01

Diário de Campo – Praça Nereu Ramos - 16:30 de Sexta-feira, 29 de Maio de 2015.

A Praça está cheia. Um som de violino ecoa pela área. Sento-me a um banco, e então consigo ver a origem do som: um *hippie* de calças de *patchwork* e *dreads* no cabelo improvisa em seu violino, em uma das extremidades da praça, próximo ao bar lotado de pessoas que bebericam sucos e cervejas. Seus sons compõem interessante sinfonia em conjunto com os sons dos carros que passam ruidosos na rua à frente dele.

Sou interrompida em minha absorção musical por um senhor de meia idade, com problemas de dicção, que me oferece gentilmente um desenho de minha face, à lápis, por singelos 10 reais. Diante da minha recusa, baixa o preço para 5 reais. A minha segunda recusa o faz seguir seu caminho, pacificamente.

Uma senhora com semblante irritado se senta ao meu lado. Sequer percebe o violinista, olhando para os lados, afoita. Subitamente se levanta e diz: “Odeio esperar!” – então me olha, ri nervosamente e segue caminhando apressada em direção ao bar. O músico aumenta a intensidade do som.

As ruas estão cheias, bem como a praça, que é inesperadamente invadida por um automóvel carregando peças que parecem fazer parte de uma estrutura metálica. Noto que há algo sendo instalado no palco, e que há um banner imenso ao fundo. Este mostra uma família sorridente de pai, mãe e dois filhos, e traz uma frase de efeito em prol dos valores familiares tradicionais. Imagino que seja um evento religioso, mas não ousou perguntar. O violinista interpreta ‘Yesterday’ dos Beatles.

Dois homens de terno chegam arrastando carrinhos embrulhados em lona, e se instalam entre o músico e o “canto do dominó”. Desembrulham as mercadorias, DVDs de filmes e música, e abordam os transeuntes, ironicamente ao lado de um carro da polícia. O canto do dominó ferve em risadas e conversas.

A maior parte dos bancos da praça está ocupada. Jovens, idosos, homens, mulheres e crianças fazem parte do cenário, apesar de que há um claro predomínio de homens de idade avançada, possivelmente aposentados. O som metálico das peças da estrutura batendo umas contra as outras a medida com que são descarregadas parecem interromper o *hippie* e seu violino, e este para e fuma um cigarro, calmamente

observando a movimentação dos homens que trabalham a descarregar as peças.

A maioria das pessoas está sentada, muitas estão sozinhas e apenas observam o movimento. Algumas fumam, muitas manuseiam seus celulares. Um carro-forte para em fila dupla em frente ao Hotel, e seus homens armados caminham com altivez em direção à lotérica. Ninguém os nota, com exceção de um menino que tem por volta de 6 ou 7 anos, que passa ao meu lado em direção à Rua São Joaquim. Ele aponta e questiona sua mãe, enquanto caminham: “Eles vão atirar na gente, mamãe?”.

O cheiro no ar é de pipoca, embora eu não enxergue nenhum pipoqueiro do ponto em que estou. Por volta das 18hs começa uma chuva fina, e pouco a pouco as pessoas sentadas vão se levantando e se afastando. Algumas se abrigam no bar, outras em alguma marquise próxima. Algumas simplesmente vão embora. Os trabalhadores terminam a descarga das peças e se retiram, deixando-as no meio da Praça. Os seguranças permanecem, abrigados sob a cobertura do palco, imagino que com a função de garantir a segurança da estrutura.

Os jogadores de dominó são os últimos a sair, reclamando em voz alta que a chuva está sempre acabando com seus campeonatos. A lua aparece no céu, apesar do cedo da hora, e o violinista toca algum clássico de Vivaldi cujo nome não me recordo, enquanto caminha em direção ao terminal de ônibus. A Praça está vazia.

APÊNDICE B – Observação 02

Diário de Campo – Praça Nereu Ramos - 9:45 de segunda-feira, 13 de Julho de 2015.

A Praça está úmida. O sol desponta acima da cobertura do bar, e esforça-se para secá-la. Os jogadores de dominó e cartas estão concentrados, com cadeiras e mesas de plástico em cima do palco, abrigados por sua cobertura, já que seu local habitual ainda está molhado pela breve chuva matinal que antecedeu a jogatina. Os taxistas fumam e conversam animados há alguns metros de distância, interagindo ocasionalmente com os jogadores em um clima amistoso, mostrando interesse pela competição, que parece acirrada. Homens-jogadores fumam charutos, sentados de pernas bem abertas e coluna ereta, em poses pretensamente viris. Encaram tão seriamente os oponentes, que penso estar presenciando um jogo de cartas entre mafiosos, no qual as próprias vidas estão em jogo.

Apesar de ser uma manhã cinzenta, uma jovem moça ajoelhada fotografa a bicicleta-fantasma a alguns metros de mim. Pelo crachá pendurado no pescoço julgo estar a trabalho, mas não consigo identificar seu propósito. A moça faz as fotos objetivamente e se retira.

A Praça está relativamente vazia. As portas das lojas no entorno estão abertas e seus funcionários estão em grande maioria, de pé na calçada em frente ao seu local de trabalho, como que convidando os transeuntes a entrar. Os trabalhadores interagem entre si, contam piadas em voz alta e comentam sobre planos para o fim de semana em meio a risadas e promessas de diversão e encontros.

O bar ainda tem pouco movimento, mas está aberto. Dois homens tomam uma cerveja em uma das mesas, enquanto noutra uma mulher toma um suco de laranja e observa o movimento. O proprietário do bar está agitado em uma faxina intensa, passando com um pano para lá e para cá, esvaziando lixeiras e varrendo o chão ainda úmido.

Percebo presenças estranhas à paisagem habitual da Praça: em sua lateral oeste, próximos a calçada, há três banheiros químicos. Junto ao palco, há uma estrutura metálica e lona armadas, com nada acontecendo abaixo dela. Imagino que seja resquício de um evento muito popular na Praça, a Feira do Príncipe, que ocorreu no dia anterior. A sombra gerada pela cobertura extra é agora aproveitada pelos aposentados, já que agora o sol está mais forte. Ainda há algumas poças no chão, e o banco onde estou sentada está quase seco.

Um rapaz de bicicleta rosa, feminina, passa bem devagar a minha frente e me encarando diz ‘Oi’, naquele tom intimidador comum ao tipo que pensa que flerta mas que invade o espaço das moças. O meu silêncio e olhar de reprovação o afastam, imagino eu.

Espalhados pelos bancos da praça há uma predominância de homens solitários, os ‘observadores’. Consigo contar 10 deles, espalhados por todo o local, que parecem não estar fazendo absolutamente nada. Estão apenas sentados, olhando para a frente. Nem mesmo observam a jogatina.

Olhando para minha direita, noto uma escadaria entre o Salão de cabeleireiros (Esmeralda) e a Loja de moda evangélica (Di Capim Dourado). Nesta escadaria encontra-se mais um homem solitário, que a desce com dificuldade utilizando duas muletas.

Há mulheres passando pelo local com frequência, mas estas parecem sempre estar indo a algum lugar. Me pergunto o porquê de nenhuma parar e se sentar encarando o nada, como fazem os homens.

Mudo de lugar, aproximando-me do bar. Sou então interpelada por uma mulher que segura uma prancheta e pergunta se pode me fazer algumas perguntas, logo explicando que está fazendo uma pesquisa para uma escola de idiomas. Aceito e ela me bombardeia com perguntas pelos próximos 5 minutos.

O sol começa a queimar minha nuca, enquanto três homens retiram os banheiros químicos, acomodando-os em um caminhão rapidamente, e indo embora.

A medida que o horário do almoço se aproxima, o movimento da Rua do Príncipe e da Praça vai aumentando. Muitos pedestres circulam, sejam casais, adultos acompanhados de crianças, adolescentes com mochilas escolares. Muitos carregam sacolas de compras, muitos mexem em seus celulares. Começa a tocar música alta no bar, e reconheço ser um forró sobre dores do amor.

Mudo de lugar novamente, sentando-me de frente para a Rua do Príncipe, de costas para a Praça. Há uma banca de artesanato ao meu lado esquerdo, me separando da área do bar. Um grande número de motocicletas estacionadas formam um pano de fundo para a bicicleta-fantasma.

Um novo grupo de jogadores se forma na extremidade da praça, desta vez no lugar destinado a eles. Como gangues inimigas, eles trocam olhares constantemente, alguns homens cospem no chão, rodeiam a mesa, coçam as partes íntimas, assumindo claramente posturas defensivas de seus territórios. O número de jogadores aumenta à medida que o sol fica mais forte. A Praça está quase seca.